FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1968

Edição da noite

ANO 48.º — NÚMERO 16 449

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END TEL.: DIBOA — TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A capital do México foi de novo cenário de violentos incidentes que, desta vez, causaram mais de vinte mortos. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»).

VINTE E SEIS MORTOS EM NOVOS DISTÚRBIOS NA CAPITAL MEXICANA

CIDADE DO MÉXICO, 3 — (A. N. I.) — Vinte e seis civis foram mortos e houve mais de uma centena de feridos no combate travado com forças do Exército mexicano em frente de uma pirâmide azteca, na capital mexicana, ontem à noite, na sequência de uma manifestação organizada por estudantes esquerdistas — anuncia a United Press International.

Supõe-se que o número de civis envolvidos na luta anda por dez mil.

Por recomendação superior, os 120 armeiros existentes na Cidade do México encerraram as suas portas e só devem abri-las depois de findos os Jogos Olímpicos.

Espera-se que esta medida contribua para reduzir as consequências trágicas da agitação que tem lavrado na capital mexicana.

O ministro mexicano da Defesa, general Maximino Garcia Barragan, distribuiu ontem á noite o seguinte comunicado á Imprensa:

«Um numeroso grupo de estudantes reuniu-se na Praça Tlatelolco para organizar uma manifestação em que se pedia a libertação da escola vocacional numero sete (do Instituto Nacional Politécnico) que eles entenderam ter sido ocupada pela Polícia».

«Para evitar um motim, a Polícia entrou em acção com o auxílio do Exército, ás 19 horas (3 de hoje, em Lisboa). Houve tiroteio, registando-se mortos e feridos de ambos os lados

(Continua na 15.ª página)

GOLPE DE ESTADO NO PERU

LIMA, 3 (R.) — O presidente do Peru, Fernando Belaunde, foi esta manhã deposto em consequência de um golpe de estado militar e tomou um avião para Buenos Aires.

Tanques e carros blindados cercavam o palácio do Governo, cerca de doze horas depois de Belaunde ter dado posse ao seu sétimo Governo desde 1963.

Às 2 e 45 da manhã (hora local) Belaunde foi retirado do palácio em segredo e levado num «jeep» para o quartel do Batalhão de Blindados.

«COBARDES»

O presidente resistia quando estava a ser levado para fora do palácio e logo que entrou no «jeep», branco de indignação, ouviram-no gritar: «Cobardes».

Além dos carros blindados no palácio do Governo e outros pontos estratéticos a capital tinha hoje um aspecto normal.

TINHA NACIONALIZADO...

Esta manhã foram publicados dois comunicados pelo novo Governo mas nenhum deles era assinado.

Grupos de estudantes universitários tentaram realizar manifestações em Lima, procurando incendiar automóveis quando distribuiam panfletos contra os autores do golpe de estado.

Nas ultimas semanas o presidente Belaunde tem sido alvo de severas críticas da oposição e dos magistrados por causa da política petrolífera e de ter nacionalizado os jazigos petrolíferos da International Petroleum Company em Agosto.

Fernando Belaunte Therry ao ser beijado pela filha, quando, em 1963, foi eleito presidente da Republica do Peru

NÃO HÁ PROVAS DE GENOCÍDIO DO POVO DE BIAFRA PELAS TROPAS NIGERIANAS

— AFIRMA UMA COMISSÃO INTERNACIONAL

LAGOS, 3 — (R.) — Um grupo de observadores internacionais na Nigéria anunciou hoje que não tinha visto «quaisquer provas de intenção» de eliminar os Ibos da Nigéria pelas tropas federais.

«O uso do termo genocídio não é de forma nenhuma justificado», declara o grupo no relatório oficial publicado hoje.

O relatório publicado ao fim de terem percorrido a zona oriental da Nigéria onde se trava a guerra civil era assinado por três dos membros do grupo e tinha seis páginas.

Os observadores foram convidados pelo Governo da Nigéria para investigar as afirmações de Biafra que afirmavam que as tropas federais estavam a praticar genocídio.

O texto diz que as tropas naquela região «desempenham uma acção positiva captando a confiança da população local e auxiliando-a a restabelecer a normalidade». Segundo se afirma aumenta o numero de habitantes que regressam ás suas aldeias, quase todos Ibos e não revelam receio das tropas federais.

Além disso acrescenta-se que estão a ser distribuídos alimentos e medicamentos á população civil por intermédio dos esforços combinados do exército, da administração civil e da Cruz Vermelha. Há, no entanto, dificuldades de transporte que afectam principalmente a distribuição dos medicamentos.

A SITUAÇÃO PODE AGRAVAR-SE

Os observadores dizem que a situação se pode tornar grave logo que um aumento de numero de refugiados e de habitantes comece a reclamar os seus lugares, dificultando a assistência. Dizem também que não conseguiram provas de quaisquer destruições deliberadas e supérfluas efectuadas pelas tropas federais, embora haja estragos consideráveis devido á guerra e cuja reparação será muito despendiosa.

HOJE — 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

George Wallace já escolheu o seu companheiro

PITTSBURGH (Pensilvania), 3 — (F. P.) — George Wallace, que disputa a Richard Nixon e a Hubert Humphrey a sucessão do presidente Johnson, designou o general reformado Curtis Lemay como candidato do partido independente á vice-presidência dos Estados Unidos.

O general da Força Aérea Lemay conta 61 anos, tendo organizado designadamente a aviação de bombardeamento estratégico dos Estados Unidos. É partidário da guerra a todo o custo contra os comunistas no Vietnam.

Entretanto, a U. P. I. informa de Saigão que George Wallace, candidato do terceiro partido, continua á frente dos seus adversários na sondagem realizada pelo jornal de Saigão de língua inglesa «Saigon Daily News».

Esta votação destina-se só aos norte-americanos actualmente no Vietnam do Sul.

PELÉ: ESPIÃO-TV POR 4500 CONTOS

SÃO PAULO, 3 — (R.) — O ídolo do futebol brasileiro Pelé vai ser o protagonista de uma série de aventuras para a Televisão, revelou hoje o «Jornal da Tarde».

O Jornal diz que Pelé assinou um contrato para uma série de 25 episódios de «suspense» e de espionagem. Receberá pelo contrato a soma de meio milhão de novos cruzeiros (cerca de 4500 contos).

Nota do dia

PRIORIDADE

Na sua primeira reunião de trabalho, o novo Governo examinou «a deficiência dos edifícios onde funcionam algumas escolas superiores da capital», resolvendo, como se diz no comunicado, «considerar de primeira prioridade a rápida solução do assunto». Pela nossa parte, continuamos agarrados à ideia de que muito mais importante e urgente do que fazer novos edifícios é fazer novos professores, mas de qualquer modo parece só por si uma grande promessa de trabalho que o Governo, por um lado ou por outro, se decida desde o começo da sua carreira a atacar o problema da Universidade, que não pode deixar de se entender como um dos mais acutilantes no mundo de hoje. Fundamentalmente, parece-nos, o grave é que a Universidade, tal como é concebida, deixou de responder ao que se espera das suas finalidades. A contradição está nisto: o saber renova-se a uma cadência alucinante, ao passo que a estrutura universitária envolve todo um conceito e toda uma habituação de estabilidade. Quer dizer: a Universidade é e está, ao passo que o saber transforma-se e corre. De modo que não tarda que se evidencie a conclusão de que a Universidade deixa de dispor em si dos meios para que efectivamente existe e foi criada (ensinar), pois que os quadros docentes, caracterizadamente estáticos e convencionais, com métodos de recrutamento complicados e principalmente solenes, não dispõem em si de especialistas suficientes e ignoram a dinâmica própria para ir buscar esses especialistas onde quer que eles estejam, mesmo que seja sem o espectacular atavio do capelo e borla. Nas últimas reformas de algumas Faculdades foram criadas, como era necessário que fossem, novas cadeiras correspondentes ao avanço do conhecimento científico. Simplesmente falta quem ensine. O remédio pronto e possível é ir buscar os especialistas onde quer que eles estejam, à Indústria ou à administração. Para ensinar — é preciso saber.

O 5 DE OUTUBRO VAI SER CELEBRADO EM LISBOA

O aniversário da proclamação da Republica vai ser comemorado em Lisboa com diversas cerimónias. Entre outras, a tradicional romagem ás campas dos combatentes do 5 de Outubro, no cemitério do Alto de S João, efectuar-se-á ao meio-dia, como de costume.

Nos tumulos de Machado Santos, Almirante Reis, Miguel Bombarda, António José de Almeida e outros serão depostas flores.

A concentração efectua-se naquele cemitério ás 12 horas.

ADOECERAM SÙBITAMENTE

Por ter adoecido sùbitamente no Largo do Calhariz, foi transportado numa ambulância do «115» ao Hospital de São José, onde chegou já modto, o sr. Rodolfo Lúcio Valverde Santos, de 62 anos, residente na Rua Garrett, 29-2.º, esq.º

Chegou também morto áquele hospital um invidíduo cuja identidade se desconhece, que aparenta 60 anos e adoeceu sùbitamente, esta madrugada, na Avenida de Ceuta.

A pintora junto de um dos seus quadros

ARTES PLÁSTICAS

Maria Brigida expõe no Estoril

A actividade cultural da Sociedade Estoril-Sol prossegue em ritmo notável, ampliada agora com uma exposição, no Casino Estoril, de quadros de Maria Brígida — vinte óleos e dez aguarelas, numa demonstração cabal da capacidade produtora da artista, que já demonstrou as suas qualidades em seis anteriores exposições individuais.

O certame foi inaugurado pelo sr. eng.º Azevedo Coutinho, presidente do Município de Cascais, após o que os quadros foram demoradamente apreciados por quase meia centena de convidados, entre os quais se encontrava o antigo ministro da Marinha, almirante Mendonça Dias. Todos os convidados foram recebidos pelos srs. Teodoro dos Santos, dr. Manuel Teles e Jorge Teodoro dos Santos, administradores da Estoril-Sol, que promoveu a exposição, a qual ficará patente ao público até ao dia 11 do corrente.

SORTEIOS PARA AS TAÇAS EUROPEIAS

O BENFICA FICOU ISENTO E O PORTO JOGARÁ COM O SLOVAN BRATISLAVA

GENEBRA, 3 — (R.) — É o seguinte o resultado dos sorteios hoje efectuados para as competições de futebol europeias:

Taça dos Campeões: AEK Atenas (Grécia) - Akademisk Copenhague (Dinamarca); Ajax Amesterdão (Holanda)-Fenerbache Istambul (Turquia); Real Madrid (Espanha)-Rapid de Viena (Áustria); Spartak - Trnava (Checoslováquia)-Reipas Lahti (Finlandia); Manchester United (Inglaterra)-Anderlecht (Bélgica); Celtic de Glasgow (Escócia)-Estrela Vermelha de Belgrado (Jugoslávia).

O BENFICA e o Milão estão isentos da próxima eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus».

Taça dos Vencedores das Taças - Graz (Áustria) ou Ado de Haia (Holanda)-F. C. Colónia (Alemanha Ocidental); Dunfermline Athletic (Escócia)-Olympiakos Piraeus (Grécia); Frejda Randers (Dinamarca)-Sliema Wanderers (Malta); Lyn Oslo (Noruega)-Norrkoping (Suécia); F. C. Porto (Portugal)-Slovan Bratislava (Checoslováquia); Dinamo Bucarsete (Roménia)-West Bromwich Albion (Inglaterra).

O Turim e o Barcelona estão isentos da próxima eliminatória deste torneio.

Os encontros contando para a *Taça dos Clubes Campeões Europeus*, assim como para a *Taça das Taças* deverão disputar-se em 13 e 27 de Novembro.

O ACTOR ROGÉRIO PAULO regressou de uma viagem pela União Soviética

Regressou a Lisboa o actor Rogério Paulo, que, em viagem de estudo, esteve em diversas cidades da Rússia, entre elas Moscovo e Leninegrado, onde visitou escolas de teatro e contactou com alguns actores e encenadores soviéticos, no intuito de virem a ser representadas naquele país peças de autores portugueses.

Rogério Paulo levou 12 peças portuguesas, que serão ali traduzidas e estudadas e, pelos contactos que teve, vê grandes possibilidades de se poderem ali representar algumas delas, tal como já acontece com peças de autores espanhóis.

— No caso de ser escolhido algum original português, seria a primeira vez que tal acontecia na União Soviética — sublinhou o conhecido actor. Rogério Paulo, um estudioso dos problemas de teatro, percorre todos os anos diversos países, para tomar contacto com o moderno teatro no Mundo.

MILITAR FALECIDO EM ANGOLA

LUANDA, 3 — (L.) — Por desastre, faleceu, na província de Angola, o segundo-sargento pára-quedista Filipe Serrano Mansos, natural de Mourão, filho de Marques Mansos e de Margarida Serrano.

Ora diga-nos...

— Quando veio para Lisboa?

A emigração para as cidades é um dos temas do nosso Suplemento Literário de hoje, em artigo assinado por Monteiro Alves. Três entrevistados põem datas no fenómeno.

● *Fato azul-escuro, de bom corte. Conversa fluente. Este homem instalou-se fàcilmente na vida da capital? Não assim, diz Joaquim Rocha, fotógrafo:*

— Vim para cá em 1948, tinha então treze anos. Um rapazinho, já vê... E vim por influência de minha madrinha, que me prometera um lugar assim que fizesse a 4.ª classe. Mas a razão principal era sair da terra, respirar outros ares, ver mundo. O meu primeiro emprego? Litógrafo ali à Rua do Arco a São Mamede: na «Litografia Amorim».

— E depois?

— Depois... trabalhei muito.

— Até ser o que é hoje?

— Exacto. Tirou-me as palavras da boca.

● *José Maria da Silva Marmelo, funcionário dos C. T. T. Dezanove anos simpáticos. Responde:*

— Estou em Lisboa há sete anos, desde 1961. Tinha cá família, mas vim por meio de umas zangas...

— Zangas que já passaram?

— Claro, claro.

— Como tem sido a sua vida?

— Quatro anos em mecânico de máquinas de escrever, os outros três nos Correios: fotocopiador.

— Difícil?

— Quando se tem gosto...

● *Simeão Augusto de Azevedo, cantoneiro de limpeza.*

Barba cerrada, olhos curiosos. Uma vida de trabalho? Muito, pouco? «Muito», diz. E acrescenta:

— Saí de Sernancelhe por causa da tropa, que fiz em Torres Novas, na Escola Prática de Cavalaria. Só depois é que apareci em Lisboa: há vinte e um anos.

— E tem trabalhado muito, segundo ouvimos.

— Muito. Primeiro andei na construção civil, era aquele edifício novo da Portugal e Colónias, conhece? Às tantas mudei-me para uma estância de madeiras na Avenida 24 de Julho. E por fim, Câmara com ele. Cantoneiro. Vão já — deixe-me ver — dezanove anos.

Morreu no Porto o coronel-médico dr. José da Silva Neves

PORTO, 3 — Faleceu, ontem, nesta cidade, na Rua António Cândido, 66, o coronel-médico dr. José da Silva Neves.

Combatente da Grande Guerra, era formado em Medicina e Filosofia pela Universidade de Coimbra. Foi para o Ultramar muito novo, tendo trabalhado nas campanhas da peste e da doença do sono. Dirigiu o Hospital de Luanda por longos anos e desempenhou o cargo de chefe dos Serviços de Saúde de Angola. Também desempenhou funções na província de Moçambique e foi incumbido de inquéritos na província de Cabo Verde. Foi chefe dos Serviços de Saúde do Ministério do Ultramar.

Tinha a idade de 81 anos, sendo viúvo da sr.ª D. Rosa Pereira Neves e pai das sr.as D. Alda Maria Pereira Neves de Lacerda e Megre, casada com o dr. José Pimenta de Lacerda e Megre; D. Maria Alice Pereira Neves Morgado Moura, viúda do dr Fernando Morgado Moura; D Maria Manuela Pereira Neves Pestana de Vasconcelos, casada com o dr José Pio Guimarães Pestana de Vasconcelos. Era avô dos srs António Maria Neves de Lacerda e Megre, casado com D. Maria Luísa Lobo e Silva de Lacerda e Megre; Duarte Morgado de Moura, casado com D. Maria Manuela Martins Morgado Moura; D. Maria Rosa Neves de Lacerda e Megre Ilharco de Moura, casada com o primeiro-tenente da Armada José Manuel da Costa Ilharco Moura; José Maria Neves de Lacerda e Megre, tenente do Exército, casado com D Fernanda Cid Monteiro de Lacerda e Megre; D. Maria José Neves Pestana de Vasconcelos Noronha e Meneses, casada com o guarda-marinha engenheiro maquinista da Armada Alexandre Cabral Noronha e Meneses; D. Maria Isabel e D. Maria Eugénia Neves Pestana de Vasconcelos; Francisco Maria e Nuno Maria Neves de Lacerda e Megre.

O corpo do extinto chegará amanhã, pelas 16 horas, á capela do cemitério do Alto de São João, onde ficará sepultado no talhão dos Combatentes.

Cortejo de oferendas

VILA DA FEIRA, 3 — Realiza-se, no dia 6, nesta vila, um cortejo de oferendas a favor da construção do hospital sub-regional de Vila da Feira.

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

Inscrições nas secretarias das 10 às 23 horas

Externatos:

- **Rua do Paraíso, 28 (entre a Graça e St.ª Apolónia). Tel. 865904-863232 — agora com ampliação e remodelação das suas instalações, incluindo modernos e bem apetrechados laboratórios. —**
- **Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile). Tel. 834658-831416.**

CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

O EXTRAORDINÁRIO PIANISTA

RUDOLF SERKIN

nos concertos inaugurais da temporada

15 E 18 DE OUTUBRO

AINDA EM OUTUBRO, OUTRO ACONTECIMENTO SENSACIONAL

MENSALIDADES DESDE ONZE ESCUDOS

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES Av. Sidónio Pais, 8 — Tel. 53 53 32

A TELEFONIA

Há um milímetro de gesto redondo nos meus dedos e logo não estou cá nem mesmo em Espanha, aqui ao lado, mas em França ou até na Inglaterra ou no Norte de África, que importância tem o mar? Podem sorrir, dizer que tudo isto é velho e sabido, que a Física... e que um tal Hertz... Mas para mim não é velho nem sabido, para mim foi e será sempre um mistério, e esta caixa de madeira e metal que tenho há tantos anos, tão mágica como a de Pândora — curiosa, a que continha todos os males ou todos os bens do mundo, ninguém o saberá nunca.

Podem pois sorrir à vontade só porque ainda se lembram (ou porque sempre ignoraram, também acontece) a Física. Podem sorrir enquanto eu olho para este quadro luminoso que no canto superior esquerdo começa em Veltem (onde diabo será Veltem?) e acaba em Budapeste no canto inferior direito, e eis-me a viajar no espaço e no tempo

Imaginemo-nos umas dezenas de anos atrás, e esta nossa época de hoje com as suas sondas espaciais, os seus satélites e até com as suas modestas televisões, os seus modestos aparelhos de rádio, seria plena ficção científica. Eis-nos pois a viver em plena ficção científica, embora sem nos darmos conta. É por isso que eu acho estranho e misterioso este Big Ben a dar agora mesmo as horas aqui, na minha casa, e eu a acertar o relógio por ele, e esta locutora de voz musical a falar-me, de lá, da sua fria cidade nórdica e a dizer que *Gute Nacht*, pois claro, deseja uma excelente audição aos radiouvintes, e ainda o outro, de Paris (ou Toulouse?) a aconselhar as pessoas a *acheter bien pour acheter plus* e isto porque *l'expansion c'est vous*, está mesmo a ver-se que é. Tudo isto ao mesmo tempo e ainda a notícia de que lá para oriente foi abatido um avião americano sem piloto, e a cantora de Rabat a gritar em muitas e longas vogais, e aquela lengalenga numa língua bárbara, se é que é, e alguém a dizer que *ladies and gentlemen*, boa noite a todos, tudo isto ao mesmo tempo ou quase, e eu aqui, na minha casa, debruçada sobre a velha, conhecida e sempre misteriosa caixa falante

Visita a Lisboa de especialistas franceses em problemas de habitação

Chegou ao princípio da tarde a Lisboa uma delegação do «Office d'Habitations à Loyer Modéré de la Ville de Paris», que vem, por sua iniciativa visitar as realizações da nossa capital no sector da habitação.

A delegação, que deve regressar no domingo à capital francesa, é constituída pelo dr Batier, presidente do conselho de administração e pelos srs. Watelet, conselheiro de Paris e vice-presidente do conselho de administração, Paul Faber antigo presidente do Conselho Municipal de Paris e secretário-geral do conselho de administração e Brisson e Bonichon, vice-presidentes do conselho de administração e ainda pela sr.ª Palmer, administradora, e pelo sr. Minier, director-adjunto.

Lavradores ribatejanos visitaram campos de milho

O programa de divulgação estabelecido (e integralmente cumprido) pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas para a Brigada Técnica da X Região foi agora dado a conhecer ao lavradores do Ribatejo através de visitas aos campos de divulgação e demonstração e de exposições verbais feitas pelos técnicos regionais. Para tal aquela Brigada enviou convites aos Grémios de Lavoura da sua área de acção, os quais abriram inscrições entre os associados. O grupo de lavradores inscritos para as visitas atingiu algumas dezenas Acompanhados pelo chefe da brigada, eng agrónomo Manuel Manso de Brito e mais técnicos, efectuou-se uma visita pelos campos de milho estabelecidos na Herdade da Coutada, no concelho de Constância, do dr. dr. Temudo de Castro Foram depois visitados os campos de divulgação localizados nas propriedades dos herdeiros do dr Norberto Pedroso e do sr. eng. João Coimbra, esta ultima no campo da Golegã

Os lavradores apreciaram, ainda, os campos de milho instalados no posto experimental de Culturas Regadas do Vale do Sorraia, organismo da referida brigada; e foi-lhes feita circunstanciada exposição acerca da obra de rega pelo presidente da respectiva Associação de Regantes.

Estiveram, por fim, no Centro Fabril da Cooperativa Transformadora dos Produtos Agrícolas do Vale do Sorraia, nesta altura em plena actividade.

Arrastado por terras (que se desprenderam) caiu dentro de um poço

ILHAVO, 3 — No lugar da Ponte de Vagos trabalhava, com outros operários, na construção de um poço, Manuel Marques Manco, de 52 anos, casado com Ludovina de Jesus, pai de 5 filhos, natural de Vale, freguesia do Covão de Lobo e residente na Ponte de Vagos. Quando o poço estava práticamente pronto, resolveram os trabalhadores remover areias e pedregulhos que estavam perto, mas aconteceu que essas areias se desmoronaram, arrastando aquele trabalhador para dentro do poço que tem de altura cerca de 6 metros. O infeliz operário caiu sobre a perna direita, ficando muito ferido. Retirado, com dificuldade, pelos seus companheiros, foi imediatamente conduzido ao Hospital Sub-regional desta vila, onde foi assistido pelo médico e mais pessoal de serviço. Tinha fractura da perna direita e mais ferimentos, pelo que, depois de tratado, ficou internado.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 1.200.000.000$00
RESERVAS 1.503.518.333$09

SEDE: AV. INFANTE SANTO, 2 — LISBOA 3

Fábricas em Alferrarede, Ansião, Barreiro, Canas de Senhorim, Freixo, Lisboa, Mirandela, Soure e Vila Nova de Gaia

OBRIGAÇÕES 6%, 1968-SÉRIE II

75 MIL CONTOS

Autorizado por Portarias do Ministério das Finanças de 6 de Abril de 1967 e de 18 de Setembro de 1968
Publicadas no «Diário do Governo», III Série, de 17 de Abril de 1967 e de 25 de Setembro de 1968

As obrigações de valor nominal de 1.000$00 são representadas por títulos ao portador de 1, 5, 10 e 100 obrigações de cupão.
As obrigações vencerão juros à taxa de 6% ao ano, pagáveis semestralmente em 15 de Janeiro e 15 de Julho de cada ano, no valor de 30$00 por obrigação. O primeiro cupão será pagável em 15 de Janeiro de 1969.
O rendimento dás obrigações beneficia de isenção total do imposto complementar e da redução de 2% da taxa do imposto de capitais o que, conjuntamente com o prémio de emissão e o escalonamento das amortizações, origina uma taxa real de rendimento líquido ao redor de 5,5% ao ano.
O pagamento de juros e o reembolso do capital será feito ao portador, sem despesas, com dedução dos impostos que forem devidos, mediante a simples apresentação do cupão ou título, em cada caso.
A amortização das obrigações será feita ao par, e por sorteio em 23 prestações semestrais sucessivas a começar em 15 de Julho de 1972, podendo a Companhia União Fabril, a partir do quinto ano do empréstimo, pagar antecipadamente a totalidade ou parte do mesmo.
Será requerida a admissão à cotação na Bolsa dos títulos deste empréstimo.

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

1 — As obrigações subscritas são oferecidas com um prémio de emissão de 15$00.
2 — O valor da subscrição (985$00 por obrigação) deverá ser integralmente pago no acto da subscrição.
3 — A subscrição ficará sujeita a rateio, a realizar dentro dos 30 dias seguintes à data do fecho da subscrição. Dentro deste mesmo período de tempo, serão devolvidas as importâncias correspondentes às obrigações que, por força do rateio, não forem atribuídas.
4 — A subscrição estará aberta de 30 de Setembro a 7 de Outubro próximo nos seguintes estabelecimentos bancários que tomaram firme a subscrição bem como nas suas filiais, agências e dependências:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
MONTEPIO GERAL
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES MAGALHÃES
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA-ALIANÇA
COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
CREDIT FRANCO-PORTUGAIS
ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
AUGUSTINE, REIS & C.ª
PANCADA, MORAES & C.ª
PINTO DE MAGALHÃES, LDA.

LISBOA, 27 SETEMBRO DE 1968.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
JORGE DE MELLO

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *O artista António Calvário deve participar na próxima revista do Monumental.*
- *A peça «A torre e o galinheiro» principiou esta semana a ser ensaiada pela companhia de Francisco Ribeiro.*
- *Devem principiar na próxima semana os ensaios da nova revista do ABC.*
- *A revista «Lisboa é sempre mulher» vai ser apresentada brevemente no Sá da Bandeira, do Porto.*
- *O autor teatral Fernando Ávila também colabora na próxima revista do Monumental.*
- *A Casa da Comédia vai levar á cena a peça em um acto: «A caixa de Pandora».*
- *O director musical da revista do ABC é o maestro João de Vasconcelos.*

MARIA VITÓRIA

«Grande Poeta é o Zé!...»

Não nos lembramos de espectáculo de revista que com tanta rapidez conquistasse, em absoluto, as boas graças do público, como a engraçadíssima revista «Grande poeta é o Zé!», o actual grande êxito do Maria Vitória.

É grande, todas as noites, o número de pessoas que se retiram por não conseguirem lugar, motivo por que se recomenda ao público que compre, com a devida antecedência, os seus bilhetes. Como é sabido, á frente do elenco estão os populares artistas Salvador, José Viana, Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dora Leal e Vítor Mendes, muito bem coadjuvados por Mariano Franco, Rosemary, Nina Flores, Tânia Mota e Sara Rafael e por um formoso grupo de bailarinas e «girls».

Com montagem de surpreendente beleza, lindo guarda-roupa e música popularíssima, a grande revista do Maria Vitória tem graça e crítica como, há muitos anos, o público não estava habituado. Todas as noites, duas sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas e, nos próximos sábado e domingo, espectáculos á tarde, ás 16 horas.

VARIEDADES

«A Flor do Cacto»

«A Flor do Cacto», uma excelente comédia de «boulevard», original de Barrillet & Gredy, com tradução de Jerónimo Bragança, está já com 16 meses consecutivos de representações. Vai sair de cena, dentro de dias, por Vasco Morgado ter o compromisso com a montagem de outros espectáculos. As pessoas que não puderam até agora aplaudir a «Flor do Cacto» têm ainda a sua oportunidade de ver Laura Alves num dos maiores desempenhos da sua carreira artística, muito bem coadjuvada por Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Hoje e todas as noites, espectáculos ás 21 e 45.

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher»

Poucas vezes se terá visto um espectáculo de revista atingir tão grande êxito como o que está a verificar-se no Teatro Monumental, com «Lisboa é sempre mulher», em que o público, nas duas sessões, esgota quase por completo a lotação. Na verdade, esta extraordinária revista tem merecido da crítica e do público os melhores elogios e aplausos. Desde o engraçadíssimo poema e a linda música até á genial interpretação do seu escolhido elenco, «Lisboa é sempre mulher» tem todos os atractivos para o es-

(Continua na 6.ª página)

ATRACÇÕES DA GRANDE NOITE DO FADO

O espectáculo que a Casa da Imprensa apresentará ao público de todos os bairros de Lisboa, na noite do próximo dia 22, no Coliseu dos Recreios, tem um cartaz com as mais populares «estrelas» dos palcos portugueses (e magníficas atracções estrangeiras).

Mais dois nomes grandes colaboram na Grande Noite do Fado: «Os Rocks» e Joaquim Cordeiro.

O PRIMEIRO GRANDE FILME DE AMOR DA NOVA ÉPOCA!

columbia films apresenta uma produção domino

OSKAR WERNER BARBARA FERRIS

Interlúdio de amor (interlude)

...Acontece uma vez na vida de cada um!

. Aquele amor não conduzia a nada
Ele sabia-o.
Ela também

Adultos

Argumento de LEE LANGLEY e HUGH LEONARD · Produtor associado JACK HANBURY
Produção de DAVID DEUTSCH · Realiz. de KEVIN BILLINGTON

COLUMBIACOLOR

AMANHÃ UMA NOTÁVEL ESTREIA

SÃO LUIZ VALADE

Acaba de sair:

ALMANAQUE BERTRAND

PARA 1969

Actualidades ● Anedotas ● Artes Plásticas ● Calendário ● Charadas ● Ciências ● Curiosidades ● Desporto Ficção ● Humor ● Informações ● Letras ● Marés Passatempos ● Poesia ● Vida Artística

Volume brochado: 30$00

LIVRARIA BERTRAND

COLISEU

HOJE ÀS 21 E 30

(Maiores de 6 anos)

As grandes atracções do

CIRCO

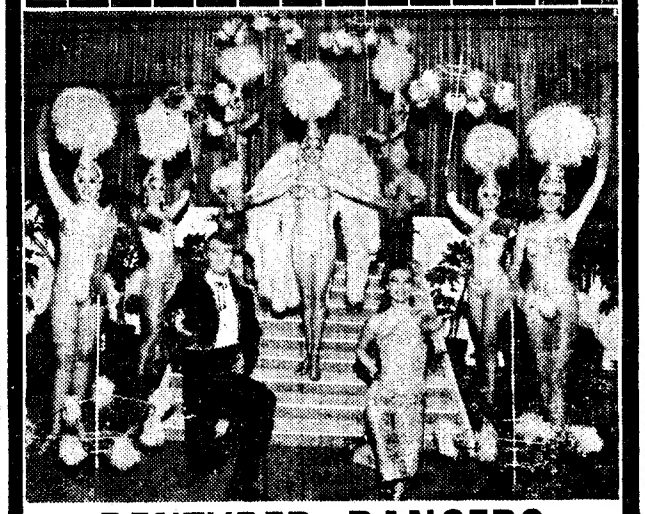
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL

NÚMEROS DE SENSAÇÃO

PALHAÇOS

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta



BENTYBER DANCERS

COM CLAUDETTE WALKER E LINDSAY DOLAN

SHEELA MUNRO

VEDETA DA CANÇÃO E DA TV INGLESA

THE VILLAM'S

MALABARISTAS E FANTASISTAS

DARIO DE BARROS

LOS SANTOS

COM FRANCE CARROLL

OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

NO CINEMA, ÀS 17 E 21.30 H.

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

(MAIORES 17 ANOS)

MACACO SEM PÊLO

«Selecções» antecipa-se ao lançamento de um «best-seller» internacional, mostrando, em forma condensada, como o «macaco sem pêlo» deriva de sua sexualidade altamente desenvolvida o seu sistema familiar, seu método de trabalho, seus costumes sociais, e até mesmo a forma de suas vestimentas. Leia este interessante artigo em «Selecções» de Outubro, já á venda, numa distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

HONG KONG

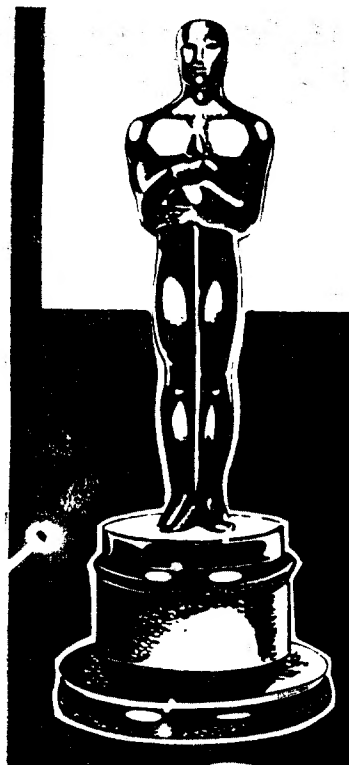
RESTAURANTE CHINÊS COZINHA PORTUGUESA

ACTUALIZOU A SUA QUALIDADE

NOVOS COZINHEIROS! ● NOVAS EMENTAS!

— NOVOS PREÇOS —

RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 23 — TEL. 53 86 65 — LISBOA



VENCEDOR DE 5 OSCARS

MELHOR FILME DO ANO

NO CALOR DA NOITE

"IN THE HEAT OF THE NIGHT"

MELHOR ACTOR / ROD STEIGER

MELHOR ARGUMENTO
MELHOR SOM
MELHOR MONTAGEM

UMA PRODUÇÃO NORMAN JEWISON · WALTER MIRISCH
com

SIDNEY POITIER · ROD STEIGER

UNITED ARTISTS Transamerica Company

HOJE às 21.30
SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA NO CINEMA

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

RANK FILMES

Argumento de STIRLING SILLIPHANT · *Produção de* WALTER MIRISCH · *Realização de* NORMAN JEWISON

e WARREN OATES · LEE GRANT

COLOR DeLuxe — *Música de* QUINCY JONES • "IN THE HEAT OF THE NIGHT" *Por* RAY CHARLES — ***Adultos***

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

pectador passar duas horas de inteira satisfação. Camilo, Florbela, Breyner, nas principais figuras, têm o seu lado, também com excelentes desempenhos, Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, Alice Carla, Júlia Alves, Helder de Oliveira, Luís Mascarenhas e as atracções Maria Teresa Quinta e Vum-Vum. A encenação é de Camilo de Oliveira, a direcção coreográfica pertence a Fernando Lima e a montagem, figurinos e direcção do guarda-roupa são de Pinto de Campos. Hoje e todas as noites, espectáculos ás 20 e 45 e ás 23 horas.

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Doris Day · Terry-Thomas
Robert Morse

com Lola Albright, Steve Allen, Jim Backus, Ben Blue, Pat Paulsen

A HISTÓRIA NA ESCURIDÃO. DE OITO MILHÕES DE NOVA-IORQUINOS... ÀS APALPADELAS UNS AOS OUTROS!

Argumento de Everett Freeman e Karl Tunberg
Realização de Hy Averback
Produção de Everett Freeman e Martin Melcher

PANAVISION METROCOLOR MGM

Adultos

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

CONDES AMANHÃ ROMA

SAPATARIA 28

A MAIS ECONÓMICA DE LISBOA

SECÇÃO ORTOPÉDICA PARA CRIANÇA

GRANDE STOCK DE CALÇADO PARA COLEGIAIS

RUA JOÃO DAS REGRAS, 4 H-4 I (antiga R. do Amparo)

HIPPIES

FAÇA-SE MEMBRO DA HIPPIES E OBTENHA O SEU CARTÃO.

PEÇA CONSELHOS DA NOVA MAQUILLAGE DE INVERNO

Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A — Telefone 4 58 91

TEATRO VILLARET

«Oh, que delícia de coisa»

Há luz, cor alegria e juventude no grande espectáculo que todas as noites vai á cena no Villaret apresentado por Vasco Morgado — «Oh, que delícia de coisa», disparate cómico inventado por Gila, encenado por Carlos Avilez e com coreografia de Águeda Sena em cenário de Pinto de Compos. Com canções de César de Oliveira, «Oh, que delícia de coisa» que há já 4 meses vem divertindo o público da capital é interpretado por Raul Solnado (o tal que é um caso de humor á primeira vista), Ana Paula, Fernanda Borsatti, Henriqueta Maya, Barroso Lopes, Luís Tito, Carlos Queirós e ainda Fialho Gouveia. Hoje, 2 sessões, ás 21 e ás 23 horas Aos domingos, «matinée» ás 16 horas e um só espectáculo nocturno, ás 21 e 45.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Estúdio

Título em português — «A noite é perversa».
Título original — «You're a Bing Boy Now».
Produção — Americana.
Realização — Francis Coppola.
Intérpretes — Elizabeth Hartman, Geraldine Page, Peter Kostner e Rip Tarns.
Género — Romance.
Distribuição — Exclusivo Triunfo.
Processo — Normal.
Classificação — 17 anos.

No São Jorge

Título em português — «No calor da noite».
Título original — «In the Heat the Night».
Produção — Americana.
Realização — Norman Jewison
Intérpretes — Sidney Poitier e Rod Steiger.
Género — Romance.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Color DeLuxe.
Classificação — 17 anos.

«Grande Festival Popular da Canção Portuguesa»

Prossegue a inflação dos «Festivais de Cantigas». Agora, segundo se anuncia, está outro a bater-nos á porta: trata-se do «Grande Festival Popular da Canção Portuguesa de 1968», iniciativa que tem como polo centralizador o pianista Humberto Batalha.

Na lista de intérpretes deste «Grande Festival Popular», um punhado de nomes ainda sem grandes rasgos na carreira buscam a sua hora de glória: Maria Gascon, Sonya Ferreira, Lena Calazans, Rosita Afonso, Dina do Carmo, Corina Maria, Leopoldo Rebocho, Rui Diniz e António Serrano.

Preceitua-se que a votação pertencerá ao público que, em teatros, cinemas ou sociedades recreativas, assistiu á exibição desta «jovem-guarda» de cançonetistas no desempenho de melodias inéditas da autoria de poetas e músicos criada sem ingresso nos grandes tablados radiofónicos.

Conjunto Sousa Machado

O Conjunto Musical Sousa Machado, que tomou parte no Cruzeiro ao Mar Báltico, contratado pela Mundial Turismo, regressou ao nosso País e retoma em breve a sua actividade.

Escola de bailado

Reabre no dia 7 a escola de bailado, dirigida por Vera Varela Cid, nos seus estúdios de Lisboa e da Parede. Como nos anos anteriores a Escola mantém o estudo da arte da técnica do bailado, com aulas de iniciação, aperfeiçoamento e especialização. As inscrições encontram-se abertas para todos os alunos a partir dos 4 anos, dando-se informações pelos telefones 262089 ou 45781, e a partir de 5 do corrente pelo telef. 314391.

T.V. SCHAUB LORENZ RÁDIO

O NOVO ESPECTÁCULO DO CASINO ESTORIL

O Casino Estoril oferece um novo espectáculo aos seus frequentadores, com todas as virtudes que caracterizam as regulares programações de «music-hall» da sala de visitas da nossa Costa do Sol.

Quatro atracções de bom nível — Bentyber Dancers, Sheela Munro, The Villiam's e Dário de Barros — oferecem-nos mais de sessenta minutos de encantamento, para tal convenientemente ajudados pelo enquadramento cenográfico e pela bem orientada movimentação de luzes, factores que têm vindo a valorizar-se desde a inauguração do novo Casino.

As Bentyber Dancers são oito autênticas profissionais do bailado, três escolturais modelos, um bailarino e uma primeira-bailarina, Cleudette Walker, que é ao mesmo tempo a coreógrafa dos numeros apresentados pelo conjunto: duas encantadoras fantasias de nítido estilo francês, numa agradável profusão de plumas e lantejoulas, e um bem ritmado arranjo sobre melodias sul-americanas, em que predomina o mambo.

Shella Munro aparece-nos como vedeta do espectáculo. E tem, para tal, todos os requisitos: boa presença, elegante guarda-roupa, excelente voz e bem escolhido repertório. Conquistando o público fácilmente, faz-se aplaudir em modernas canções norte-americanas, dolentes baladas francesas e, sobretudo, em «Les Gitans», que ela vulgarizou nos Estados Unidos, onde o seu nome figura habitualmente nos melhores cartazes da Broadway.

Igualmente populares nas Américas são The Villam's, mestres incontestáveis do malabarismo, que são um dos momentos altos do «show». Considerados dos melhores do mundo no seu género, The Villam's estão no Estoril de passagem para Las Vegas, onde irão cumprir contratos pelo prazo de dois anos.

O quarto componente do cartaz é Dário de Barros — o conhecido actor que agora quer tentar nova faceta artística.

ELIZABETH HARTMAN
(Vedeta de UMA RÉSTEA DE AZUL)

Dirigida por FRANCIS COPPOLA
em
A noite é perversa
"You're A Big Boy Now"

O filme que representou a U. S. A. no FESTIVAL DE CANNES

...OS ENCANTOS
AS DESILUSÕES
E AS REALIDADES DA
DESCOBERTA DO AMOR...

com GERALDINE PAGE PETER KASTNER
RIP TORN/MICHAEL DUNN
TONY BILL/KAREN BLACK, JULIE HARRIS

HOJE ÀS 21,45
ESTREIA

Adultos

estúdio

Um filme de SEVEN ARTS Dist. por EXC. TRIUNFO

★ LYS ★

Telef. 48560
Às 15 e 21 h.
M/ 12 anos

A FERA AMANSADA

Panavision, colorido, c/ ELIZABETH TAYLOR, RICHARD BURTON E NATASHA PYNE

COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

Sábado e domingo, às 18.30 h. ESPECTÁCULO PARA TODOS (M/ 6 anos)

A estação do Metropolitano junto a este Cinema é a do Intendente

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

QUARTO DE BRINQUEDOS

Já ninguém pode sonhar
longe de ver-se acordar
de tudo que em sonho ponha
lá no mais alto lugar.
É tempo de se lembrar
que não é verdade: sonha.
Mas já que o sonho não quer
ser sonho em realidade
que mais podemos fazer?
Há só que acordar e ver
que não é sonho: é verdade.

Os meus leitores são entendidos na matéria o bastante para perdoar as fraquezas de um sujeito que morto de sono, perdão, morto de sonho por influência da peça de Calderón de la Barca, resolve não dormir enquanto não fizer o gosto ao dedo de compor, ele também, uns versinhos alusivos.

Alusivos a quê? A vida, em resultado de grave meditação e pessimismo, como o seu amigo Calderón (adeus ó colega!)? Não tanto. Sejamos mais modestos. Pessimista, sim, porém não em relação á vida mas em relação á capacidade da televisão portuguesa de inventar e realizar um programa infantil para os portugueses de palmo e meio. Há tempos, foi a França buscar o «Carrossel mágico». Agora foi aos Estados Unidos e trouxe «O quarto de brinquedos». De ambas as vezes pode limpar as mãos á parede com as lindas obras importadas.

«Quarto de brinquedos» abriu ontem as suas portas. Seis meninos de nomes muito bem, uma preceptora tímida que, pelo consumo de planos, se comportou como a principal vedeta. Sem motivo, diga-se desde já. Maria Isabel, de pronúncia exageradamente alfacinha (ou «snob»?) trata os meninos de cinco anos por você. Para eles, Maria Isabel deve ser uma coisa do outro mundo.

Há um piano que toca sem entrar no jogo, como na ginástica musicada. Não sei quê, a marcha do coelhinho... Maria Isabel lembra aos pequenos: «Ana Manuela, peça a musica do palhaço»... Os meninos pedem. Faz-se uma roda, Maria Isabel comanda a cantiga. Depois esvaziam uns balões, acha-se muita graça, a Maria Isabel diz para os meninos lá de fora do «écran»: «*Brinquem também como nós; se não tiverem balões, façam de conta*». Façam de conta o quê? Que é que eles esvaziam, a não ser o bolso da mãe para comprarem um balão?

Depois a preceptora segue por um livro confuso uma história intitulada: «Totó explorador», com esquilos e bichos.

Depois Maria Isabel diz ao espelho:

Diz-me, espelho, os teus segredos
que eu tanto quero saber
se no quarto de brinquedos
brincámos hoje a valer

Sim, senhor. Brincámos a valer. Foi uma alegria, uma animação...

Mais do que aquilo só mesmo em jazigo de família nos dias de festa. Tanto sonhei um programa infantil digno das crianças portuguesas e vai-se a ver o sonho acabou, veio a realidade. E a realidade doeu claro. Oxalá eu viesse a enganar-me. Que aquela pasmaceira, aquele nenhuma coisa de coisa nenhuma feito, tivesse sido consequência da natural falta de experiência e que tudo venha a compor-se, pelo tempo adiante. Oxalá! Que tenho funestos presságios, isso tenho. Que tudo aquilo me parece outra edição do «Carrocel Mágico» em carne e osso do Lumiar, isso parece, com a troca do vivaço Franjinhas pelas abelhas moscas-mortas, e do Saltitão pela Maria Isabel. E de qualquer modo, aquilo não é o programa que os nossos meninos esperavam. Divertem muito mais as aulas de musica e ginástica da TV educativa, aos domingos. Com a vantagem da total ausência de «snobismo».

UM MOLHO DE ROBRICAS — O *programa feminino* deu penteados, é claro que os penteados tinham de vir. Fiquei a saber muitas e desvairadas coisas: na moda actual, há cabelos com três dimensões: *curtos, meio curtos e mais compridos*. Uma complicação. Bem faço eu que é sempre á inglesa curto.

No *Desporto em câmara-ardente*, perdão!, no *Desporto em camaralenta* tivemos oportunidade de ver fases dos treinos dos nossos representantes em ginástica nos jogos olímpicos do México. A ideia não nos pareceu assisada. A câmara lenta é uma arma de dois gumes: faz sobressair a perfeição ou o defeito. E o desenvolvimento da ginástica em Portugal não justifica ainda prova tão dura como a da lentidão inexorável da câmara.

Lélio Ribeiro esclareceu que não alcançaríamos no México posições cimeiras. Pois não. Quem foi que falou nisso? E também disse que os dois ginastas portugueses ainda têm umas falhas, mas contam com três semanas de preparação.

Professor!, o senhor não estava a falar sério, pois não? Diga que não. Diga, que é para eu poder continuar a ouvi-lo calmamente. Acaso, nos domínios da ginástica, pode recuperar-se em três semanas um atraso de três décadas? Sinceramente, mesmo atendendo á ne-

(Continua na 9.ª página)

HOJE PODE VER...

● Às 21 e 55: Auditório musical

A R. T. P., apresenta, esta noite, no Auditório Musical, a Sinfonia n.º 4, de Robert Schuman, pela Orquestra Sinfónica de Viena sob a direcção de Herbert von Karajan, numa realização de Henri Clouzot.

● VENHA RIR COM A GENTE AO

MARIA VITÓRIA

ONDE O PÚBLICO APLAUDE COM ENTUSIASMO, TODAS AS NOITES, às 20.45 e 23 HORAS, A COLOSSAL REVISTA

GRANDE POETA É O ZÉ!

O TRIUNFO DE UM GRANDE ELENCO

COM

★ SALVADOR ★ VIANA ★ MARIEMA

★ MAX ★ ANITA ★ DORA LEAL ★ VICTOR MENDES ★ MARIANO FRANCO

e a atracção

BRIGITTE ST. JOHN

José Viana no «Catedrático do Fado»

—★—

ADULTOS

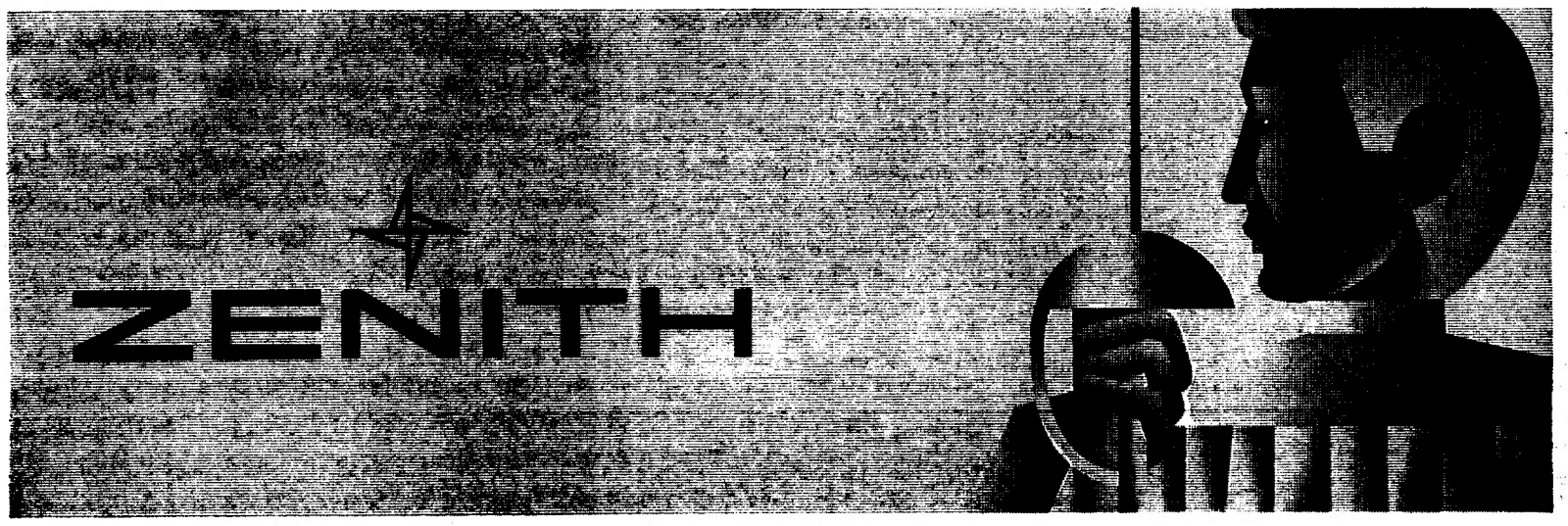
● SÁBADO E DOMINGO ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

A TAP OFERECE-LHE UM MANUAL PRÁTICO COM TODAS AS INFORMAÇÕES REFERENTES AOS DESCONTOS PARA VISITANTES AOS ESTADOS UNIDOS

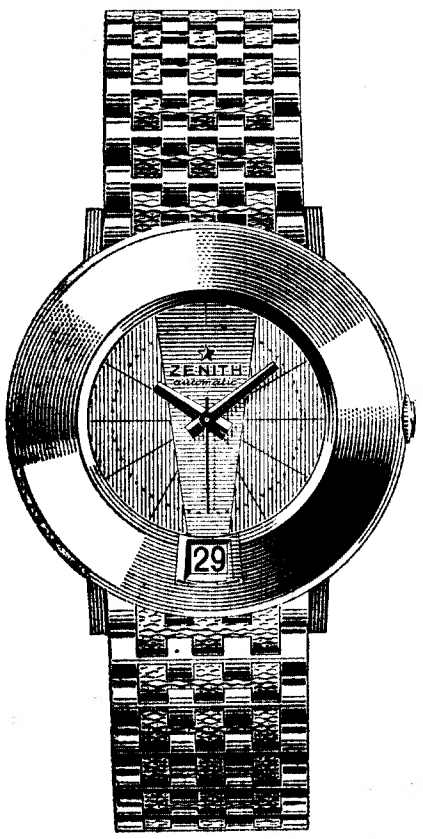
A TAP oferece-lhe agora um manual prático com todas as informações referentes aos descontos para visitantes aos Estados Unidos. São descontos que vão até 50%... em viagens aéreas, hotéis e restaurantes, nos caminhos de ferro, nas carreiras de camionetas, no aluguer de automóveis, lojas, entradas de espectáculos, excursões, etc....
No conjunto, isso poderá representar muito milhares de escudos de economia.

Visite os Estados Unidos com a

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES



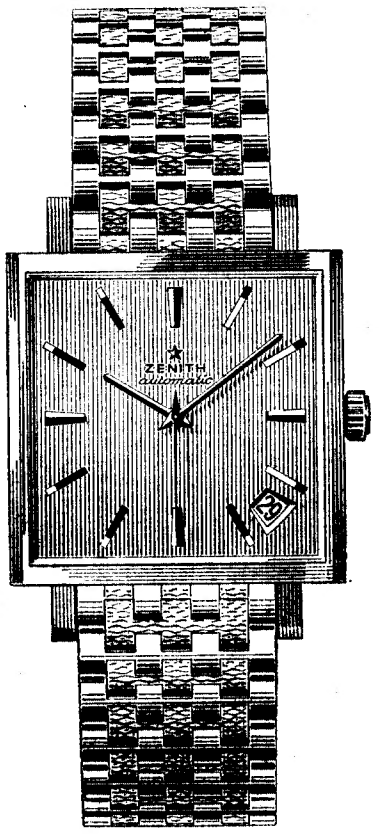
ESTE ...



Ref. 6 620

ZENITH — automático, calendário, impermeável, em aço ou ouro.

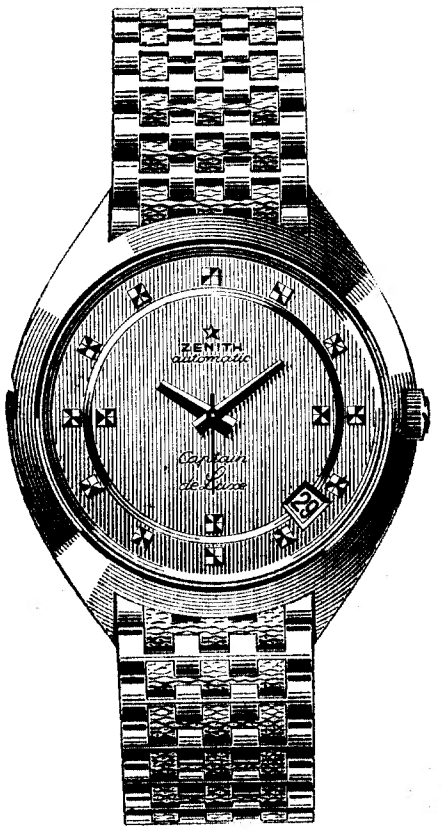
ESTE ...



Ref. 767

ZENITH — automático, calendário, impermeável, em aço, plaqué ou ouro.

OU ESTE ?



Ref. 10 615

ZENITH — Captain de Luxe, automático, calendário, impermeável, em aço ou ouro.

...QUALQUER QUE SEJA, É SEMPRE UM VERDADEIRO VALOR.

ZENITH

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 3 de Outubro de 1938 publicava:

«Faz hoje 28 anos que foi assassinado o professor dr. Miguel Bombarda. Um louco em liberdade entrou no gabinete do director, pequena sala à esquerda da entrada principal do Manicómio e — poucas palavras pronunciadas — desfechou.

O ilustre médico e cientista morreu no mesmo dia.»

CURIOSIDADES

● Sonhar com os números

Como se sabe, há muitas pessoas que «ligam» aos sonhos e procuram interpretá-los. Talvez seja uma crendice como outra qualquer. No entanto, aí vão alguns significados de sonhos em que entram números: 1 — desastre; 2 — ambição; 3 — prestígio; 4 — força de vontade; 5 — casamento próximo; 6 — boas realizações; 7 — boa saúde; 8 — falta de saúde; 9 — destruição de projectos; 10 — obtenção de muitas coisas desejadas.

● Via Láctea

A larga faixa abrangida a que o povo chama Estrada de Santiago tem também a sua fábula segundo a qual foi formada por gotas de leite caídas do seio de Juno enquanto esta amamentava Hércules.

O cientista Herschel calculou em 50 mil o número de estrelas da Via Láctea que, durante uma hora, passaram diante dos seus olhos.

● Diagnóstico do reumatismo

O mais importante resultado comunicado na Semana Alemã de Terapia, realizada em Karlsruhe (Alemanha Federal) diz respeito a um aperfeiçoamento fundamental do diagnóstico do reumatismo. Os investigadores nas Fábricas Behring, em Marburg, forneceram pormenores sobre novos testes por eles desenvolvidos que permitem distinguir as diversas formas de reumatismo.

● Café da Venezuela

A quota anual da Venezuela no mercado internacional do café é de 370 mil sacos de café de 60 quilos cada um. Desta quota, o país cobre apenas cerca de 200 mil sacos, segundo cálculos recentes da Câmara de Comércio de Maracaibo.

ANEDOTAS

O patrão perguntou ao criado:

— Por que se demorou você tanto, Augusto?

— Caí pela escada abaixo — explicou o criado.

— E isso levou-lhe assim tanto tempo?

●

Um mendigo pára diante de uma loja de malas. O caixeiro aproxima-se e diz-lhe amàvelmente:

— Deseja uma mala?

— Para quê?

— Bem, para meter a sua roupa.

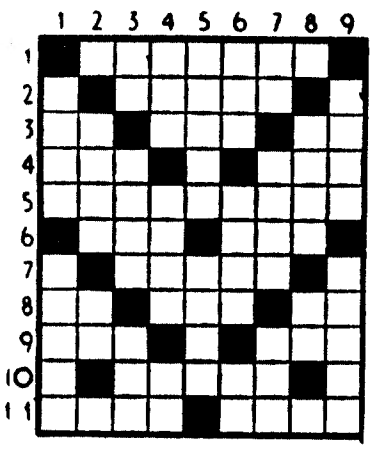
— Oiça lá — retorquiu o mendigo —, o senhor quer que eu ande por aí nu?

— Não me importo que o prendam, sr. guarda... Mas, ao menos, deixem-me algum do dinheiro...

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4959



HORIZONTAIS: 1 — Antiga região da Ásia Menor, ocupada pelos Gauleses em 278 A. C. 2 — Surripiar. Artigo definido. 3 — Pêlos de certos animais. Saudável. Viração. 4 — Heroína francesa que foi queimada viva. Composição poética. 5 — Precaução. 6 — Época. Ena! 7 — Suave. 8 — Artigo indefinido. Pedra de altar. Mulo. 9 — Ninho. Vai para fora. 10 — Vila e concelho do distrito de Portalegre. 11 — Leva á sirga. Queima.

VERTICAIS: 1 — Parte do boné (inv.*). Jamais. 2 — Apre. Nota musical. 3 — Atmosfera. Sara. Vazio. 4 — Rio de Portugal. Actriz. Batráquio. 5 — Afie. Vagueia. 6 — Animal doméstico. Boneca de pano. Basta. 7 — Caminhar. Vagar. Ribeira do distrito de Portalegre. 8—Transfere para outro dia. Cânhamo de Manila. 9 — Superfície plana delimitada. Nome da parte ocidental da África, que se estende da Senegâmbia ao Congo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4958

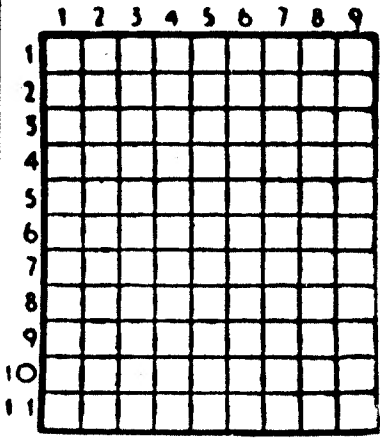
HORIZONTAIS: 1 — ONDE. Pago. 2 — Rio. Calar. 3 — Lot. Agi. 4 — Ásia. Pó. 5 — Pros. Si. 6 — Ciam. Ge. 7 — Aam. Certo. 8 — Ni. CHORAM. 9 — Ara. Bra. 10 — Erres. Não. 11 — Sais. Sois.

VERTICAIS: 1 — Orlo. CANTES. 2 — Nio. Piai. Ra 3 — Dotaram. Ari. 4 — Som. Crês. 5 — Cais. Chãs. 6 — Paga. Geo. 7 — Alí. Serrano 8 — Ga. Pi. Tarai. 9 — Orço. Pombos

Provérbio: ONDE CHORAM, NÃO CANTES

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8803



HORIZONTAIS: 1 — Republica Federal da América do Sul, limitada ao N. pela Bolívia e o Paraguai. 2 — Crença. Nome de mulher. 3 — Ecoo. 4 — Espaço de doze meses. Içai. 5 — Realizo. Organização das Nações Unidas (abrev.). 6 — Vi. Princípio. Seiscentos em romano. 7 — Mau cheiro. Esmonca. 8 — Cidade da Alemanha. Rio da Suíça. 9 — Aperto molhos. 10 — Nome de mulher. Pronome pessoal. 11 — Terra nova e arroteada de fresco. Oficiante eclesiástico judeu, que pratica a circuncisão.

VERTICAIS: 1 — Azáfama. Freguesia do concelho de Torres Novas. 2 — Nota musical. Vértice. Viração. 3 — Liga. Elimina. 4 — Cério (s. q.) (inv.*). Rezo. Ligeiro. 5 — Em as. Ovário dos peixes. Antes de Cristo. 6 — Troveja. Sufixo que designa abundancia. Preposição. 7 — Sacrifico. Saudáveis. 8 — Laço. Podiola portátil e ornamentada, destinada a conduzir imagens nas procissões. Pronome pessoal. 9 — Miuçalha Um dos pontos cardeais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8802

HORIZONTAIS: 1 — Sabá. Uva. 2 — Carmona. 3 — Laore. Ru. 4 — Sra. Tom. 5 — Afio. Amo. 6 — Alsácia. 7 — Alia. Apor. 8 — Tua. Use. 9 — Uã. Amais. 10 — Abalroa. 11 — Via. Aaro.

VERTICAIS: 1 — Sc. Ca. Atum. 2 — Aal. Falua. 3 — Brasília. Aí. 4 — Amorosa. Aba. 5 — Ora. Uma. 6 — Une. Acasala. 7 — Vã. Tripeira. 8 — Romão. Sôr. 9 — Sumo. Ro. Ao.

TV DIA A DIA

(Continuação da 1.ª página)

cessidade de moralizar «os nossos bravos rapazes» há coisas que não devem dizer-se.

Logo a seguir ao *Telejornal* assistimos a mais um «TV Clube» com o «Jirina's Combo». Canções em inglês com cabelos compridos e pestanas pintadas. Sand e Shaw e o Tom Jones deviam ter as orelhas a arder. Enfim, muita flauta. Em resumo: conjunto bom para cruzeiros no Mediterrâneo.

NOITE DE TEATRO: «A vida é sonho», de Calderon de la Barca —

A vida terrena é um sonho de que só acordamos na pátria celeste. Mas mesmo a sonhar, deve praticar-se o bem.

... pois não se perde
o bem que se faça, mesmo em sonhos

Eis o que nos diz Calderon de la Barca num dos seus dramas mais importantes: *A vida é sonho.*

Como se vê, é nítido o desencanto com que o grande dramaturgo olha para a vida. No suposição de não ser possível a felicidade na Terra, Calderon transfere essa possibilidade para uma vida extraterrena.

O pessimismo é um atributo histórico. Tem raízes que transcendem o indivíduo para se justificarem num estrato social, numa conjuntura determinada. Se nos lembrarmos que «A vida é sonho» foi escrita em 1635, numa época de crise para os grandes senhores espanhóis, de quem Calderon era servidor, teremos um princípio de justificação para o pessimismo deste e doutros dramas seus.

A peça, levada ontem na Televisão, é das que se valorizam com uma leitura lenta, atenta. Pesam muito nela as palavras. As palavras são um material precioso. Não pode perder-se uma, sob pena de se perder muito. E no volume das palavras que se perderam, na pouca atenção que se prestou á intenção de Calderon, consistiu o maior senão deste trabalho. Na boca de João Perry a riqueza das expressões saía diminuída, por nítida dificuldade na captação do som — e quem sabe também se por erro do próprio actor, tão frequente é nele esse defeito, muito embora seja nítida a sua preocupação de estar dentro do texto.

E assim continuamos: atende-se, em demasia, ao acessório; despreza-se o essencial.

A adaptação de «A vida é sonho» ao Teatro na Televisão justifica-se amplamente e dela não saia ferida a obra de Calderon. Na parte derradeira, com um engenhoso artifício, o realizador repõe a terceira jornada no clima do sonho. O final, no entanto, podia ser menos precipitado. Perdia-se o último comboio do Cais do Sodré?

MÁRIO CASTRIM

VII FESTIVAL DO FOLCLORE NACIONAL

Com um valioso elenco de grupos etnográficos, representando as províncias da Estremadura, Ribatejo, Alto e Baixo Alentejo e Algarve, realiza-se no sábado, ás 21 e 45, na Praça de Touros do Campo Pequeno, a 3.ª eliminatória do VII Festival do Folclore Nacional.

Numa competição que se reveste de muito interesse actuarão os Ranchos Folclóricos de Alenquer; «Ceifeiras e Campinos» da Azambuja; das Casas do Povo do Cano e de Cuba; Regional da Boavista, Portalegre; de Vila Franca de Xira; de Faro; «As Lavadeiras do Sabugo», Sintra; de Torres Novas; «As Cantarinhas de Nisa»; «Os Trabalhadores» de Ferreira do Alentejo; «As Cantarinhas de Barro» de Mafra e, ainda, extraconcurso, três agrupamentos infantis.

É JÁ NO DIA 8

QUE SE REALIZA O MONUMENTAL SORTEIO DE

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

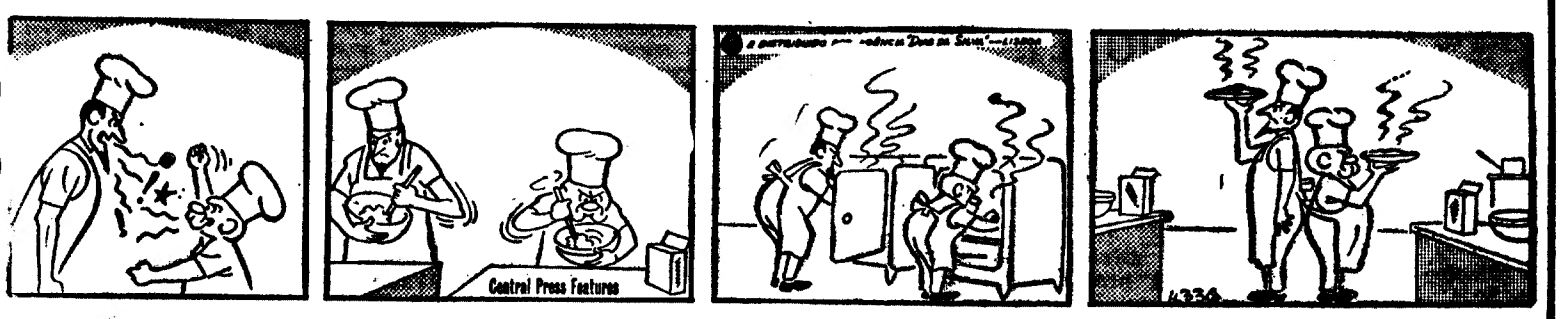
CENTENAS DE FABULOSOS PRÉMIOS
ENTRE OS QUAIS SE DESTACAM

4 AUTOMÓVEIS «FIAT»
MÁQUINAS DE COSTURA E DE TRICOTAR «SINGER»
MÁQUINAS DE FILMAR E DE PROJECTAR «FUJICA»
FRIGORÍFICO, TELEVISOR E GRAVADOR «PHILIPS»
E CENTENAS DE OUTROS APARELHOS ELECTRODOMÉSTICOS «PHILIPS»

Bilhetes a 5$00, 10$00 e 20$00, respectivamente com 2, 5 e 12 números, à venda no Largo de S. Domingos, em Lisboa

TAPETES
Carpélio
Um produto "ALAMAC"
Élio Amorim & Filhos, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O ACTUAL MOMENTO POLÍTICO

Resoluções da União Nacional

A Comissão Executiva da União Nacional teve ontem a sua primeira reunião após a nomeação do novo Presidente do Conselho. Presidiu o sr. dr. Castro Fernandes, estando presentes todos os vogais, srs. conselheiro Armando Cândido, dr. Arnaldo Pinheiro Torres, Francisco do Cazal-Ribeiro e capitão Francisco Soares da Cunha.

Por unanimidade, a Comissão resolveu «manifestar a sua dor e o seu profundo sentimento pelo mal que tão violentamente assaltou Salazar, exprimir a sua admiração pelo venerando Chefe do Estado, pela serenidade com que enfrentou a crise e pelo claro critério de que deu prova na solução dela e, finalmente, significar ao novo Chefe do Governo a plena confiança de todos os nacionalistas portugueses na rectidão das intenções que o animam e nas altas qualidades, tantas vezes postas á prova, que são perante o País a formal garantia do prosseguimento da Revolução Nacional.

«Está certa a Comissão Executiva de que o sr. prof. Marcello Caetano saberá corresponder inteiramente a essa confiança, nos termos da sua declaração de 27 de Setembro, que definiu com tanta lucidez as obrigações indeclináveis que se deduzem da fidelidade aos princípios e do propósito firme de os realizar, através de uma política de sentido positivo que tenha como pólos principais a defesa intransigente da integridade do território nacional, a segurança da ordem pública, a consolidação das instituições através do seu progressivo aperfeiçoamento e a cooperação fraterna de todos os portugueses de boa vontade.»

«Unidos para ajudarem a vencer o futuro»

—mensagem do Presidente do Conselho aos portugueses do Brasil

RIO DE JANEIRO, 3 — (A. N. I.) — Em resposta ás mensagens de saudação e de apoio que lhe endereçaram os presidentes do Conselho Superior da Colónia Portuguesa do Brasil e da Federação das Associações Portuguesas e Luso-brasileiras, o prof. Marcelo Caetano, Presidente do Conselho, enviou-lhes o seguinte telegrama:

«Muito sensibilizado agradeço o apoio prometido e os votos formulados, aproveitando o ensejo para saudar os portugueses do Brasil, que neste momento histórico mais do que nunca se devem unir para, em comunhão com a sua pátria, ajudarem a vencer o futuro».

*

O sr. Presidente do Conselho enviou já mensagens de resposta ás saudações que recebera do generalíssimo Franco, do vice-presidente do Governo espanhol, do ministro de Informação e Turismo e interino dos Negócios Estrangeiros de Espanha, do Primeiro Ministro da República da África do Sul, do Primeiro Ministro da Pérsia e do Presidente do Conselho de Ministros de Itália.

ACTIVIDADE MINISTERIAL

Presidência do Conselho

O sr. prof. dr. Marcello Caetano recebeu, esta manhã, no seu gabinete de trabalho, em São Bento, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça e o Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas.

O sr. Presidente do Conselho trabalhou, depois, com os ministros da Defesa e do Interior.

● Ministro de Estado

O ministro de Estado, sr. eng.º Vaz Pinto, recebeu o sr. prof. eng.º Francisco Leite Pinto, presidente da Junta de Investigação Científica e Tecnológica, o sr. dr. Amaro Guerreiro, director do I. N. E. e o cineasta brasileiro Galeno Cesimbra

● Ministério do Interior

O ministro do Interior recebeu, hoje, os governadores civis de Braga e de Leiria e o sr. dr. João Luís Zagalo Vieira da Silva, delegado da Junta Nacional dos Produtos Pecuários em Évora, designado governador civil de Beja.

● Ministério das Comunicações

O ministro das Comunicações recebeu os srs. engs. Oliveira Martins e Costa Macedo, administradores da C. P., o governador civil de Faro e o presidente da Camara de Lagos.

● Ministério das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu o governador civil de Leiria e a administração da Companhia das Águas de Lisboa.

● Ministério da Educação

O ministro da Educação Nacional visitou, esta manhã, as instalações do I. M. A. V. E.

● Ministério do Ultramar

O sr. prof. dr. Silva Cunha recebeu, esta manhã, no seu gabinete, professores e alunos de estabelecimentos da L. I. A. M., que recentemente visitaram Angola.

Os mesmos professores e alunos foram, depois, recebidos, no Ministério da Educação Nacional, pelo subsecretário de Estado da Administração Escolar.

Os directores dos jornais estiveram reunidos com o Chefe do Governo

Na sala dos Presidentes da Câmara Corporativa, no Palácio de S. Bento, os directores dos jornais diários de Lisboa e Porto foram ontem á tarde recebidos pelo sr. prof. dr. Marcello Caetano.

A reunião, que se efectuou a convite do sr. Presidente do Conselho, durou mais de uma hora e decorreu num ambiente de interesse e franco convívio. Trocaram-se amplas impressões sobre a Imprensa portuguesa, participando, também, na reunião o sr. dr. César Moreira Baptista, subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

O ESTADO DE SAÚDE DO PRESIDENTE SALAZAR

As 11 horas, foi afixada no átrio da Casa de Saúde da C. V. P. uma informação médica relativa ao estado de saúde do Presidente Salazar, que é do seguinte teor:

«Noite calma, durante a qual a pressão arterial se manteve equilibrada, com valores normais. Pulso rítmico e cheio. Situação estacionária.»

Regressou de Angola D. Juan Carlos de Bourbon

Regressou esta manhã a Lisboa, no voo da TAP, o príncipe Don Juan Carlos de Bourbon, que permaneceu cerca de mês e meio na província de Angola, a convite do Chefe do Estado português.

O príncipe Don Juan Carlos era aguardado no aeroporto por seu pai, o conde de Barcelona; pela espôsa, a princesa Sofia da Grécia, que se deslocou propositadamente a Lisboa; por elementos da Embaixada de Espanha e da casa civil dos condes de Barcelona e diversos amigos.

O príncipe João Carlos visitou quase toda a província de Angola, participando em diversos safaris, como amante e entusiasta que é da caça.

Telegrama enviado ao governador-geral de Angola

LUANDA, 3 — (L.) — O governador-geral de Angola, tenente-coronel Rebocho Vaz, recebeu um telegrama do Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano, por intermédio do ministro do Ultramar, cujo teor é o seguinte:

«Agradeço cumprimentos enviados. Governo espera continuar a receber dedicada colaboração V. Ex.ª a quem reitero minha confiança. Peço transmita funcionalismo que nesta hora grave conto com devoção patriótica de todos, assegure ás Forças Armadas resolução de não afrouxar na defesa do território e garanta ás populações o propósito firme de promover seu progresso á sombra da bandeira portuguesa. Respeitosos cumprimentos.»

COMENTÁRIOS DO «FÍGARO»

PARIS, 3 — (A. N. I.) — Toda a imprensa parisiense publica esta manhã com relevo a notícia do primeiro Conselho de Ministro presidido pelo prof. Marcello Caetano.

No «Figaro» a notícia vem publicada sob o título: «Novo estilo no Primeiro Conselho de Ministros a que preside o dr. Marcello Caetano». E o mesmo jornal escreve: «O Conselho de Ministros decidiu introduzir determinadas inovações, que, segundo os observadores, dão uma ideia de como o dr. Marcello Caetano pensa governar o país. Notemos ainda que a nota oficialmente fornecida á Imprensa é mais pormenorizada do que aquela a que os jornais portugueses estavam habituados».

Todos os jornais referem também, com destaque, a criação da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Reproduzem igualmente o ultimo boletim médico, relativo ao estado do Presidente Salazar.

Congresso Internacional de Ortopedia em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 3 — (L.) — Realiza-se de 20 a 26 do corrente, em Lourenço Marques, um Congresso Internacional de Ortopedia.

Participam especialistas portugueses (moçambicanos, angolanos e metropolitanos), ingleses, romenos, sul-africanos, rodesianos e doutras nacionalidades.

Restabelecido o trânsito no acesso do lado norte à ponte sobre o Tejo

A J. A. E. informa que já se encontra restabelecido, em condições normais, o trânsito no lanço da auto-estrada de acesso do lado norte, à Ponte sobre o Tejo.

Como todos estão recordados, aquele lanço havia sido afectado pelo escorregamento de terras, verificado há meses, na encosta de Monsanto

AVENTURA TRISTE DO BACALHAU IMPORTADO EM GRANDE QUANTIDADE E VENDIDO A PREÇO ALTO

O sr. Afonso Carreira, proprietário de uma pequena oficina de reclamos luminosos de plástico, na Travessa do Cabo, a Campo de Ourique, tem em seu poder quatro sacos de bacalhau, que apanhou na via pública... Exactamente: nuns terrenos de ervas secas próximos da Avenida de Ceuta alguém abandonou cerca de trezentos quilos do «fiel amigo». Quem...? As autoridades, para já, ignoram a mão «pródiga» que lançou fora o bacalhau. Mão «pródiga», vírgula: o bacalhau encontra-se impróprio para consumo. Mas, na opinião do sr. Afonso Carreira, não cheira mal, embora se apresente com uma cor negra nada convidativa...

O caso exige investigação: a Inspecção Geral de Actividades Económicas irá proceder ás investigações necessárias para esclarecimento do estranho caso. Para já, no entanto, disse-nos o sr. inspector Neto Portugal, daquele organismo:

— Sabe o que aconteceu? Houve aí grupos que, aquando da «libertação» do bacalhau, entenderam importar grandes quantidades do «fiel amigo»... Gente que desejava enriquecer. Gente que pensava que o povo tinha fome de bacalhau... Ora o povo já se tinha decidido pelo peixe e pelos ovos. Era mais barato... E, assim, os importadores viram-se, de repente, a braços com um grave problema: ninguém procurava o bacalhau importado. Que fazer? Começaram a tirar o bacalhau dos frigoríficos — e o bacalhau, mal curado, daí a sete, cinco dias, mudava de cor. Tornava-se negro. Só restava deitá-lo fora. O bacalhau encontrado na Avenida de Ceuta passou, certamente, por esta aventura. Uma aventura deveras triste... Porque se o bacalhau tivesse sido posto no mercado a preço razoável, na ocasião oportuna, certamente que o povo o levaria para casa.

O REGRESSO DO SPORTING

CAIADO E OS 4-1: OS RAPAZES CUMPRIRAM!...

Felizes por terem eliminado ontem no Estádio de Mestalla, o Valência F. C. da Taça das Cidades com Feira passando portanto á eliminatória seguinte, desembarcou esta tarde no aeroporto de Lisboa, vinda de Madrid, a equipa do Sporting.

Após o desembarque, o dr. Pereira da Silva, que chefiou a embaixada «leonina», em breves declarações afirmou-nos:

— Foi um grande jogo. Foi um jogo de arrasar os nervos e, ao continuarmos na prova, demonstrámos ser a melhor equipa. Os rapazes cumpriram e todos estamos felizes por continuar nesta competição internacional.

Seguidamente o técnico Fernando Caiado disse-nos:

— Sabia que o jogo ia ser difícil. O desejo do Valência em continuar na prova foi grande, mas bastou ao Sporting a última meia hora para demonstrar a sua superioridade. Os rapazes cumpriram e todos nós tentaremos que o Sporting vá o mais longe possível nesta prova europeia.

A equipa do Sporting era portadora de uma bela taça oferecida pelo Valência. Será mais um troféu a juntar a tantos outros da riquíssima sala de troféus do clube.

Desta vez a equipa do Sporting foi sòmente aguardada pelo presidente dr. Brás Medeiros, pois a embaixada leonina chegou com cerca de trê horas de avanço o que impediu que os milhares de sócios e adeptos do grande clube vivessem um grande momento junto dos seus jogadores.

BAPTISMO DE VOO AOS 79 ANOS

LOURENÇO MARQUES, 3—(L.) — «Não tive medo de voar. Não aconteceu nada... mas não dormi durante a viagem» — declarou, à chegada ao Aeroporto Gago Coutinho, em Lourenço Marques, uma simpática anciã que acaba de fazer o seu baptismo de voo.

Trata-se de D. Emília das Dores Martins, de 79 anos, que viajou de Lisboa para L. Marques, a fim de se juntar a pessoas de família.

FOI RECAPTURADO OUTRO DOS EVADIDOS da cadeia do Limoeiro

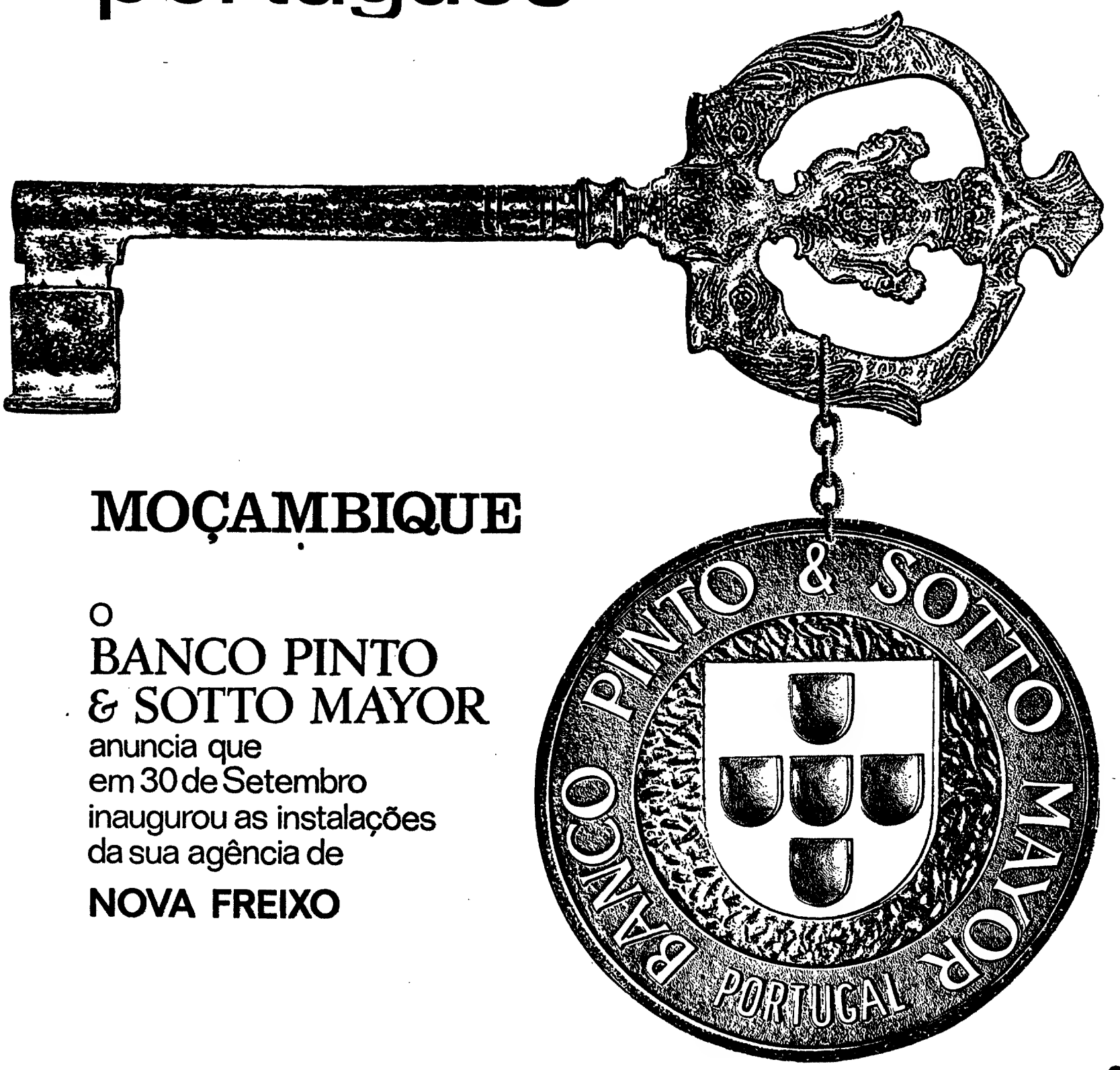
Um dos três reclusos da cadeia do Limoeiro que faltava recapturar (pertencentes ao grupo maior de nove que tentou evadir-se na madrugada de anteontem), foi esta manhã detido. Trata-se de Serafim Francisco da Silva. Resta, pois, recapturar Manuel Virgínio de Sousa, «o Ilhéu», e José Manuel Correia Barreto.

Serafim foi recapturado por um guarda prisional daquela cadeia (Cadeia comarcã de Lisboa, na designação oficial), na Rua Barros Queirós. Continuam, entretanto, as diligências no sentido de deitar a mão, rápidamente, aos dois reclusos ainda a monte, um dos quais, «O Ilhéu», parece ser portador da pistola tirada ao guarda da cadeia dominado no acto da fuga.

CURSO DOS LICEUS

DIURNO E NOCTURNO
Ciclo Preparatório — Instrução Primária
EXT.º DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE
(Feminino)
Largo do Conde de Pombeiro, 12 (entre Av. Almirante Reis e a C. de Santana) — Telef. 57048

com vista à cobertura do espaço português



MOÇAMBIQUE

O
BANCO PINTO
& SOTTO MAYOR
anuncia que
em 30 de Setembro
inaugurou as instalações
da sua agência de

NOVA FREIXO

Impacto

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Trabalhamos mais para servir melhor.

Um aspecto da cerimónia inaugural da nova oficina

NOVA OFICINA AUSTIN

Uma nova Oficina de reparação e manutenção AUSTIN foi inaugurada na Rua António Patrício 11-E, na densa zona de habitação da Avenida dos E. U. A. em Lisboa.

Com ela far-se-á face ao substancial aumento de vendas previsto, natural seguimento do acentuado ritmo de crescimento do parque AUSTIN criado por J. J. Gonçalves, Sucrs. Com. e Ind. S. A. R. L.

Assistiram à inauguração desta nova Oficina o Senhor E. M. Gibbs, Director da Fábrica AUSTIN que, para o efeito, se deslocou expressamente ao nosso País, além de outras personalidades de destaque ligadas ao ramo automobilístico bem como representantes da Imprensa, Rádio e TV e ainda Agentes e Colaboradores da Empresa.

Os convidados foram recebidos pela Administração de J. J. Gonçalves, Sucrs. S. A. R. L. que, em breves palavras, saudou todos os presentes e evidenciou a importância do bom nível de assistência técnica que é devido a todos os automobilistas. Essa assistência tem sido a preocupação constante de J. J. Gonçalves, Sucrs., ao longo dos seus 49 anos de representação AUSTIN tendo conduzido aos seus actuais investimentos em Serviços e Peças Sobresselentes que montam a 65 000 contos ou seja, aproximadamente, 30% do Capital Próprio da Sociedade. Deste excepcional apoio técnico beneficia cada um dos 35 000 AUSTINS que circulam pelo nosso País.

Para além de simples promessa ou mera intenção para o futuro, a eficiente assistência a um parque de tais dimensões constitui uma realidade que, envolvendo comprovada competência tecnica, se exprime por todo um conjunto de infra-estruturas, progressiva e oportunamente estabelecidas o que constitui real garantia para todos os futuros Austins.

O Director da Divisão Técnica de J. J. Gonçalves, Sucrs. prestou em seguida breves esclarecimentos sobre o funcionamento racionalizado das novas instalações.

A terminar, o Sr. E. M. Gibbs felicitou a Empresa e os proprietários de automóveis AUSTIN que, passam a beneficiar, em seu entender, da melhor oficina de assistência da Europa.

Efectuou-se então a visita às instalações, despertando especial atenção a «ponte para revisões em linha» — única no País — facultando a actuação simultânea de vários operários em cada posto de trabalho assim se reduzindo o tempo de duração de cada revisão.

No final da visita foram projectados diapositivos ilustrando a importância da organização J. J. Gonçalves, Sucrs. em relação à sua rede de assistência, dispondo de 4 oficinas no Porto, 6 em Lisboa (duas das quais reservadas aos serviços internos de preparação) 2 em Braga e 1 em Évora. Foi também feita referência aos vários Concessionários de Agência na Província e Agentes de Serviço que completam aquela rede de assistência.

Terminada a visita à nova oficina AUSTIN da Rua António Patrício, 11-E, foi servido um beberete.

A mais antiga corporação d

(os Bombeiros Voluntários de Lisboa)

comemora o seu 1.º cent

No próximo dia 18 do corrente, completa cem anos de existência a mais antiga corporação de bombeiros voluntários do nosso País: os Bombeiros Voluntários de Lisboa. Foi, de facto, em Outubro de 1868 que se constituiu na capital o primeiro grupo de bombeiros não profissionais portugueses, a primeira das 325 corporações que hoje existem entre nós, prestando indiscutíveis e relevantes serviços a pessoas e bens e orgulhando-se de uma obra altamente meritória.

Garantindo o auxílio às populações em perigo, em tantas e tantas ocasiões difíceis, às corporações de bombeiros voluntários tem cabido um papel fundamental e inestimável em grande parte do País, prestando ainda óptimos serviços, mesmo nas limitadas zonas e cidades onde existem organizações congéneres de profissionais.

Uma vida difícil

Ao longo deste primeiro século de existência, a vida dos Bombeiros Voluntários de Lisboa tem sido difícil devendo o prosseguimento da sua actividade à generosidade de beneméritos e amigos dos bombeiros, em todos os sectores da população.

Com efeito, as despesas muito vultosas que uma corporação de bombeiros exige, ùltimamente assaz dilatadas pela complexidade dos maquinismos hoje indispensáveis para apagar um fogo ou acorrer a sinistrados, sempre ficaram muito para além do produto da cotização dos sócios, somado com os subsídios do Conselho Nacional do Serviço de Incêndios, únicas verbas regularmente auferidas pelos Voluntários de Lisboa.

Só para salários (além dos voluntários propriamente ditos, são necessários alguns funcionários permanentes), gastou no último ano a corporação 182 contos, e em reparação de viaturas, 57 contos. E há ainda a compra e actualização de material (sempre imprescindível), como a recente dotação dos carros da instituição com rádio-telefones sendo assim a primeira corporação do País a consegui-lo. Todas estas despesas seriam impossíveis sem a ajuda eventual a que acima nos referimos, tornando a vida dos B. V. L. lamentàvelmente precária.

Actividade muito intensa

Estas dificuldades são tanto mais de deplorar quanto a acção desta corporação de voluntários é intensa e prestimosa. Em 1967, os seus membros foram chamados para 3644 serviços, o que incluiu 2765 conduções de doentes; 128 incêndios, 27 inundações, etc. A corporação conta com 60 elementos, profissionais das mais diversas ocupações, mas em que predominam carpinteiros, serralheiros, empregados de escritório e motoristas. A idade dos voluntários oscila entre os 20 e os 30 anos, sendo poucos os que excedem esta idade.

É pertinente lembrar-se aqui que a preparação do bombeiro voluntário é similar à do profissional, sendo as garantias de competência que um e outro oferecem em princípio as mesmas. Depois de um curso de preparação técnica com a duração de nove meses, o candidato a voluntário apresenta-se a exame perante um júri composto por elementos dos sapadores bombeiros (corporação oficial), tendo que submeter-se a duas provas

Sheila Thorns previu há mês e meio que teria seis gémeos

LONDRES, 3 — (F. P.) — A sr.ª Sheila Thorns sabia há três semanas que teria seis gémeos, declarou a obstetricista Dorothy Shotton, que, com o dr. Grooke, dirigiu a equipa de 28 especialistas que praticaram a cesariana.

No entanto, o marido, Barry Thorns, desenhador industrial da Austin, confiou aos jornalistas que não tinha comprado os berços e carrinhos necessários. «Quando se está casado há dez anos sem ter filhos — disse — não se ousa fazer previsões».

Os cinco bebés sobreviventes de Birmingham continuavam, esta manhã, a lutar pela vida, ao mesmo tempo que se registava melhoria no estado da mãe. Os médicos mostram-se, entretanto, extremamente prudentes nos seus prognósticos, considerando que só dentro de «alguns dias» se poderão pronunciar quanto ás possibilidades de sobrevivência de Ian, Roger, Lynne, Julie e Susan.

Os quíntuplos — eram seis mas um sucumbiu pouco depois do parto — começaram já a ser alimentados, tendo-lhes sido administrada uma solução açucarada.

O sr. comandante Ernesto Costa fala á nossa reportagem das dificuldades e aspirações da mais velha corporação de bombeiros voluntários do País

Acusado de assalto por arrombamento

A Polícia Judiciária de Lisboa solicitou a todas as autoridades do País a captura de José João Novo, que usa também os nomes de José da Silva Campos, António Ferreira Júnior e António da Silva, de 64 anos, carpinteiro, solteiro, natural de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo, e residente em parte incerta.

Aquele indivíduo é acusado de um assalto por meio de arrombamento, praticado em Lisboa, tendo furtado valores que atingem algumas dezenas de contos.

Qualquer informação pode ser dada através do telefone 53 31 31, para o chefe de brigada Chasqueira ou agente Archer, da 3.ª brigada da 6.ª secção.

Ourivesaria da GUIA

GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA

FUNDADA EM 1919

RUA D DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFE...

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS PARA APLICAÇÃO DE RENDAS PARA BORDAR A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO DE LISBOA

CASA DOS PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

JOALHARIA MERGULHÃO

Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B

do País

ntenário

provas em que predominam os exercícios físicos e de perícia, para ser aprovado. A única diferença entre um bombeiro profissional e um voluntário é, portanto, o sacrifício de que este dá diàriamente mostras, ao prescindir do descanso após as oito ou mais horas de trabalho quotidiano indo fazer piquete durante algumas das horas que vão das 21 às 8 da manhã, na corporação que serve e serve o público.

As comemorações do centenário

O programa das comemorações do centenário da corporação associa-se com o do 18.º Congresso Nacional dos Bombeiros. Começam no dia 16 com uma sessão solene inaugural na Sociedade de Geografia e, para além de recepções dadas por autoridades e visitas às instalações da corporação e a mausoléus, salientam-se as sessões de trabalho do Congresso e a concentração e desfile de todas as corporações de bombeiros na Avenida da Liberdade, no dia 20. As comemorações encerram a 25 com um jantar de confraternização.

A grande aspiração

A grande aspiração dos Voluntários de Lisboa é hoje a construção de um quartel. As instalações da corporação são por demais acanhadas e insuficientes, não só para as necessidades, digamos, técnicas do grupo, mas também para as necessidades de ordem social dos bombeiros, suas famílias e sócios. A falta de um quartel é, portanto, particularmente dolorosa para uma instituição tão antiga e com tão notáveis serviços no activo.

As diligências últimamente feitas junto da Câmara Municipal levam a crer ser possível que os Bombeiros Voluntários de Lisboa venham a dispor de um quartel nos Olivais, o que, muito embora desgostasse os mais antigos sócios da agremiação, já que durante 100 anos os B. V. L. nunca mudaram de casa, ali no Largo Barão de Quintela, será uma solução melhor do que continuar nas difíceis condições de agora. O sr comandante, Ernesto Costa, que há 50 anos é bombeiro dos Voluntários de Lisboa, manifestou-nos a esperança de que talvez em breve as incríveis dificuldades com que a corporação tem tido quase sempre que lutar, se vejam bastante aliviadas. Fazemos votos para que assim seja.

Exercício de salvamento de vida das pessoas levado a cabo pelos Voluntários de Lisboao

FAZ HOJE 50 ANOS
QUE MORREU (vítima da pneumónica)
O MAESTRO DAVID DE SOUSA

FIGUEIRA DA FOZ, 3 — Faz hoje meio século que, vítima da pneumónica, desapareceu para sempre da cena da vida, quando tanto ainda era lícito esperar das suas extraordinárias qualidades, o grande artista que foi o maestro David de Sousa.

Falecido apenas com 38 anos, pois nasceu na Figueira da Foz em 6 de Maio de 1880, deixou no entanto, uma obra notável. Num meio em que sempre foi difícil vencer, principalmente a má vontade e a incompreensão do meio ambiente, o grande musico, depois de ter feito um curso distinto no Conservatório de Lisboa e depois de ter actuado brilhantemente, em Leipzig, conseguiu, efectivamente, impor-se á consideração dos seus conterraneos, embora o não tivesse logrado sem primeiro ter experimentado reveses amargos.

Ainda criança, aos 9 anos começou a dar mostras da sua vocação artística e contando apenas 13 anos ou seja em 1893, era cantor soprano da Sé Patriarcal.

Mais tarde matriculou-se no Conservatório de Lisboa, onde, em 1904, concluiu com distinção o curso de violoncelista. Dirigindo-se para Leipzig a fim de conseguir maior aproveitamento, logo ali evidenciou o seu talento, em breve se impôs á geral consideração de todos os meios artísticos da importante cidade.

Em 1910 percorreu várias cidades da Europa, chegando á Russia, onde executou a sua inspirada «Rapsódia Eslava». De regresso a Portugal, deu entre nós, a 19 de Setembro de 1913, o seu primeiro concerto, que esteve longe de constituir um êxito ou a consagração a que faziam jus os grandes méritos do artista. A sua persistência, porém, acabou por abrir-lhe o caminho do êxito, de que foram teste seguro muitos concertos de grande categoria por ele dirigidos no Politeama, em Lisboa.

Quando, em 3 de Outubro de 1918, o moço artista cerrou para sempre os olhos, a sua obra era já notável. Nela se contavam entre muitas outras, as composições: «Berceuse», «Barca Bela», «Ansiedade», «Rapsódia Eslava», «Saudade» e a ópera incompleta «Inês de Castro».

Recordando a figura do grande maestro, prestamos homenagem a uma das maiores e mais altas figuras da musica contemporanea portuguesa que há 88 anos teve o seu berço natal na bonita cidade da Figueira da Foz.

MAESTRO DAVID DE SOUSA

Torre de Babel

João Medina

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA EUROPA: «DÉCLOISONNEZ-VOUS!»

«Décloisonnez-vous!» — clama um dos últimos números duma revista intitulada «Comunidade Europeia». O estribilho, reconheçamo-lo com inveja e apetite, é tentador e merece o apoio de todos os amigos dos espaços livres, das janelas e do ar fresco nas ideias e nos pulmões. Derrubar divisórias, descompartimentar as ideias, fluidificar os conceitos, sepultar os preconceitos, anular quantas barreiras físicas e metafísicas separam homens, terras, costumes, estilos e psicologias, aproximar os homens e afastar do europeu médio as anfetaminas, filtros e outros tóxicos que lhe turvam o raciocinio e a vista, eis em suma o que aquele apetitoso «Décloisonnez-vous!» significa. Baixem as cancelas, deixem passar a Europa! Muito bem, muito bem, mesmo muitíssimo bem Mas...

Mas aquele «Décloisonnez-vous!» de boa cepa liberal, versão moderna do já gasto e tonto «laissez faire, laissez passer», confia talvez excessivamente na colaboração como que gratuita de todos os que vivem entre os Urais e o cabo da Roca. A Europa, meus senhores, é uma realidade que concerne uns seiscentos e tantos milhões de bípedes racionais e não basta que um punhado de Quixotes montem uma récua de Rocinantes e acometam com jovialidade e simpatia um horizonte inteiro de moinhos de vento chamados fronteiras, pautas alfandegárias, tratados, protocolos, cercas, cadastros, muros, muralhas e varandins. De bons Quixotes inúteis está a História da Ilusão Europeia atulhada até ao tecto. «Décloisonnez-vous?» Sim, claro. Mas como? O chamado «mercado comum» fornece uma das respostas possíveis, aliás válida a um nível meramente económico, incapaz de fornecer um modelo universal se atendermos ás discrepâncias ideológicas que os onze mil quilómetros quadrados da Europa encerram. Discrepâncias? Olhando em torno da minha torre, atirando o olhar para Leste e para Oeste, para o Norte e para o Sul, só vejo egoismo, regionalismos, auto-satisfação medíocre, pequenez, fragmentos dum corpo artificialmente apelidado «Europa». Enxergando ainda mais além, oiço um vozear animadverso, oiço maldizer do espírito europeu, oiço mesmo gentes bradarem contra o mito da civilização heleno-romano-cristiano-burguesa. Escuto, por exemplo, a voz agreste e justa de F. Fanon clamar que a Europa, depois de ter inventado o humanismo, se aplicou a matar o homem. Olhando em direcção à Baviera e a um ponto preciso dos Vosgos chamado Struthof, reconheço que Fanon tem fortíssimos argumentos para entoar um requiem europeu. Desisto de procurar a Europa do alto desta torre de Babel e retomo a minha crónica. Onde iamos? No «décloisonnez-vous!»

«Décloisonnez-vous...» Muito bem. Mas... Se parece sensato e assaz vantajoso aliviar os produtos fabris e agrícolas de todas as taxas e alcavalas que faziam deles ouriços económicos, mais urgente ainda me parece — e mais salubre — arredar as barreiras que pesam ainda sobre uma outra dimensão da Europa, aquela que não tem preço nem etiqueta de fabrico, a Europa mental, cultural.

Temos pois que a Europa continua a ser uma intenção piedosa; como a «República» ideada por Platão; como a Icária de Cabet; como o V Império do nosso pobre Bandarra; ou como a Pasárgada do poeta brasileiro. Este pessimismo pode parecer excessivo numa época de «détente et entente» (fórmula neuroléptica de Napoleão IV). Para provar o fundamento desta relutância em crer que a Europa se fará amanhã ou, na pior das hipóteses, depois de amanhã, aqui consigno um pequeno dado autêntico, colhido na revista referida no começo da crónica; em mil jovens interrogados sobre a viabilidade dum novo conflito entre a França e a Alemanha, responderam pela afirmativa a percentagem seguinte: 40 % dos franceses admitem a possibilidade de nova guerra franco-alemã, 52 % dos jovens alemães corroboram tal hipótese (*). Em suma: se em pleno período de dissolução das barreiras sociais e económicas, se observa ainda entre os jovens (portanto numa geração não contaminada por ressentimentos históricos) que só 10 % (para os alemães) e 20 % (para os franceses) consideram impossível uma nova guerra entre os respectivos países. Se a estatística fala com estes números tão pouco edificantes, como acreditar pulcramente que as barreiras da mente cedam tão depressa como as das alfândegas?

Que moral tirar desta história? Que parece mais fácil subornar um guarda-fiscal ou apagar uma raia alfandegária do que espancar uma quimera. Ou, se preferirem, que a Europa precisa sobretudo de etnólogos ou psiquiatras e não de economistas ou técnicos de «marketing».

(*) — Veja-se Yvon Bourdet, «Preconceitos franceses e preconceitos alemães», volume editado pelo Ofício Franco-Alemão para a Juventude, 1968.

Strasbourg. Outubro de 68.

NIKON
E OS JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO

Para poder assegurar um apoio eficaz a todos os fotógrafos do mundo que irão aos Jogos Olímpicos do México, a NIKON organizou um serviço de assistência técnica às suas câmaras, que funcionará durante os referidos jogos das 10 da manhã às 7 da tarde no seguinte endereço:

FOTO REGIS
Avenida Juarez, 80
MÉXICO 1, D. F.
Telef. 12-44-67

Aqui está mais uma prova da universalidade da marca NIKON e do cuidado em bem servir os seus clientes em toda a parte.

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª
JÁ ANUNCIADAS
5.ª — DIONISIO G. DO VALE — PORTO
6.ª — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

NUNCA TANTO
POR TÃO POUCO...
12 MILHÕES
por 400$00, esta semana, na
CASA DA SORTE
A Casa que pode fazê-lo ultramilionário

DO ESTRANGEIRO - DO ESTRANGEIRO - DO ESTRANGEIRO - DO ESTR

Tentativa de Jarring para a paz no Médio Oriente

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), — (A. N. I.) — Julga-se que estão na forja negociações para a paz no Médio Oriente, presididas pelo enviado das Nações Unidas, Gunnar Jarring, — afirma-se nos círculos ligados ás Nações Unidas.

Conversações semelhantes, levadas a efeito pelo representante das Nações Unidas, Ralph Bunche, resultaram no armistício de 1948, entre Israel e os Estados árabes.

Mais tarde, Bunche foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz.

Julga-se que Jarring sondará os ministros dos Negócios Estrangeiros do Egipto, da Jordânia e de Israel, quando eles se reunirem em Nova York, para a vigésima terceira Assembleia Geral.

As conversações — afirma-se nos círculos da O. N. U. — poderão ser realizadas separadamente, mas seria pedido aos árabes que conferenciassem directamente com os israelitas, pelo menos numa sessão, como concessão aos israelitas, que insistem em que as conversações com os árabes terão que ser realizadas directamente.

Ao que se julga, os Estados Unidos estão a exercer pressão sobre Israel para que demonstre uma maior flexibilidade, pelo menos nas questões processuais.

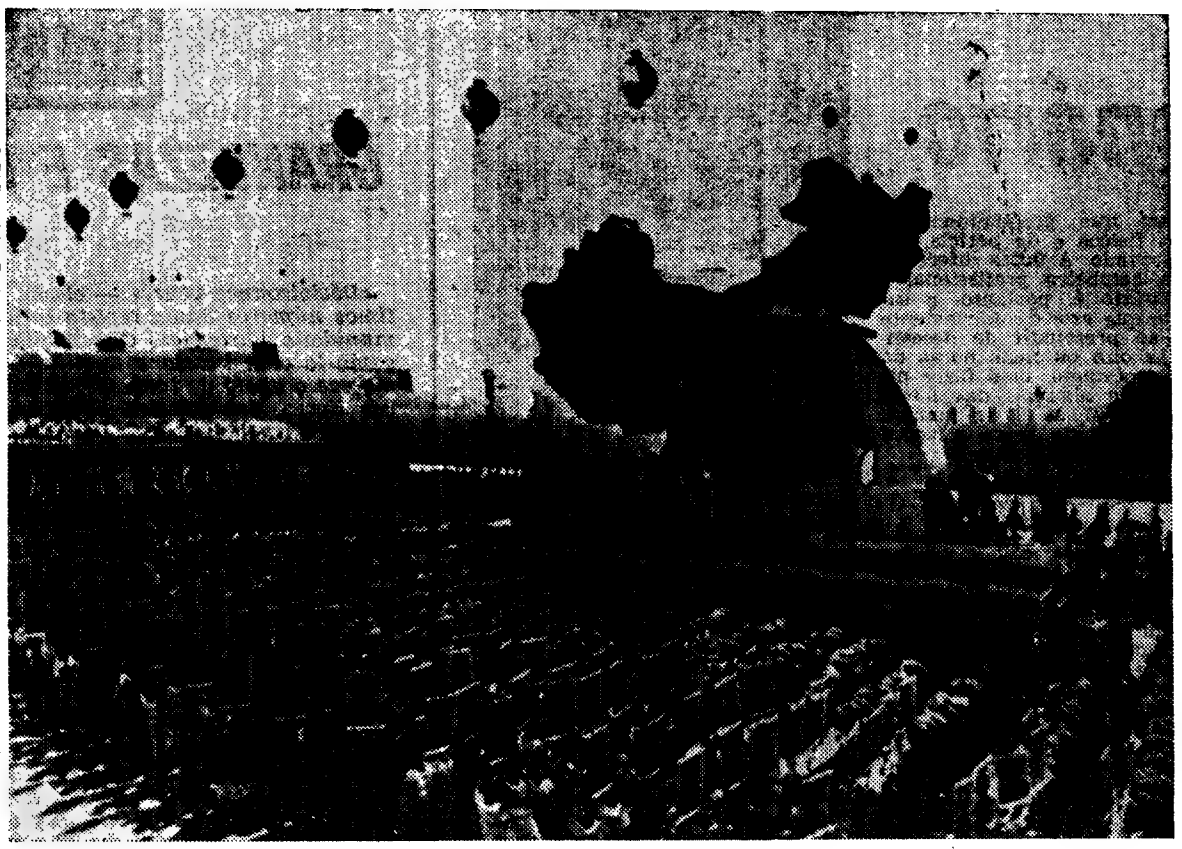
Os norte-americanos alegam também que a recente proposta de paz soviética, embora inaceitável para Israel, mostra o desejo de Moscovo de uma solução política da crise do Médio Oriente.

SETE TERRORISTAS ÁRABES MORTOS

TEL-AVIV, 3 — (F. P. — Foram mortos sete terroristas árabes ontem a 12 quilómetros a norte de Jericó, e um soldado israelita ficou ligeiramente ferido na refrega — anunciou um informador militar, o qual revelou que na noite de terça para quarta-feira as posições jordanas abriram fogo nas regiões de Massada e de Ashdot Yaakov, no Vale do Jordão, e de Um Sidra, a norte da Ponte Allenby. Os israelitas ripostaram e não se assinalam baixas nas suas fileiras. Por outro lado, anuncia-se que os xeques beduínos do Norte do Sinai e do Neguev prometeram ao general Moshe Dayan, ministro da Defesa, «combateremos os terroristas e os sabotadores».

Bertrand é o sucessor de Daniel Johnson

QUEBEC, 3 — (F. P.) — O grupo parlamentar da União Nacional designou, por unanimidade, Jean Jacques Bertrand para suceder á frente do partido a Daniel Johnson, primeiro-ministro do Quebec, falecido na passada quinta-feira. Bertrand tornou-se assim automáticamente o vigésimo primeiro chefe de Governo do Quebec.



Um aspecto do desfile realizado em Pequim para comemorar o décimo nono aniversário da Republica Popular da China. Ao fundo, um mapa do território chinês, em que a Formosa se destaca, numa cor diferente

Humphrey acusa Wallace de tentar provocar a desordem nos E. U. A.

CHARLOTTE (Carolina do Norte), 3 — (R.) — O vice-presidente Humphrey acusou George Wallace de estar a tentar levar os Estados Unidos «á beira da desordem civil em larga escala».

O candidato democrático disse que o maior perigo da campanha de Wallace resulta «das suas diligências calculadas para dividir a nação».

Humphrey declarou que o antigo governador do Alabama está a procurar «deliberadamente inflamar os receios, frustrações e preconceitos do nosso povo».

Por outro lado, Nixon, segundo afirmou Humphrey, continua a procurar o apoio dos extremistas dentro do seu Partido, aos quais estará completamente enfeudado caso consiga ganhar as eleições.

O vice-presidente disse que a estratégia do ódio organizado pode levar os Estados Unidos ao desastre, da mesma forma que a táctica radical daqueles que interrompem os comícios políticos com gritos.

Os ataques a tribunais, o vilipêndio de funcionários e o incitamento de grupos raciais uns contra os outros «acumularam os ingredientes para uma explosão».

LEMAY — POSSÍVEL PARCEIRO DE WALLACE

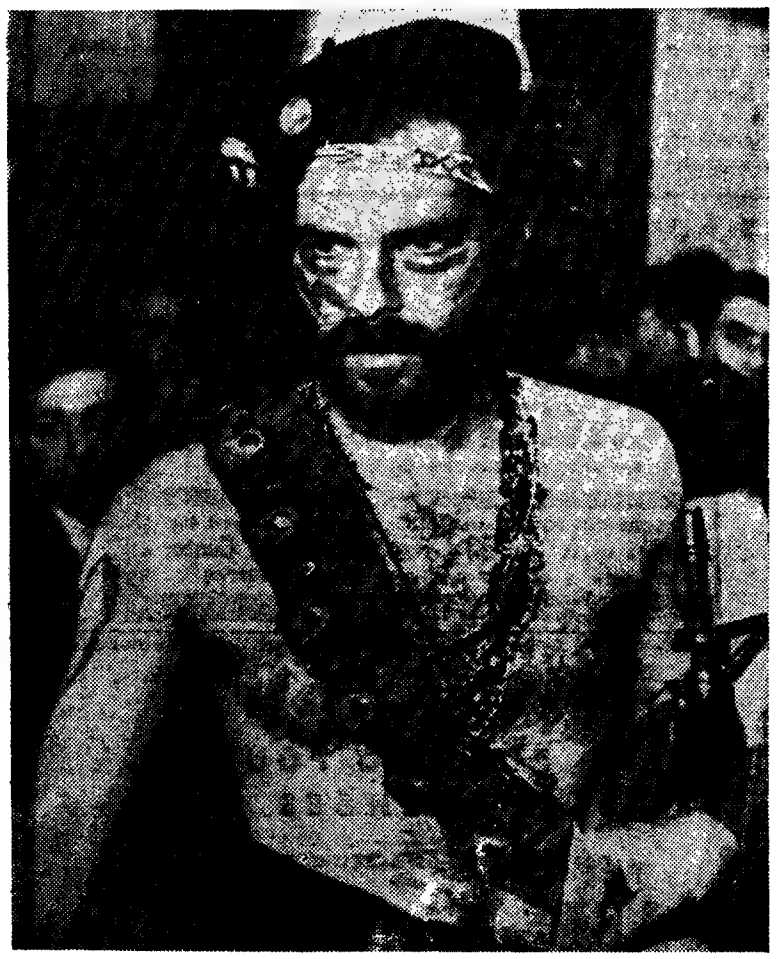
PITTSBURGH (Pennsylvania), 3 — (F. P.) — O general da Aviação reformado Curtis Lemay será designado hoje candidato á vice-presidência pelo Partido Independente, de George Wallace, segundo se anuncia na roda do ex-governador do Alabama. Todavia, este não confirmou nem desmentiu a notícia e limitou-se a responder aos jornalistas que apresentaria hoje, ele próprio, o seu parceiro.

MANIFESTAÇÃO COMUNISTA EM HONG-KONG

HONG-KONG, 3 — (A. N. I.) — Mais de mil comunistas manifestaram-se ontem á noite junto do edifício do Banco da China, na cidade de Hong-Kong, cantando e lançando fogo de artifício.

Já na véspera, a Polícia de choque saira dos seus quartéis, durante as comemorações do décimo nono aniversário da Republica Popular da China.

A área onde ontem se registou a manifestação, no principal bairro comercial de Hong-Kong, foi cercada pela Polícia de choque.



Jerry Rubin, um dos orientadores das manifestações registadas em Chicago, quando da convenção do Partido Democrático, apresentou-se, agora, em Washington, mascarado de guerrilheiro, a fim de ser ouvido pela comissão de actividades antiamericanas. Contudo, foi expulso da sala em que a referida comissão se reune

CRITICADO PELA TASS O DISCURSO DE RUSK

MOSCOVO, 3 — (R.) — Comentando o discurso ontem pronunciado pelo secretário de Estado norte-americano Dean Rusk, na Assembleia Geral da O. N. U., a agência Tass classificou-o de «Discurso de guerra fria».

A agência acrescentou que as declarações de Dean Rusk, no estilo de John Foster Dulles, não contribuiram para a criação de uma atmosfera construtiva com vista á resolução dos graves problemas com que se depara a Assembleia Geral.

XUAN THUI REJEITA AS PROPOSTAS DE HUMPHREY

PARIS, 3 — (A. N. I.) — O chefe da delegação de Hanói ás conversações preliminares de Paris rejeitou as ultimas propostas feitas pelo vice-presidente Hubert Humphrey para resolver a situação no Vietnam.

O candidato presidencial democrático á presidência dos Estados Unidos declarou no domingo que, no caso de ser eleito presidente, ordenaria a imediata suspensão dos bombardeamentos do Vietnam do Norte, se Hanói respeitasse a zona desmilitarizada.

Xuan Thuy sublinhou que nem mesmo o «notório belicista» Richard Nixon aprovaria este «plano fraudulento».

Thuy acrescentou que o povo vietnamiano tinha o «direito divino» de resistir a toda a agressão e que «os países socialistas fraternos» tinham todo o direito de dar amplo apoio ao povo vietnamiano.

Pelo seu lado, Averell Harriman voltou a acusar Hanói, como unico responsável pelo ponto morto nas conversações, afirmando que os norte-vietnamianos desinteressaram-se de tudo o que se diga a respeito das actuais batalhas na zona desmilitarizada.

Outro assunto também debatido por Harriman foram as estatísticas fornecidas sobre as perdas norte-americanas e sul-vietnamianas na guerra.

Xuan Thuy, chefe da delegação do Vietnam do Norte ás conversações de Paris, classificou de «plano fraudulento» as propostas apresentadas recentemente por Hubert Humphrey para resolver o conflito vietnamiano.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

AMBIENTE DE GUERRA CIVIL NA CAPITAL MEXICANA

CIDADE DO MÉXICO, 3 — *(por Robert M. Katz, da F. P.)* — Reina uma atmosfera de guerra civil nos bairros norte da vasta capital mexicana, como resultado dos incidentes sangrentos em volta da Praça das Três Culturas que já deram o balanço trágico de vinte mortos e numero indeterminado de feridos.

O drama eclodiu quando se realizava uma pacífica reunião de estudantes, que reuniu naquela praça uma dezena de milhares de pessoas Parece que um incidente banal, peças de fogo de artifício largadas por um helicóptero da Polícia, que estava atenta á manifestação, desencadeou a catástrofe. Os soldados ter-se-iam convencido de que se tratava de tiros de armas de fogo. Imediatamente, relatam testemunhas oculares, cerca de 5000 militares que se encontravam nas imediações, começaram a disparar as suas armas, e o pânico generalizou-se. Partiam tiros de todos os lados, e a multidão, incluindo mulheres e crianças parecia apanhada numa armadilha, na famosa praça, fechada ao sul pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, a leste por uma igreja da época colonial, e dos outros lados por numerosos edifícios que fazem parte do conjunto habitacional de Tlatelolco.

Do quarto piso de um destes prédios, também partiram tiros. Agentes da Polícia de Segurança encontravam-se postados ali e, aparentemente, dispararam as suas armas.

Uma parte da multidão conseguiu escapar-se da praça pelo lado ocidental, que abre sobre uma avenida, mas centenas de estudantes, jornalistas e simples curiosos caíram sobre filas cerradas de soldados que, de baioneta calada, os impediram de passar... Espavorida, toda aquela gente voltou a refluir para o centro da praça, procurando abrigar-se nos edifícios mais próximos. Caíram mulheres, ignorando-se se desmaiavam de pavor ou eram atingidas por projécteis. Mas os soldados, que avançavam de todos os lados, para cercarem a praça e continuavam a fazer fogo, devem certamente ter causado feridos nas suas próprias fileiras.

Centenas de estudantes, mulheres e adultos acoitaram-se nos corredores e escadarias dos prédios, quando não mesmo nos apartamentos dos inquilinos. Muitos destes, que nada tinham em comum com a manifestação, enlouquecidos pelo tiroteio, sacaram dos seus revólveres e puseram-se igualmente, a fazer fogo contra os soldados.

O tiroteio durou perto de meia hora. Nem as ambulâncias da Cruz Vermelha conseguiam passar. Finalmente, ás 18 e 30, autometralhadoras e veículos blindados rodearam a praça e houve uma acalmia relativa, cortada, no entanto, por tiros isolados. Nesta altura, eram várias as centenas de indivíduos presos, obrigados a deitar-se no chão, sob ameaça das armas. Viam-se muitos outros alinhados em filas cerradas, junto á parede exterior da igreja de S. Tiago. Finalmente, as ambulâncias puderam aproximar-se, para começarem a evacuar os feridos para os hospitais e a Cruz Vermelha

PROSPECTOS DO MOVIMENTO DOS ESTUDANTES

CIDADE DO MÉXICO, 3 — (F. P.) — Estão a ser distribuídos há dois dias, na Aldeia Olímpica, prospectos favoráveis ao movimento estudantil mexicano, os quais são entregues de preferência aos atletas latino-americanos, por causa da língua, mas também o são aos dos países do Leste europeu, em especial aos soviéticos. Nessa propaganda, os estudantes explicam os objectivos do seu movimento e asseguram que este não é dirigido contra os Jogos Olímpicos.

VINTE E SEIS MORTOS

(Continuação da 1.ª página)

«Por volta das 21 horas (5 horas em Lisboa) o Exército iniciou uma operação de limpeza dos edifícios da zona.

Nesta altura, foi morto um cabo e feridos dois oficiais, incluindo o general José Hernandez Toledo, comandante do batalhão de pára-quedistas, que recebeu tratamento de emergência, mas não foi hospitalizado.

«A situação não se repetirá, porque nós não o permitiremos e porque estamos a fazer um apelo aos pais e mães para que tenham mão nos filhos e filhas, não lhes permitindo participar em actos como os que hoje ocorreram.

«O resto do país encontra-se calmo e não será proclamada a lei marcial.

«O Ministério da Defesa vai proceder a um inquérito junto dos armeiros agora encerrados, a fim de se apurar se têm exercido a sua actividade nos termos da lei».

Incendiados autocarros e «eléctricos»

CIDADE DO MÉXICO, 3 — (F. P.) — Uns vinte autocarros e «eléctricos» foram incendiados ontem, á noitinha, em vários bairros do norte e do centro desta cidade, a seguir aos incidentes na Praça das Três Culturas. Manifestantes que percorriam as ruas, em grupos de cinco ou seis, atiraram «cocktails Molotov» contra os «eléctricos», alguns dos quais ficaram totalmente destruídos.

PRESAS 500 PESSOAS

CIDADE DO MÉXICO, 3 — (F. P.) — O director das relações Publicas e da informação na presidência da Republica, Fernando Garza, anunciou aos jornalistas: «Os incidentes na Praça das Três Culturas fizeram 20 mortos e 75 feridos. Houve 500 detenções.

«Os Jogos Olímpicos mantêm-se» — acrescentou. — «Tomar-se-ão medidas de segurança adequadas. Não haverá militares nas instalações olímpicas. O povo mexicano é o melhor penhor do desenrolamento normal dos Jogos».

O ÚNICO RECURSO

HAVANA, 3 — (F. P.) — A luta pelo sistema da guerrilha passará a ser o unico recurso dos negros americanos, declarou hoje em Havana, Irving Davis, director-adjunto das relações internacionais do «comité» coordenador dos estudantes para a não violência, numa conferência com a Imprensa. Davis exortou os negros americanos a não votarem nas próximas eleições presidenciais.

Ferida a jornalista Oriana Falacci

CIDADE DO MÉXICO, 3 — (F. P.) — A jornalista itallana Oriana Falacci, ferida durante os sangrentos tumultos registados ontem, á noite, na capital mexicana, deixou já o hospital para onde tinha sido transportada. O médico da Embaixada da Itália, chamado imediatamente á sua cabeceira, concedeu-lhe alta, responsabilizando-se por esta decisão, já que os ferimentos recebidos não são de molde a fazer perigar o seu estado. O clínico recusou-se, no entanto, a precisar a natureza desses ferimentos.

OS JOGOS OLÍMPICOS EM RISCO DE SER CANCELADOS

CIDADE DO MÉXICO, 3 — (A. N. I.) — Devido ás graves desordens na capital do México, os XIX Jogos Olímpicos de Verão correm o risco de ser cancelados — afirmou uma alta entidade do Comité Olímpico Internacional.

Alguns dos participantes que já se encontram na Aldeia Olímpica citam uma regra, segundo a qual os Jogos serão cancelados se houver desordens civis, antes da sua abertura.

Todavia, nos círculos do C. O. I. afirma-se que já não existe tal regra desde os Jogos Olímpicos da antiga Grécia. Acrescenta-se, contudo, que a comissão organizadora, sem se imiscuir na política local, tem o dever de garantir a segurança dos atletas e das entidades oficiais.

A comissão executiva do C. O. I., formada por nove elementos, encontra-se reunida para apreciar a situação.

Esta comissão poderia aconselhar o cancelamento dos Jogos, no congresso plenário, a realizar no dia 7, práticamente uma semana antes do início das competições.

O presidente do C. O. I., Avery Brundage, não fez comentários sobre os graves acontecimentos.

Já se encontram na Cidade do México cerca de quatro mil, dos oito mil atletas inscritos nas competições, além de várias centenas de jornalistas estrangeiros.

Três helicópteros abatidos no Vietnam

SAIGÃO, 3 — (A. N. I.) — O comando militar dos Estados Unidos em Saigão anuncia que três helicópteros americanos transportando militares feridos e os tentando a cruz vermelha pintada na fuselagem, foram abatidos pelo fogo do inimigo.

Incluindo os helicópteros, os Estados Unidos perderam ontem seis aparelhos sendo um deles um avião de reconhecimento do couraçado «New Jersey», que tem estado a bombardear importantes objectivos militares na região meridional do Vietnam do Norte.

AEROPORTO BOMBARDEADO

SAIGÃO, 3 — (R.) — Os guerrilheiros do Vietcong alvejaram, durante a noite, o aeroporto de Dalat, com dezasseis granadas de morteiro, ferindo dois soldados de guarda ás instalações e causando estragos materiais.

Dalat é um refúgio dos ricos residentes de Saigão, que ali têm as suas casas de campo, fazendo a viagem, normalmente, de avião.

Tanques soviéticos continuam nos arredores de Praga, preparando-se para uma estadia que poderá prolongar-se ainda mais.

Dubcek em Moscovo

MOSCOVO, 3 — (R.) — O chefe do Partido Comunista checoslovaco, Alexander Dubectk, chegou hoje de avião a Moscovo, á testa de uma delegação, para travar importantes discussões com dirigentes soviéticos sobre a ocupação da Checoslováquia.

Dubeck fazia-se acompanhar do primeiro-ministro Oldrich Cernik e do dirigente do Partido Eslovaco, dr. Gustav Husak que é também adjunto do primeiro-ministro do Governo da Checoslováquia.

Foram recebidos no aeroporto de Vnukovo, reservado ás altas individualidades, pelo chefe do triunvirato russo Leonid Brezhnev e pelos dois outros membros que são o primeiro-ministro Alexei Kosygin e o presidente Nikolai Podgorny.

É a primeira visita de Dubcek a Moscovo desde a conferência de alto nível realizada no Kremlin a seguir á invasão da Checoslováquia. Nessa ocasião, Dubcek e Cernik foram levados secretamente num avião militar soviético depois de terem sido presos em Praga pelas tropas da ocupação e só no fim da conferência é que se juntaram á delegação oficial da Checoslováquia, chefiada pelo presidente Ludvik Svoboda.

Os correspondentes ocidentais foram impedidos de entrar no aeroporto, quando o avião tocava na pista pouco depois das 13 e 30 locais.

Um artigo publicado hoje na «Pravda» mostra o Kremlin numa dura atitude negociadora, sem qualquer pressa para retirar as tropas, sobre as actuais condições políticas na Checoslováquia.

Sem mencionar directamente membros do Governo checo a «Pravda» diz que terão preferivelmente de tomar medidas práticas em vez de discursos com promessas se desejam realmente «normalizar» a situação no seu país

ALDEIA ZAMBIANA ATACADA

LUSAKA, 3 — (R.). — A Rádio da Zâmbia disse hoje que aviões não identificados tinham bombardeado uma aldeia zambiana, perto da fronteira com Moçambique, matando um homem e ferindo sériamente a mulher, a filha e outros três homens.

A Rádio — emissora oficial — disse que a aldeia atacada era a de Cimupobi, na região de Catete.

A notícia dava como fonte uma mensagem da Polícia, recebida de Catete, durante a noite.

Explosão de uma bomba na Abadia de Westminster

LONDRES, 3 — (R.) — Um jovem fez hoje explodir uma bomba na histórica abadia de Westminter, danificando gravemente uma tapeçaria que se encontra junto do altar-mor.

O jovem foi visto a saltar o portão da abadia pouco depois das 8 da manhã transportando um pequeno objecto que seria aparentemente uma bomba de petróleo em bruto.

Quando um funcionário da abadia correu para ele, o jovem lançou o «objecto» em direcção a uma tumba. O óleo inflamado espalhou-se queimando a tapeçaria.

Foi preso um homem pela Polícia.

Foram encontrados «slogans» escritos na parede da abadia mas a Polícia não tem a certeza que eles estejam relacionados com a bomba.

MAGNÍFICOS ANDARES

ÀS PORTAS DE LISBOA — ALGÉS

Junto á Praça de Touros e ao mercado, boa vista de mar, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, dispensa, roupeiros, etc. Acabamentos de 1.ª qualidade. Visite um andar modelo Temos uma solução para cada cliente

LOTES 90 — 130 — 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA. —

Telefs. 21 22 88 - 21 31 02

MINICRUZEIRO (3 DIAS)

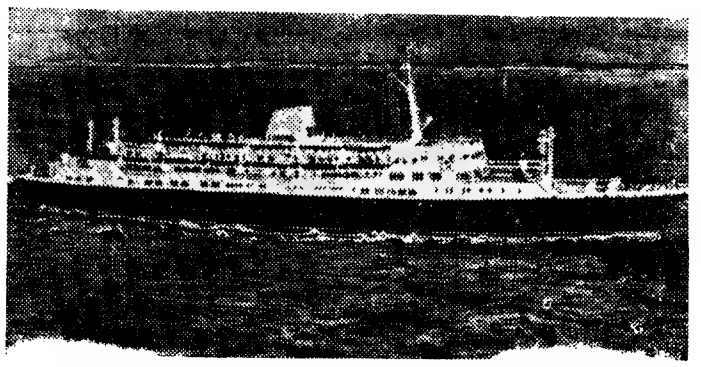
A CADIZ E GIBRALTAR

NO N/T «FUNCHAL» C/PARTIDA A 31/10 ÀS 21 H.

DIA 1/11 (6.ª feira FERIADO)
2/11 (SÁBADO)
3/11 (DOMINGO)

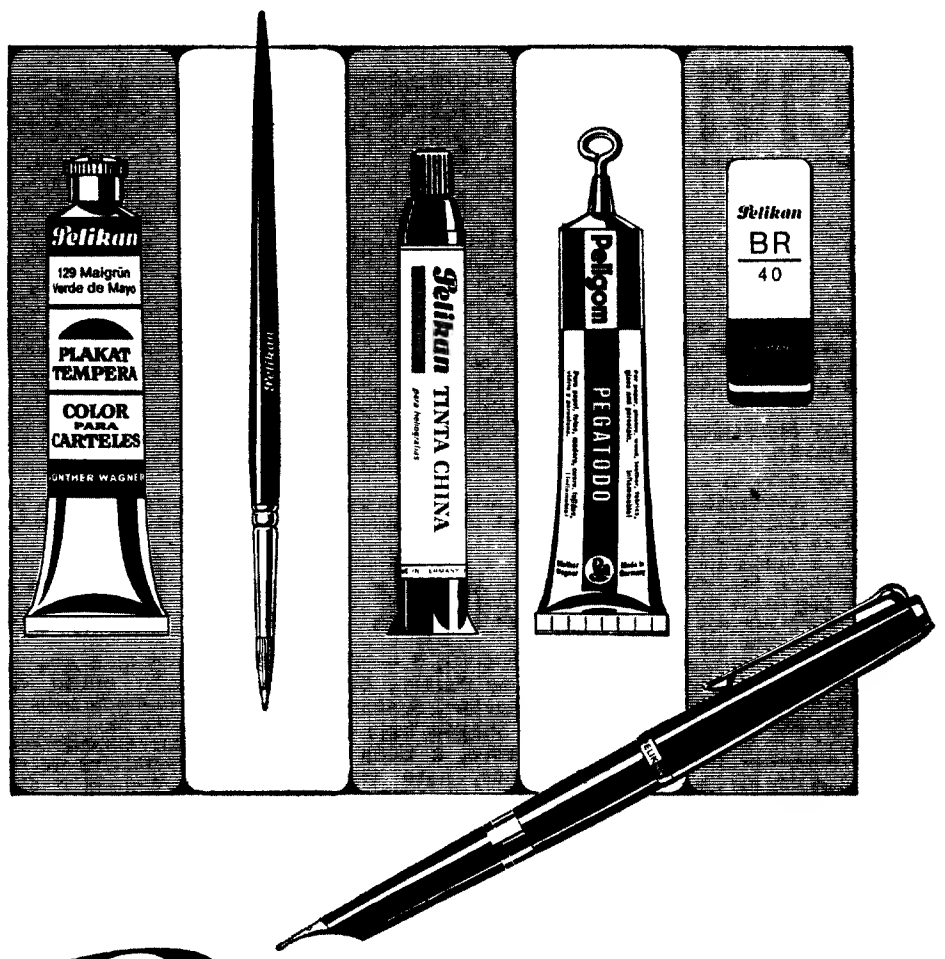
PREÇOS A PARTIR DE 1.151$00 (a prestações e a pronto)

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU OS ORGANIZADORES



E. PINTO BASTOS,LDA. 36 86 59
SOC. COM. GARLAND LAIDLEY 32 04 43
SOC. COM. OREY ANTUNES 36 93 46
TURISMO DE MOÇAMBIQUE 53 58 13

dist. CANAL 1



Pelikan

para o Estudante

Guacho·Pinceis·Tinta da china
Cola tudo·Borrachas de safar
e Canetas

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Daniel Gomes dos Santos Cruz

Faleceu o sr. Daniel Gomes dos Santos Cruz, de 64 anos, natural de Lisboa, funcionário bancário, casado com a sr.ª D. Custódia Ramos Cruz e pai da sr.ª D. Alice Gomes Santos Cruz Baltasar. O funeral, a cargo da Agência Salgado, sai amanhã, ás 9 horas, da igreja de São José (ao Largo da Anunciada) para o cemitério do Alto de São João.

FUNERAIS

D. Albertina do Espírito Santo Leitão Bandeira Pereira

BRAGANÇA, 3 — Da sua residência, á Rua do Conselheiro Abílio Beça, nesta cidade, para o cemitério local, realizou-se o funeral da sr.ª D. Albertina do Espírito Santo Leitão Bandeira Pereira que tinha 80 anos e era viuva do sr. Francisco do Nascimento Pereira.

A extinta era mãe dos srs. Manuel Eduardo Pereira, D. Sofia Pereira Freire, D. Francisca da Assunção Pereira Morais, D. Fernanda da Anunciação Pereira Gonçalves, Fernando Carlos Pereira, D. Prazeres Pereira Martins, Vítor do Nascimento Pereira, D. Bárbara Rosa Pereira Neves, D. Maria Henriqueta Leitão Pereira Morais e José Emílio Gustavo Pereira.

Era ainda avó de 38 netos e bisavó de 3 bisnetos.

D. Filomena das Dores Pereira Rodrigues

LEIRIA, 3 — Com grande acompanhamento, realizou-se, para o cemitério desta cidade, o funeral da sr.ª D. Filomena das Dores Pereira Rodrigues que contava 92 anos e era viuva do sr. António José Rodrigues.

A extinta era tia dos srs. dr. Manuel da Silva Pereira, D. Alice Silva Pereira Varela, Joaquim da Silva Perera Junior, Carlos Eugénio da Silva Pereira, correspondente do «Comércio do Porto», nesta cidade, D. Alzira Barata, D. Filomena Cardoso, D. Isabel Cardoso, D. Maria Albina Cardoso, D. Maria Carolina Varela, D. Maria Julia Varela, D. Maria Judite Varela, Aníbal Varela e José Varela.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 66 27 72 28 90 22

FATOS Alextex (exclusivos)
E TUDO PARA VESTIR
Por medida, a pronto ou a prestações
Grande variedade de padrões - Últimas novidades!
GABARDINAS
Visite e consulte estabelecimentos Cancela
CALÇADA DO COMBRO 21/23 - LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou punho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64 — LISBOA

AMANHÃ
LUTA LIVRE AMERICANA NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS
AS 21.45 HORAS PREFIXAS

A SENSAÇÃO CONTINUA — AMANHÃ MAIS UMA EXTRAORDINÁRIA SESSÃO COM AUTÊNTICOS CAMPEÕES DA MAIS EMPOLGANTE E ENTUSIÁSTICA MODALIDADE DESPORTIVA.

«TARZAN» TABORDA

O público que esteve anteontem no Pavilhão é a testemunha maior. O grandioso recinto do Parque Eduardo VII quase esgotou e a assistência, por vezes vibrando frenèticamente, não se cansou de aplaudir, incitar e até criticar, os grandes gigantes do ringue. TITO COPAS, «TARZAN», NINO PIZARRA, e os terriveis, crueis e traiçoeiros «OS INTOCAVEIS» foram as grandes vedetas da primeira sessão, uma jornada ao nível das grandes noites de luta livre das maiores salas do mundo onde se pratica a modalidade.
Mas amanhã será maior:

NINO PIZARRA pediu a desforra a «OS INTOCAVEIS», desde que a organização nomeasse outro «co-equipier». E após algumas diligências o espanhol PEDRO CATARECHA acedeu a formar equipa com PIZARRA para defrontar os campeões mundiais da luta a quatro.

Sure assim a hora grande da Luta Livre Europeia.

QUEM VENCERA? NINO evidenciou uma valentia e arte que empolgou a assistência. Conseguirá, com novo colaborador, alcançar o que nenhuma equipa mundial conseguiu até hoje?

O MAIOR ESPECTÁCULO QUE SE TEM REALIZADO EM PORTUGAL

Os adeptos da Luta Livre verificaram anteontem a grande verdade da Luta e amanhã será maior ainda. Além do combate «dois a dois» lá estarão ainda os consagrados TABORDA, o português que é orgulho de todos os portugueses amantes da Luta, FÉLIX, o temível espanhol; o misterioso KHAN; o campionissimo CHAUSSON e muitos outros.

Uma vez mais 12 lutadores em ringue num espectáculo memorável, 12 M/ 17 ANOS

E finalmente a «Montanha Humana» o consagrado VERDUM que não pôde estar presente na primeira sessão. 130 quilos, ágeis e desconcertantes, pela primeira vez em Portugal.

AMANHÃ NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

DANIEL GOMES DOS SANTOS CRUZ

FALECEU

Custódia Ramos Cruz, Alice Gomes Santos Cruz Baltazar e seu marido José Pinto Baltazar, Edite Espada Santos Cruz Meireles, António Espada Santos Cruz, Edgar Espada Santos Cruz, Raul Espada Santos Cruz e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 4, pelas 9 horas, da igreja de São José (ao Largo da Anunciada), para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

COMENDADOR
GASTÃO MENDES BARATA

MISSAS DE 30.º DIA

AGRADECIMENTO

Josefa de Barros Mendes Barata, António de Barros Mendes Barata e sua mulher Margarida Lídia da Silva Mourão Mendes Barata, Palmira Mendes Barata e sua filha Maria Antonieta Mendes Barata Carvalho Silva, seu marido e filhos, António Maria Mendes Barata e sua mulher Anália Corrêa de Azevedo Mendes Barata, suas filhas Maria Alda de Azevedo Mendes Barata e Maria Eugénia de Azevedo Mendes Barata Sampaio Viola, seu marido e filhos, Isaura Mendes Barata Queriol e seu marido Augusto Gomes Queriol, Maria Eugénia Barros da Silva, seu marido Domingos Roberto da Silva e filhos, Lucília Barros Monteiro, seu marido e filhos, Gastão Francisco Gonçalves de Barros, sua mãe e irmão (ausente), participam que amanhã, ás 11 horas, na igreja de Santo Condestável, ás 12,15 horas, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Parada dos Prazeres), e ás 20 horas, na igreja paroquial do Cercal n.º 3, serão celebradas missas pelo eterno descanso do seu querido Marido, Pai, Sogro, Irmão, Cunhado e Tio, agradecendo aos que se dignarem assistir aos piedosos actos.

Dada a impossibilidade de agradecer directamente a todos que lhes manifestaram o seu pesar pela perda de seu ente querido, pedem desculpa áqueles a quem o não fizeram.

P. N. — A. M.

DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES...

FALEMOS DE COMPRAS

pela dr.ª ELINA GUIMARÃES

A COMPRA de recordações é um dos prazeres do turismo. Neste particular é difícil bater a Suiça no seu duplo fabrico de recordações. Há as recordações caras mas indispensáveis e duradouras: os relógios e outras ao alcance de todas as bolsas. O chocolate e os queijos que, sensatamente, são considerados como alimentos e não como entre nós sucede, como complementos. Uma criança suíça recebe à merenda uma peça de fruta e uma fatia de pão com chocolate ou com queijo, mas nunca as duas coisas. O que é muito mais saudável que os eternos pacotes de batatas fritas das nossas praias.

Com a sua meticulosidade característica, os suíços, no preço destes artigos, levam em conta o preço dos de exportação. Não são, portanto, mais baratos, mas a sua diversidade é muito maior.

Como exemplo, pode citar-se a pulseira de relógio que, graças a aros e tiras de cores, pode tomar seis aspectos diferentes. Este ano surgiu um despertador com cinco centímetros e marcha electrónica.

O comércio de luxo, que dizem ter brilhado em Montreux, já não tem, salvo nos relógios, interesse particular.

Há já alguns anos uma senhora francesa da província, idosa e observadora, disse-me que o hábito das lojas com sucursais alterou as perspectivas femininas provincianas, espalhando simultâneamente os mesmos artigos e descentralizando as compras.

Esta forma de comércio está muito espalhada na Suiça. Montreux possui a sucursal dum grande armazém de Lausanne e da Livraria de Payot. Vevey tem um armazém da cadeia dos «Uniprix» e umas galerias importantes que editam um catálogo. Ambas as terras possuem mais do que um estabelecimento das organizações de supermercados que também vendem objectos de vestuário, perfumaria, papelaria e brinquedos em regime de «self service».

Montreux comporta ainda seis grandes farmácias, perfumarias e inúmeros bazares. Nas duas cidades há, semanalmente, mercados do tipo feira, no género do nosso São Pedro de Sintra. Esses mercados são muito diferentes. O mercado de Vevey é de comestíveis e plantas. Este ano os vendedores vestiam trajo regional. Em certo recinto a música tocava e quem adquirisse pela módica quantia de 7$50 um copo gravado tinha o direito de o encher de vinho branco quantas vezes quisesse! (O copo era pequeno). Era ver pessoas de todas as raças e condições dizendo-se mùtuamente «santé» com franternal entusiasmo! Espectáculo relativamente reconfortante.

O mercado de Montreux é menos espectacular e mais cosmopolita. Encontram-se à venda as coisas mais díspares, como roupas americanas novas, gôndolas de plástico dourado com música, meias alemãs, objectos de couro trabalhado marroquino e até pequenas peças do barro negro de Trás-os-Montes, aliás vendidas por preço razoável em relação ao de aqui. A vendedora apresentava-as correctamente como especialidade do Norte de Portugal. A mim, disse-me que as recebia de Chaves, duma correspondente com quem permutava mercadorias depois duma viagem ao nosso país.

Em matéria de distracções Montreux além dum casino e algumas «boîtes», possui quatro cinemas que programam «matinées» todos os dias. E devem dar prejuízo, dado a pouca frequência. Com o aproveitamento máximo de toda a mão-de-obra da Suiça, a mesma pessoa vende os bilhetes, abre a sala, indica os lugares e volta para oferecer gelados e chocolates no intervalo, quando há.

Mais procuradas são as excursões organizadas que partem todos os dias com destinos diferentes. Podem durar todo o dia ou apenas algumas horas.

As pessoas mais independentes têm à sua disposição comboios, barcos do lago e o excelente «troley-bus» que liga Montreux a Vevey e, no outro sentido, a típica povoação de Villeneuve. Junto do lago, perto do cemitério de Territet, onde teria dito que gostaria de ficar, está a expressiva estátua da imperatriz Isabel da Áustria, mais conhecida como Sissi. Sissi, a insatisfeita, que tanto sofreu com as injustiças do mundo..

Assim Montreux se adapta com inteligência ao mundo de hoje onde alcança, porque o merece, o seu «lugar ao sol».

Para o Inverno que se aproxima

À esquerda, casaco de fazenda cinzenta clara forrado de pele branca, que aparece na frente e nos punhos numa tirinha muito estreita. À direita, saia e casaco de fazenda castanha guarnecido com pele branca na frente e nos punhos

Terminam no sábado as candidaturas à «Foca de Ouro»

Até ao próximo sábado recebem-se, no «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) os trabalhos fotográficos com que os repórteres profissionais portugueses queiram concorrer ao troféu «Foca de Ouro».

A atribuição deste prémio pertence á Associação Internacional dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos, com sede em São Paulo, e a ele podem concorrer todos os profissionais da reportagem: da Imprensa, do Cinema ou da Televisão.

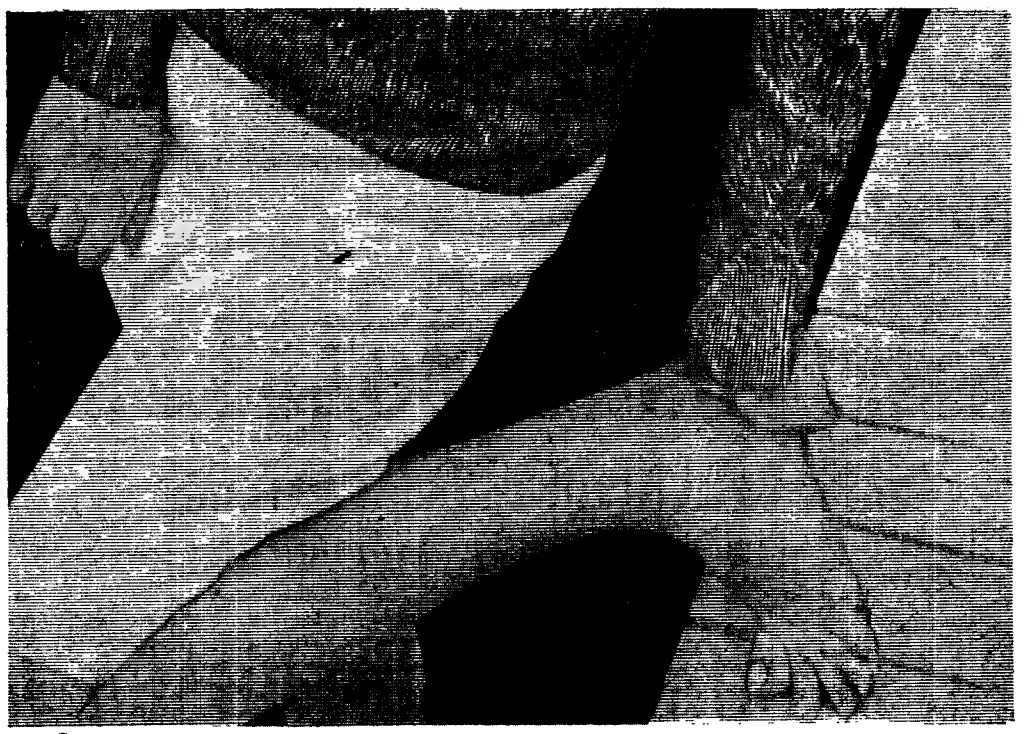
As fotografias (a preto e branco ou a cores) devem ter o formato 50×60 e os concorrentes devem comprovar a sua publicação.

Ao primeiro fotógrafo distinguido será entregue a «Foca de Ouro», um prémio em dinheiro e um diploma. Aos demais concorrentes, a Associação Internacional confere diplomas alusivos á sua presença no certame de São Paulo.

Não esquecer as bases em que assenta a atribuição do prémio: flagrante, técnica e ângulos fotográficos.

Recorda-se que as fotos concorrentes ao símbolo «Foca de Ouro» serão transportadas para o Brasil pela delegação portuguesa ao concurso de «Miss Objectiva», que parte de Lisboa no próximo dia 11 do corrente, e integra Luísa Matias («Miss Objectiva de Portugal-1968») o fotógrafo que a «descobriu» (Augusto Cabrita) e a representante, no nosso País, da Associação Internacional de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos, a jornalista e produtora radiofónica Etelvina Lopes de Almeida.

CANAL 1



NÃO SOFRA UM MINUTO MAIS dos SEUS PÉS

É um facto...
Ainda há quem diga "tenho horror aos sapatos novos"
Agora que tudo mudou com o lançamento do calçado PODOLIZADO até custa a crer em tanto conforto, mantendo a elegância, sem custar mais.
Este tipo de calçado foi de tal forma concebido que evita as deformações e atrofiamentos dos pés, dado que possui um alojamento adequado, além de manter a forma permanentemente.
Diga NÃO ao seu calçado habitual e verá como temos razão.
PODOLIZADO para homem, senhora e criança.

PODOLIZADO · sapato novo... conforto de velho

Exija o selo de garantia

Gabinete Português de Podolização

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos, com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora, Centro da Amadora frente à estação do C. F. Portas de Benfica, Parede Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇAO DE BEM SERVIR COM SIMILARES

INFORMAÇÕES:

Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Tel. 47843 e 45843
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Telefs. 952021 e 952022
Amadora — Reboleira — Tel. 933670

MORADIA EM CASCAIS

Av. Marechal Carmona, N.º 30

Vende-se, com 11 assoalhadas, sendo algumas excepcionalmente grandes, 5 roupeiros, 3 casas de banho, lavabo, 3 halls, grande cozinha, despensa, lavanderia, garagem, enormes varandas, jardim, vistas agradáveis. Área 1050 m2.

TRATA-SE NO LOCAL

●

MORADIAS NO ALTO DE PAÇO D'ARCOS

RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO

Compondo-se de r/c, 1.º andar e garagem, 10 casas assoalhadas, cozinha, lavabos, etc.

PREÇO 1.500 CONTOS

Em construção com acabamentos ao gosto dos interessados.

INFORMAÇÕES: **No próprio local ou nesta organização.**

AZULEJOS

Nacionais e Estrangeiros
DESDE $80

Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal dos azulejos Celena

BANHEIRAS DE FUNDIÇAO E CHAPA ESMALTADA

Grande quantidade de polibains de ferro fundido

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

PLÁSTICO PVC RÍGIDO

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios, portas extensíveis e planas e chapas de cobertura da Fábrica de Plásticos Valverde

A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A maior gama de materiais de construção especialmente revestimentos, tintas, drogas ferragens e ferramentas

●

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30
QUELUZ
PRAÇA PADRE EDUARDO FERREIRA DO AMARAL, 3-A
AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)

ARTIGOS ESCOLARES

MAIS BARATO QUE NAS CANTINAS DAS ESCOLAS E LICEUS

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

SEDE: RUA DA MADALENA, 42

FILIAIS

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C e AV. ROMA, 10-E

DEPOSITÁRIOS

VÍTOR NÉVOA
AV. DUQUE DE LOULÉ, 49
EM LISBOA

PAPELARIA TEJO, LDA.
R. DE OLIVENÇA, 6-A
EM ALMADA

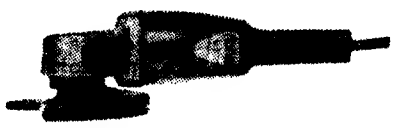
BRINDES

Desconto de 10 % em todos os artigos escolares excepto em livros, e ainda um lindo estojo com esferográfica nas compras superiores a 100$00, e um lindo estojo de caneta e esferográfica nas compras superiores a 250$00, e ainda outros brindes de utilidade.

Só têm direito a estes brindes as compras feitas aos nossos balcões e pagas a pronto, de 1 a 31 de Outubro de 1968.

NO APROVEITAR É QUE ESTÁ O GANHO

Enviamos encomendas para a Província contra reembolso, despesas por conta do cliente.



FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTATEIS RUPES (MILÃO) O QUE HÁ DE MELHOR E MAIS ECONÓMICO

Distribuidores:
H. CABRAL & SARZEDAS, L.DA
LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B
PORTO — RUA DA ALEGRIA, 291

REBARBADORAS MONO FÁSICAS E TRIFÁSICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FÓRMICA, LIXADEIRAS, ELECTRO-SOPRADORAS, ETC., ETC.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º **TELEF. 369384**

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto

SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248 556580

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 18-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

«CONHEÇA A CURIA»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CHAMUSCA no Café e Pastelaria IMPÉRIO, do Sr. Manuel M. Pernes.

DESPORTO

José Augusto carrilou o perigo até junto das redes do Valur: cinco defesas conseguem conjurar o perigo... «in-extremis»!

ESTÁDIO DA LUZ — TAÇA DOS CAMPEÕES

BENFICA:

QUANDO GANHAR POR OITO TEM UM «VALUR» RELATIVO...

• Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

A Taça dos Clubes Campeões Europeus é a mais importante das três provas internacionais de futebol disputadas anualmente por clubes do Velho Continente. A prova é a mais importante, isso é, mas não quer dizer que todas as equipas que nela participam ocupem o primeiro plano de valia. Assim como se numa cidade houvesse uma competição, de qualquer coisa, entre o melhor de cada rua. Haveria os eleitos só porque os vizinhos eram muito fraquitos e também haveria os condenados a ficar de fora por terem o azar de morarem naquela rua onde habitava um «fera».

Pois bem: o Valur é o melhor da rua dele. Lá na Islândia, onde o futebol é entretenimento, para os praticantes, o Valur ganhou o campeonato. E como se tornou campeão, eis que toma assento na assembleia dos ditos. Sem prosápias de botar discurso, é só dizer **«presente»** e depois **«até para o ano, que eu vou-me já embora»**.

Entra e sai, sem fazer ondas.

Quando terminou o jogo de Reikjavic, os Islandeses confessaram-se espantados consigo próprios: tinham empatado com o Benfica! Rezam as crónicas que uma actuação sensacional do guarda-redes Dagsson e o extremo ardor defensivo dos seus companheiros, tudo isto salpicado por uns borrifos da fortuna, permitiram o milagrezinho: que não causasse beliscadura o bombardeio benfiquista.

O Valur veio agora a Lisboa

BENFICA, 8
VALUR, 1
No 1.º «mão»: 0-0

com a sina rezada, não diremos na palma da mão, mas talvez na biqueira das botas. O choque com a realidade traduziu-se numa derrota de 1-8. Do mal a menos. Poderia ter sido muito pior para eles, islandeses, se o Benfica persistisse em jogar no ritmo veloz com que actuou durante largo período da primeira parte. Aos 33 minutos, o resultado estava em 5-0 e o grupo islandês, assarapantado, confundido, assistia aos requintes de execução dos jogadores portugueses e á sua movimentação que devia parecer-lhes alucinante. Nesse período do jogo, o Benfica não só marcou cinco golos como teve amplas mas perdidas possibilidades de, pelo menos, dobrar a parada.

Estavam então em confronto duas «dimensões» de futebol totalmente diferentes. Profissionais da melhor escola contra amadores pouco habituados a verem-se em cavalarias tais. Eusébio, Torres, Coluna, Graça, Simões, especialmente Simões, obrigavam os moços a andar de um lado para o outro, abnegados e correctos, mas também muito atrapalhados da vida.

Tão fácil, tão fácil que o Benfica se cansou. Talvez inconscientemente, os portugueses foram deixando adormecer o seu inicial espírito de combate. A fragilidade da oposição provocava uma serenidade quase sonolenta, uma instintiva recusa aos grandes e continuados esforços. Foi como se dissessem ao Valur: **«Pois mostra lá as habilidades...»**

E o Valur mostrou. Desde que o adversário pusesse de lado aquela «mania» de fazer correr a bola com uma velocidade espantosa, com os passes mais imprevistos e sempre jogadores desmarcados, eles, os do Valur também eram capazes de fazer as suas coisinhas. O publico, que já não estava lá muito satisfeito com a apatia da equipa benfiquista, chegou a aplaudir algumas jogadas de interessante coligação por parte dos islandeses e alguns lances de habilidade individual dos mais dotados. Acabaram por marcar um golo, por sinal um bom golo, quando Gunnarsson, em ponta-de-lança, fugiu na ponta da unha e atirou com muita calma e muita pontaria. Logo na resposta, o Benfica, talvez por uma questão de dignidade ofendida, foi por aí fora e marcou o sétimo golo. Mas logo tornou á doce sonolência dos de

(Continua na 21.ª página)

Foi o maltês Cassar Nandi quem dirigiu o jogo no Estádio da Luz. Os dois «teams»:

BENFICA — Nascimento; Jacinto, Humberto, Raul e Cruz; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Torres, Eusébio e Simões.

VALUR — Dagsson; Erlingsson, Einarsson, Ragreasson e Thorstein; Jonsson e Alfonson; Elisson, Raynir, Gunarsson e Skulason.

Golos: Aos 4 minutos por SIMÕES. Três minutos mais tarde foi JAIME GRAÇA o autor do tento. Aos 11 m. foi a vez de TORRES atirar certeiro. Nove minutos decorridos EUSÉBIO também fez um golo. COLUNA (aos 33 m.) fez 5-0. Já na 2.ª parte (aos 47 m.) TORRES fez 6-0. Aos 65 minutos, inesperadamente, GUNARSSON reduziu a diferença para 1-6. Mas, logo de seguida, JOSÉ AUGUSTO obteve o sétimo golo, fechando-se a contagem aos 78 m., por intermédio de TORRES.

Resultado final: 8-1 para o Benfica.

Entre uma floresta de pernas, um flagelo chamado Eusébio lança o pânico

O NOSSO PALPITE

1	Braga-Setúbal	1
2	Belenenses-Sanjoanense	1
3	C. U. F.-Sporting	1
4	União de Tomar-Guimarães	1
5	Acad. de Viseu-Famalicão	1
6	Covilhã-Beira-Mar	X
7	Espinho-Salgueiros	2
8	Tirsense-Torres Novas	1
9	Valecambrense-Tramagal	X
10	Alhandra-Barreirense	2
11	Portimonense-Lusitano	1
12	Luso-Torriense	2
13	Leões-Sesimbra	1

Serviço especial de barcos entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro por motivo do desafio de futebol Cuf-Sporting

Prevendo-se grande afluência de público para assistir ao desafio de futebol Cuf-Sporting, a C. P. estabelece no domingo, 6 do corrente, entre Lisboa e Barreiro, algumas carreiras extraordinárias, além das carreiras regulares já existentes.

Para esclarecimento, a seguir se indicam as horas de partida das carreiras da estação de Lisboa (Terreiro do Paço): 11.25 (a) — 12.15 (a) — 13.15 — 13.40 (a) e 14.00.

(a) — Estas carreiras têm ligação directa, por comboio, á estação de Montijo, que serve o Estádio da Cuf.

No regresso far-se-ão carreiras extraordinárias sempre que a afluência de passageiros o justificar.

No próprio interesse dos srs. passageiros, para poder assegurar o seu transporte, recomenda-se a utilização destas carreiras á partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço), a fim de se evitar a aglomeração de público nas carreiras mais próximas da hora do início do desafio.

FESTA BENFIQUISTA

À semelhança do ano transacto, atletas do Sport Lisboa e Benfica vão organizar, no próximo dia 5 de Outubro, no Campo Grande, uma festa de confraternização que terá início ás 9 e 30 e compreende futebol entre equipas de seniores e juniores, basquetebol feminino e atletismo por antigos praticantes.

A reunião culminará com um almoço, nas instalações do Estádio da Luz.

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BÁSICO, NORMAL, ACELERADO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUÍMEDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380

CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

DESPORTO

ESTÁDIO DAS ANTAS — «TAÇA DAS TAÇAS»

F. C. PORTO:
QUE BEM TERÁ JOGADO ...PARA EMPATAR EM CARDIFF!

• Comentário de ANTÓNIO AUGUSTO

O Estádio das Antas encheu-se totalmente ontem, á noite, com uma multidão que assistiu a um jogo muito emotivo, cheio de interesse de princípio até final, e a que a noite de temperatura esplêndida também deu o seu contributo para agrado total. Provou-se, assim, mais uma vez, a necessidade de o F. C. Porto ter uma equipa á altura de acompanhar o passo europeu».

O jogo foi muito difícil para o F. C. Porto. A felicidade acompanhou-o, porém, e a «barreira» foi ultrapassada, eliminando uma equipa que demonstrou ser-lhe superior em futebol jogado. O ponto mais alto dessa felicidade observou-se a dois minutos do final, quando Américo defendeu um «penalty», que daria os 2-2 e o consequente prolongamento, que, talvez acarretasse pesado desgosto para os portuenses, a avaliar pelo que então se passara. Curiosamente, Américo, com uma exibição desastrada e sempre nervosa, salvou a gravidade do momento, como também já resolvera outra situação delicada, numa saída arrojada, fora da grande área, depois de um belo golo galês, obtido num remate para o qual estava mal colocado. Contudo, Tosback, talvez o melhor e mais fino jogador do Cardiff, falhou o «penalty», a única coisa de mal que fez em todo o encontro.

F. C. PORTO, 2
CARDIFF, 1
Na 1.ª «mão»: 2-2

Mas o jogo teve todos os condimentos necessários, especialmente emoção, pois, a seguir ao 1-1, que servia ao F. C. Porto, esteve mais á vista o tento vitorioso para o Cardiff do que para os portistas, e, ainda, depois destes alcançarem aquela marca, aguardava-se a todo o momento o 2-2, que, afinal, não se verificou.

O Cardiff impressionou mais na segunda parte do que nos primeiros quarenta e cinco minutos, apresentando todo o seu potencial futebolístico. O esférico corria todo o campo com facilidade e precisão, colocando constantemente em apuros o último reduto dos portuenses, sendo ainda mais de realçar a sua valia se considerarmos terem actuado com 10 elementos, por expulsão do defesa Coldrick, aos 37 minutos do primeiro tempo. A jogar futebol de excelente nível, o Cardiff impressionou muito bem, como dissemos, alardeando, também, magnífica condição física. Erraram os galeses apenas quando jogaram com extrema dureza, o que se verificou só no primeiro tempo. O processo de intimidação não resultou, porque os jogadores portuenses nunca se atemorizaram. E esse terá sido, até, o mais vincado atributo dos jogadores portugueses. Nunca renunciaram, nunca deixaram de se bater com entusiasmo, sabendo de antemão que o adversário actuava autenticamente a varrer. Excluída a dose de felicidade a que já aludimos, esse foi o seu maior mérito. Ess forma de actuar dos portuenses (se sempre jogassem assim...) obrigava-os a soltar a bola com facilidade, ao primeiro toque, em passes compridos, na sua maioria rápidos, que esteve na base da magnífica oposição á maior perfeição e capacidade dos galeses. E criavam, até, jogadas de espléndido efeito, com destaque para aquela de que resultou o primeiro golo, aos 8 minutos. Já no segundo tempo procuraram os portistas utilizar um processo de congelamento, com passes para trás, perdendo, então, no confronto com o adversário, que gerou momentos difíceis para a baliza portista, que nunca se tinham verificado no primeiro tempo.

No cômputo da partida, porém, mereceram os «azuis-brancos» a vitória, sobre uma equipa difícil e de respeito, talvez mais difícil do que a que lhes possa vir a deparar para a eliminatória seguinte.

O F. C. Porto, contudo, ontem, á noite, esteve longe do que pode estar ao alcance da valia dos seus jogadores. A turma mostrou-se nervosa, acusando, sobretudo, na retaguarda, os efeitos da responsabilidade do encontro. O próprio Américo, um homem experimentado, não se furtou a essa excitação. De resto, a cortina que o protegeu também não esteve isenta de erros, permitindo as jogadas de enlace pelos flancos e as clareiras para o remate frontal, na sequência dos habituais cruzamentos alongados, característicos das turmas das ilhas britânicas. Também o sector intermédio não encontrou a melhor forma de contrariar a esquemática mais clara e incisiva dos visitantes, sobretudo no segundo tempo, quando estes pressentiram não ser inspirada a actuação dos lusitanos. No período inicial, ainda os homens da «armação» do futebol portista souberam impor a toada mais conveniente, através de um dinâmica colectiva, feita em excelente ritmo e plena de imaginação, com que visìvelmente se não entenderam os jogadores do Cardiff. Depois, quando estes «acertaram o passo» já os futebolistas portuenses não souberam, ou não poderam, neutralizá-los. O sector dianteiro também não esteve dentro do que lhe é habitual. Talvez que os avançados da turma de José Pedroto se tenham ressentido do poder físico que os antagonistas utilizavam para anularem as investidas contrárias. Talvez, até, que, apesar de jamais terem revelado quaisquer inibições, essa forma de agir lhes tenha furtado discernimento e força. Mas a verdade é que, passados os primeiros minutos em que, realmente, os portistas utilizaram o único processo aconselhável, ao fazer girar o esférico entre os seus jogadores, eliminando as possibilidades de jogadas de choque, deixou de ver-se entre os «azuis-brancos» o futebol solto, alegre, atrevido e, diremos até incisivo, de que tinham feito gala. E foi pena...

O árbitro francês Helies foi imparcial, mostrando-se muito atento nas agressões em jogo a que, lamentàvelmente se assistiu. Apesar do uso que fez do apito, viu-se em dificuldade para as eliminar. Assinalou um «penalty» contra o F. C. Porto, que logo transformou em castigo contra o Cardiff, sem sabermos porquê, mas depois de ter ouvido um dos seus juízes de linha. E teve, ainda, a coragem suficiente para marcar outro «penalty» a dois minutos do final, numa falta que realmente existiu (jogador agarrado e derrubado) mas que fàcilmente poderia ter passado em claro, sem qualquer espécie de escândalo.

No Estádio das Antas, sob as vistas do francês Heliés, alinharam:

F. C. PORTO: Américo; Bernardo da Velha, Valdemar, Atraca e Sucena; Lisboa e Pavão (aos 60 m.: Chico); Pinto, Djalma (aos 81 m. Malagueta); Gomes e Nóbrega.

CARDIFF: Davies; Coldrick, Murray, Derrett e Bell; Sutton e King; Jones, Clark, Toshack e Lea (aos 54 m. Philips e aos 81 m. Bird).

PAVÃO fez o primeiro golo, aos 8 m. PINTO (76 m.) e TOSHACK (aos 53 m.) estabeleceram o resultado final.

Sob as vistas de Bernardo da Velha, Américo afasta a bola a punhos

PITESTI (ROMÉNIA) — TAÇA DAS FEIRAS

LEIXÕES:
NÃO PERDER POR GOLOS E SER ELIMINADO PELO CÓDIGO...

PITESTI (Roménia), 3 — Todo o público presente, ontem á noite no estádio de Pitesti, reconheceu a boa participação dos portugueses no agradável encontro de futebol entre as equipas do Arges e do Leixões. Depois de se ter verificado, em Portugal, um empate (1-1) este novo encontro não confirmou as esperanças de vitória dos romenos, pois terminou com nova igualdade, desta vez por 0-0. As equipas ficaram assim perfeitamente empatadas, mas o «código» da prova dá, nestes casos, a preferência á equipa que marcou maior numero de golos no campo do seu adversário. Assim, os portugueses sofreram a eliminação mais amarga, que é de perderem um confronto em que não se deixaram superar.

O bom futebol dos portugueses

Muito embora a selecção romena tenha o hábito» de alcançar bons resultados ante a turma representativa de Portugal

ARGES, 0
LEIXÕES, 0
Na 1.ª «mão»: 1-1

(á qual derrotou, em Bucareste, pouco antes do «Mundial» em que os portugueses tanto brilharam) é sempre aqui tida na devida conta a categoria desse futebol, pleno de técnica e de riqueza espectacular. Em Pitesti, o Leixões não desmentiu essa boa impressão, ao contrário, confirmou-a de modo a exceder as previsões.

Na realidade, depois do Argel ter alcançado um empate no Porto esperava-se que triunfasse, embora com alguma dificuldade, no seu campo. Aconteceu, porém, que os romenos não conseguiram, na primeira parte, ultrapassar a decidida defesa dos visitantes. Por outro lado, estes também não tiveram ofensivas em numero e qualidade suficientes para incomodar a defensiva de Pitesti.

A desesperada tentativa do Leixões

Ninguém esperaria, antes do jogo, ver o Arges a defender aflitivamente um empate, mas foi o que efectivamente se verificou durante largos períodos. Os portugueses, para quem o zero-zero significava a eliminação, é que chamaram a si o papel que habitualmente cabe ás equipas visitadas, isto é, lançaram-se num ataque entusiástico. Os seus dianteiros, se bem que fisicamente débeis, mostraram muita habilidade e os romenos tiveram de cerrar fileiras diante da baliza de Niculescu. Foi interessantíssimo esse despique, que manteve os espectadores em constante emoção.

O Leixões praticou um futebol muito agradável, de passes rasos e bem medidos, em muitos aspectos idêntico ao que praticam os grupos brasileiros e argentinos. E que é, aliás, o estilo consagrado no progressivo futebol português. Barros, Calado, Bené, Horácio e Albertino foram os jogadores portugueses que melhor impressionaram.

O Arges passou por dificuldades com que não contaria, mas o dinamismo dos seus elementos tornou possível o resultado conveniente. Dobrin, como habitualmente, mas também Barbu, Olteanu e Kraus foram as principais figuras da turma romena.

Jogo no Estádio de Pitesti, arbitrado pelo austríaco Schiller. As equipas:

ARGES — Niculescu; Paciulete, Barbu, Vlad e Izal; Ionita e Olteanu; Randu (Turcan), Kraus, Dobrin e Jercan.

LEIXÕES — Fonseca; Barros, Adriano, Moreira e Raul; Calado (ex-Benfica), Nicolau (aos 77 m. Lázaro) e Bené; Horácio, Albertino (aos 65 m. Neca) e Ricardo.

O ENCERRAMENTO DA ÉPOCA DE NATAÇÃO NO B. S. B.

A fim de se apreciar né6 cz mento dos instruendos que frequentaram, este ano, a escola de natação integrada na iniciativa municipal, realizam-se no sábado, ás 9 horas, na piscina do quartel do comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida D. Carlos I, diversas provas de natação, tais como: 3×33 metros estilos (costas, bruços e crawl) intercompanhias — Taça «Comandante Vilar»; e 16×33 metros livres intercompanhias — Taça «Comandante Viana».

EXCURSÃO DO CASA PIA A PORTALEGRE

No próximo domingo, dia 6 do corrente, o Casa Pia Atlético Clube realiza uma excursão a Portalegre, por motivo do jogo a realizar naquela cidade com o Sport Clube Estrela, a contar para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão.

DESPORTO

VALÊNCIA — TAÇA DAS FEIRAS

SPORTING:

«SALVA-VIDAS» INESPERADO CHEGOU NA HORA DO NAUFRÁGIO

• Comentário de VICENTE LÉON

VALÊNCIA, 3 — Dramático, é o termo exacto que pode definir as dificuldades experimentadas pelo Sporting Clube de Portugal, nestes últimos noventa minutos da primeira eliminatória da Taça das Cidades com Feira, em confronto com um Valência disposto a «limpar» a mancha de quatro golos sofrida em Lisboa e, decidido, até, a tentar o «milagre» que representava a neutralização de tal desvantagem. E a verdade é que os levantinos estiveram à beira de comemorar esse feito, uma vez que, ao expirar o tempo regulamentar o «placard» acusava um resultado exactamente igual àquele que se observara em Alvalade: 4-0

VALÊNCIA, 4
SPORTING, 1
Na 1.ª «mão»: vitória do Sporting por 4-0

Isto fazia prevalecer a ideia de que, ultrapassada a barreira maior, o conjunto espanhol tinha a qualificação á sua mercê, uma vez que o quadro lisboeta jamais deixara antever a organização indispensável para, partindo agora da igualdade, se adiantar no marcador a uma turma que pusera no cotejo para além de uma invulgar tenacidade e de um fervoroso empenho, um conteudo futebolístico que a acreditava de equipa válida e capaz, consciente a dominar os acontecimentos e o adversário, um antagonista relapso a aceitar a verdade do jogo e a rectificar processos desaconselháveis, que só não tiveram piores consequências, porque *um pontapé torto pode decidir um campeonato.* E os valencianos tiveram, para além de vários pontapés dispersos, outros que fragorosamente embateram na madeira da baliza de Damas, que também «assinou» espectacular e estupenda exibição a merecer os aplausos do público levantino.

O Sporting, senhor de estupendo usufruto para este despique, terá pensado que o próprio resultado do primeiro jogo, teria sido o bastante para amarfanhar psicológicamente uma turma que, até no campeonato do seu país, não tem produzido o seu melhor. Entre os «leões» admitir-se-la a derrota sim, mas por uma expressão que, dentro da normalidade, nunca seria comprometedora para as ambições do «team». Conceito errado. Ideia que germinou talvez subjectivamente, mas que, repetimos, poderia ter atirado o grupo lusitano para o rol dos eliminados. Digamos que foi essa displicência que esteve na base dos erros cometidos pelo clube de Alvalade. Prevendo antecipadamente a «entrega» do adversário, preferiu defender-se nas cercanias da sua baliza, em monte, sem outro objectivo que não fosse afastar o esférico. Porque essa foi a actuação do Sporting ao longo do período regulamentar: defender de qualquer forma e feitio, sem saber como conjurar o autêntico «ciclone» que desabara sobre a sua grande área, onde de resto, se prepara para aceitar o despique. Porque os espanhóis, muito digna e briosamente, tentaram a «viragem» com um estoicismo digno do maior louvor e, sobretudo, com uma velocidade diabólica, um ritmo alucinante que derreteu, como a manteiga ao calor, a extrema defesa «verde-branca» coagida a requisitar toda a gente — só Lourenço algumas vezes se viu em terrenos valencianos — para se libertar da borrasca que sobre ela caíra. Apenas Hilário tentava «não perder a cabeça» e, entretanto, começava a emergir de entre o desconsolo que se verificava na estrutura do futebol leonino, a extraordinária capacidade de José Morais, incansável, quer no apoio aos companheiros da retaguarda, quer nas tentativas, inglórias ainda que esforçadas, em reter a bola, em trocá-la com os descontrolados colegas de equipa. Não. Não sabendo furtar o esférico aos contrários, não organizando o seu dispositivo defensivo no meio do campo, o Sporting consentiu ao Valncia, um avassalador domínio territorial e, mais do que isso, ofereceu-lhe o ensejo de quatro golos, dois dos quais, os primeiros, apenas possíveis porque a defesa portuguesa não tinha terreno disponível para rectificar os erros posicionais em que Armando incorreu frequentemente, arrastando, depois, José Carlos, este, naturalmente, a ressentir-se da recente lesão.

CHICO

Nestes trinta minutos derradeiros, já então o Sporting deixara antever a autêntica valia da sua equipa. Mas, agora, jogando para retomar a posição de vantagem que deixara fugir. Ao ataque, sem tibiezas e com decisão, pode vir ao de cima o talento de Chico, o saber e a serenidade de Lourenço que, num subtil desvio de cabeça, deixou o couro ao alcance do ex-letxonense para o remate feliz que bateu Pesudo e garantiu a continuidade na prova; a segurança de Pedras a enfileirar entre os dianteiros em terrenos mais propícios a uma tarefa de construção. E mesmo «drogado» com os quatro golos que lhe fizeram anteviver a qualificação, o Valência não pôde então entregar-se com a mesma serenidade, fervor e lucidez á conquista do quinto golo, o decisivo, que Paquito perdera no derradeiro segundo do nonagésimo minuto. A turma levantina teve então de dividir-se na dupla acção que se exige a uma equipa de futebol: defender e atacar. Deste binómio, apenas um, fora a constante do despique, mas quando houve a devida correcção de valores, então desapareceu a supremacia dos espanhóis. Eram já duas turmas a lutar pelo triunfo. Um triunfo que terá sorrido ao mais feliz: ao Sporting.

Arbitragem sem grandes motivos para reparos.

Estádio de Mestalla, em Valência.
Árbitro: Aurelio Angonese (italiano).
VALÊNCIA — Pesudo; Sol, Martinez, Tatono e Vilar; Paquito e Claramount; Guillot, Ansola, Waldo e Blayet.
Foram ainda utilizados Poli, que substituiu Guillot, e Vidagani, que entrou para o lugar de Vilar.
SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Armando, José Carlos e Hilário; José Morais, Pedras, Chico e Gonçalves; Lourenço e Márinho.
Jogaram ainda Alexandre Baptista e João Carlos, que ocuparam, respectivamente, as posições de Márinho e de Gonçalves.
Os golos dos valencianos foram obtidos por: CLARAMOUNT, aos 17 minutos, BLAYET, aos 32 e 75 minutos, e SOL, aos 89 minutos. CHICO alcançou o tento «leonino» aos 23 minutos do prolongamento.

BENFICA-VALUR

(Continuação da 19.ª página)

barriga cheia. E foi preciso que um islandês se equivocasse, chutando para a sua própria baliza, para que o resultado subisse para 8-1. O que é, normalmente, um «grande resultado». Mas em presença do que poderia ter sido tem um valor (um «Valur»...) muito relativo.

Quanto ás actuações dos jogadores, pode dizer-se que, de uma maneira geral, eles foram solidários no bom e no mau. Enquanto o Benfica jogou ao seu verdadeiro nível não houve quem não comungasse do brilharete. Salientem-se, no entanto, Simões, Coluna e Cruz. Depois toda a equipa baixou e práticamente só Simões — agora muito mais rematador — teimou ainda um bom bocado em atormentar a defesa islandesa.

Os rapazes do Valuz são tão combativos como correctos. Só merecem elogios. Quanto a futebol, não há duvida que têm um esquema de jogo «engraçadinho», que só lhes foi possível exibir quando o Benfica deu tréguas. Alguns dos seus jogadores — Ragnarsson, Alfonson, Gunnarsson, Skulason — «rimaram» com especial acerto alguns movimentos colectivos e exibiram habilidade.

O árbitro foi o senhor Cassar Naudi, de Malta. Um homem pequenino mas muito vivo, que parecia estar nas suas sete quintas. E não arbitrou nada mal, só o apito é que tinha um som esquisito, fininho e pouco audível. Mas se nunca foi possível conseguir uniformidade no critério dos árbitros — como se pode conseguir o mesmo som nos apitos?

M. Z.

ALGUNS RESULTADOS VERIFICADOS ONTEM NAS DIVERSAS COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS

Taça dos Clubes Campeões Europeus

Milão-Malmöe, 4-1 (1-2).
Rapid de Viena-Rosenborg (Noruega), 3-3 (3-1).
Jeunesse Esch-A. E. K. (Atenas), 3-2 (0-3).
F. C. Zurique-B. K. Copenhague, 2-1 (0-3).
Glentoran Belfast-Anderlecht, 2-2 (0-3).
Lahti (Finlandia)-Floriana (Malta), 2-0 (1-1).
Manchester United-Waterford (Eire), 7-1 (3-1).
Lyn (Oslo)-Altay de Izmir (Turquia), 4-1 (1-3).
Fenerbache-Manchester City, 2-1 (0-0).
Ajax-Nuremberga, 4-0 (1-1).
Spartak Trnava-Steaua (Bucareste), 4-0 (3-1).
Celtic-St. Étienne, 4-0 (0-2).

Taça dos Vencedores das Taças

F. C. Colónia-Girondins de Bordéus, 3-0 (1-2).
A. C. Torino-Partizan de Tirana, 3-1 (0-1).
Barcelona-Lugano, 3-0 (1-0).
Bor-Slovan de Bratislava, 2-0 (0-3).
Sham Rock Rovers-Rangers (Dinamarca), 1-2 (0-1).
West Bromwich Albion-F. C. Burgeois, 2-0 (1-3).
Norkoeping-C. A. Belfast, 4-1 (1-1).
Dumfermline-Apoel, 2-0 (10-1).

Taça das Cidades com Feira

Nice-Hansa de Rostock, 2-1 (0-3).
Liverpool-Atlético de Bilbau, 2-1 (1-2) (apurado o Bilbau por sorteio).
Vojvodina de Novi Sad-Glasgow-Rangers, 1-0 (0-2).
Bolonha-Basileia, 2-1 (4-1).
S. V. Waregem-At. Madrid, 1-0 (1-2) (eliminado: Atlético de Madrid).
Aberdeen-Slavia de Sófia, 2-0 (0-0).
Hibernian-Oympia de Ljubljana, 2-1 (3-0).
Athletic de Dunfermline (Escócia)-Apoel (Chipre), 2-0 (no conjunto das duas «mãos»: 12-1).
Legia (Polónia)-Munique 1860 (Alemanha), 6-0 (jogo da primeira «mão»).
Slavia de Praga (Checoslováquia)-Wierner (Áustria), 5-0 (0-1).

LYON (FRANÇA) — TAÇA DAS FEIRAS

ACADÉMICA:

SALVARAM-SE AS ESPERANÇAS NO SALDO DA PANCADARIA...

LYON (França), 3 — Um árbitro luxemburguês, de nome Moscardo, teve grossa responsabilidade nos desagradáveis incidentes que, inesperadamente, prejudicaram esta partida a contar para a Taça das Feiras. No entanto, a falta de autoridade do juiz-de-campo não anula as culpas dos jogadores, podendo dizer-se que os prevaricadores foram dos dois lados — portugueees e franceses. E em qualquer dos lados não foram poucos.

Abstraindo desse capítulo que lamentàvelmente se tornou extenso, o jogo entre a Académica de Coimbra e Olympique de Lyon foi muito curioso, pelo choque entre dois diferentes estilos de futebol, ambos a cargo de intérpretes valiosos. Por parte dos franceses, assistiu-se a um quase contínuo esforço atacante, pleno de impetuosidade e estribado em ideias de futebol prático, directo, talvez pouco espectacular para os que apreciam os pormenores de execução técnica, mas sem dúvida ameaçador para as balizas adversárias. No que respeita á equipa portuguesa, não deixou de impressionar a clareza e perfeição das suas jogadas de conjunto, o domínio de bola de quase todos os seus jogadores e a inteligente preocupação de refrear o ímpeto do adversário, não lhe permitindo a posse da bola.

Na primeira parte, embora o despique se desenrolasse com virilidade, esta circunstância apenas o valorizaria porque a ideia das duas equipas era baterem-se com as suas armas próprias futebolísticas. O Olympique teve, então, as melhores ocasiões de marcar golos, prometidos e perdidos por Leikkak e Rambert, que foram dos melhores elementos da equipa. Não é menos verdade, no entanto, que os trechos de mais puro «association» pertenceram aos hábeis jogadores

OL. LYON, 1
ACADÉMICA, 0

visitantes, que recuaram os seus extremos para a linha intermediária, o que lhes possibilitou um sistema de constante e eficiente apoio. Em algumas jogadas de muito boa ligação, a Académica chegou á área francesa, causando alguns sobressaltos a Chaveau. Mas, na maior parte do tempo, o ataque português estava apenas confiado a dois jogadores — Artur Jorge e António — que eram normalmente dominados com relativa facilidade.

Ao intervalo subsistia o zero-zero, nada agradável para a equipa de Lyon, pois jogava no seu terreno e cumpria-lhe dar um passo para o tempo na eliminatória. O dar esse passo é que começava a ser muito duvidoso.

Estilo sul-americano...

A segunda parte do jogo foi um verdadeiro desastre, no que respeita a disciplina. O enervamento que se acumulara com a intensidade da luta rebentou as comportas no momento em que um defensor português cometeu infracção na sua área, não tendo o árbitro assinalado o castigo correspondente. Não tardou que se começasse a desfiar um rosário de agressões, algumas disfarçadas, outras sem nenhumas preocupações de disfarce. Para que tudo fosse mais ao estilo dos famosos «sururus» sul-americanos, também os suplentes e técnicos das equipas entraram ao campo e viu-se que nem todos eles o fizeram para apaziguar os ânimos. Também entraram na dança.

Com muitas irregularidades e constantes violências, o jogo foi decorrendo, com o Lyon a ver compensado o seu esforço atacante ao marcar o único golo da partida, quando faltavam oito minutos para o fim do acidentado encontro.

Na equipa da Académica estiveram em evidência o guarda-redes Viegas, os defesas-centrais Rui Rodrigues e Vieira Nunes, V. Campos e Gervásio, este último de particular influência em toda a manobra colectiva. Por parte dos franceses, Desgeorges, Feliz, Leikkak, Guy e Rambert.

Partida disputada no Estádio Municipal de Gerland (em Lyon), arbitrada por Moscardo. As turmas:
LYON — Chaveau; Flohic, Desgeorges, Guczinski, Nouzaret, Perrin e Maison (aos 13 m. Lhomme); Feliz, Leikkak, Guy e Rambert (cap.).
ACADÉMICA — Viegas; Curado, Rui Rodrigues, Vieira Nunes e Marques; Mário Campos, Gervásio (cap.), Vítor Campos e Peres; Manuel António e Artur Jorge.
Na segunda parte, aos 82 minutos, GUY fez o único golo da partida.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

Às 9: Abertura e curso de Orientação de Monitores da Telescola: 9 e 30: Telejornal; '9 e 50: Desenhos Animados da série «Porky Pig»; 20 e 20: Vamos dormir: 20 e 30 Programa feminino; 20 e 45 Vamos oga. no Totobola: 21: Parada da Indústria: 2 e 30: Telejornal; 21 e 55: Auditório musical: a Sinfonia n.º 4, de Robert Schumann, pela Orquestra Sinfónica de Viena sob a direcção de Herbert Von Karajan realização de Henri Glozot 23 e 5: Actualidade desportiva, resumos filmados e comentários aos jogos de futebol «Benfica-Valur» e «Porto-Cardiff»: 23 e 30: Telejornal: 23 e 35: Meditação e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às '9 Curso de Orientação de Monitores da Telescola; '9 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; '9 e 50: Quarto dos brinquedos 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 40: Sangue na Estrada 20 e 50: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico 21 e 55: Noite de Cinema — «São Francisco de Assis», com Lou Castel, Mino Bellei, Marco Bellocchio, Ricardo Bernardini, Ken Belton, etc.; 0 e 5: Telejornal; Meditação e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às '6: Noticiário; 6 e 05: Luz no Horizonte; 6 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 16 e 35: Do Choupal até à Lapa; 8 e 05: Sucessos franceses; '8 e 20: Programa da mulher, programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; '9: Noticiário regional; 19 e 10: Rádio Universidade; '9 e 50: A orquestra Nelson Riddle, 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 34: 23.º episódio do folhetim «Dois Caminhos»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A orquestra Dutch Swing College; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Melodias portuguesas; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 07: Musica sinfónica; 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Carmen» (Bizet); '8: Musica do século XX: Obras de Chostakovitch; '9: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 9 e 30: Folclore português; Musica Regional da Beira Baixa recolhida por Artur Santos; 9 e 45 Musica de piano; 20: Diário sonoro 20 - 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner; 20 e 47: Rapsódia Hnuagara n 5 em mi menor; 21: Concerto em Lá maior Telemann) — Hans-Martin Linde 2 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recita pela Cantora Maria Amélia Abreu; 22 e 20 Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente e '5: Fecho

3.º Programa (cultura em MF 2l — Às 23 Musica de piano 23 e 30. Intercambio musical — Transmissão do Requiem, op 78 (1965-66). 0 e 26: Sonata n.º 3, em lá menor; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290, 3 m — 034 kc/s — Às '6: Progmaa C D C 8: Ela e o seu mundo; '8 e 5: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 9 e 5: No mundo aconteceu; '9 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 2 e 03: Diapasão 2' e 32: Impacto; 22 e 30 Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: P B X.;2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa 6 e 02: Diário rural: 7 e 03 Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às '6 e 04: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita; 20 e 52 Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; e 03: Banda Sonora; 2: FM-67: 4. Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às '6: Programa C. D C.; 8: Depois do chá; '8 e 30: Ela o seu mundo; '8 e 45: Matinée teatral; 9 e 03: Miscelanea; 19 e '7: Ela; 9 e 30: Robialac; '9 e 45: Crónica feminina. 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e '5: Só-Rádio; 21 e 30 Leitura; 22 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às '6: Radiorama; 8: Paul Mauriat e as suas melodias, 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; '9 e 05: Musica selecionada; '9 e 30: Página ; 20 e 40: Musica regional portuguesa; 20 e 55: Meditando 21: Variedades, 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica de filmes; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — '169 — '169 kc/s — Às '16: Radiorama; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 9 e 05: Musica seleccionada. 9 e 30: Página um, 20 e 55: Meditando. 2 : Mosaico; 2 e 30 Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia: 23 A 23 hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 2 ás 4 e 30 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 0 ás 2 e das 9 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 0 e das 22 ás 2, **Rádio Graça** — Das 4 e 30 ás 9 e 30

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — **Sapadores** 322222 ✽ **Voluntários** 538524

POLICIA E G N R — **Serviço de emergência** 115 ✽ **Segurança Publica.** 366141 ✽ **Judiciária.** 535380 ✽ **Marítima** 326456 ✽ **Internacional.** 362721 ✽ **Viação e Trânsito** 42205 ✽ **G N R área rural** 36865

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — **Esperança** Carlos Mardel 0-B (722868)
ALCÂNTARA — **Nogueira.** R. da Creche. 63 635
ALTO S JOÃO — **Oriente,** R Lopes, 2 (84338 ✽ **Teles.** R João de Barros. 4 (638249)
ALVALADE — **Paris,** R. Reinaldo Ferreira, 5-A (7 013'1) ✽ **Brisália,** Av Rio de Janeiro, 66 (722868) ✽ **Cartaxo.** Av do Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — **D. João V** R D João V 6-C (682772).
ANJOS — **Matos.** R Alvaro Coutinho, 0 (40471).
AREEIRO — **Avis,** Av de Roma, 56-B-C (7'5370) ✽ **João XXI,** Av João XXI '6-A (726462) ✽ **Nova Lisboa.** R Guilhermina Suggia. 12 (727721)
ARROIOS **Fonseca.** R Carvalho Araújo 46-C (84'708)
AVENIDAS NOVAS — **Fátima,** Av de Outubro, 47-A (763'07) ✽ **Avenidas.** Avenida da República, 27-A (533688) ✽ **Império,** R. Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✽ **Palma.** Av Duque de Ávila 25 (47088)
BAIRRO AZUL — **Bairro Azul.** Av. Ressano Garcia, 7-A (5'451).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso** R. 27. n.º 41 (311216).
BAIXA — **Americana.** Calç de Santana 5 (863984) ✽ **Nacional,** R. do Salitre 1 (46858 ✽ Cost- ... 6-B-C (328381).
BELÉM — **Remísio,** R. dos Jerónimos, 14-C (63 699) ✽ **Sepol.** Calç da Boa Hora 94-A (631958)
BENFICA — **Lisboa,** R Cláudio Nunes lote 2 (703398) ✽ **Sousa.** Est de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — **Combro.** Calç do Combro, 78 (326059) ✽ **Azevedo Irmão & Veiga** R. da Misericórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — **Castro Fonseca** R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✽ **Ourique,** Rua Freitas Gazul 32 1 (67'667)
CAMPOLIDE — **Lab.** R Rodrigo da Fonseca. 01-101-A (682333) ✽ **Pátria** Calçada dos Mestres, 30-A (680627)
CARNIDE — **Leal de Matos.** R Neves Costa, 55-55 (780'8')
CONDE DE REDONDO — **Capuchos.** Rua Luciano Cordeiro. 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — **Galeno,** Av Óscar Monteiro Torres. 38-A (749920)
ESTEFÂNIA — **Estefânia** R Pascoal de Melo. 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — **Central da Lapa** R. dos Navegantes. 0 (66 134)
GRAÇA — **Monte,** R. Senhora do Monte 30-A-B (867842) ✽ **Rosa & Viegas.** R de S Vicente 3 (86435 1 ✽ **Bastos Andrade,** Calç de S.º André, 07- (860450) ✽ **Santo António,** R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)

LUMIAR — **Alameda** A das Linhas de Torres 20-B (790942) ✽ **S. Tomé,** Est do Desvio, lote 12-C (790704).
MADRAGOA — **Lealdade** R do Olival. 26 66344)
OLIVAIS — **Olivais** R Alves Souveia, 5 231
PALHAVA — **Aguias,** Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629)
PATRIARCAL — **São Marçal** R de S. Marçal, 00 (3253 8)
PENHA DE FRANÇA — **Carrondo,** R Padre Sena Freitas, 0-A (8425 8)
PICHELEIRA — **Lazmar,** R. João Nascimento Costa n. 6-A Bairro de St.ª Engrácia (728395-720708)
SÉ — **Nacional** R. de S. João da Praça 26 (86363?)
DE ST APOLÓNIA AO BEATO — **Saltes.** R. de Xabregas, 63-65 (38 '85)
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara** — Rua Francisco Marques Beato 75-A — (Tel 25 89 8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Branco** — Av Comb G Guerra. 29 — (Tel 2 2081).
CAXIAS — **Nova,** Rua Bernardino Ribeiro, A Telefone 242839
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva,** Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — **Central,** R João Teixeira Simões 8 (Tel 2430058)
PAREDE — **Alsir** — Av G Coutinho, B. das Caixas de Previdência — (Tel.
ESTORIL — **Marques dos Santos** — R. Ferreira, J A, '5 (Tel. 260' 6)
CASCAIS — **Misericórdia** — R Regimento 9, n.º 4 (Tel 280'41); **Cascais** — R. Conde de Monte Real — B.º Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Cavaco** — R Elias Garcia, 209 — (Tel 9300'9) ✽ **Flama** — R. Elias Garcia, 18-B — (Tel 932485) — **Confiança** — Av D Nuno Álvares Pereira, 5-A — (Tel 938 49)
DAMAIA — **Confiança** — Estrada Militar Lote D — (Tel 97'023)
QUELUZ — **André,** Av Elias Garcia, '51 (Tel 950043) ✽ **Queluz,** Av Miguel Bombarda, '23-A (Tel 951841)
CACÉM — **Central** — R Elias Garcia. 58 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est Mem Martins 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456)
SINTRA **Marrazes** — (Vila) — L. Rainha D Amélia, 20 — (Tel 980155)
COLARES — **Colares,** Abreira (Tel 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes** — L Coronel Ramos da Costa, 10 — (Tel. 234'37)
ALHOS VEDROS — **Portugal,** Av.ª da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA — **Algarve** — R Fernão Lopes, — (Tel 27027)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima,** Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224'4').
BARREIRO — **Avenida** — Av Alfredo da Silva, 88 — (Tel 2273212)
COVA DA PIEDADE — **Rainha Santa** — Est das Barrocas, 50-A (Tel 276'82).
MOITA — **União Moitense** — Av.ª Dr. Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — **Diogo** — R Almirante Cândido dos Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA — **Leão,** Av.ª Salazar (Tel. 22947)
SETUBAL — **Lisboa** — R. Dr Paulo Borba (Tel 22248); **Salão** — Av.ª Portela (Tel 22709)
SEIXAL — **Soromenho,** R Paiva Coelho, 38 (Tel 22'8560)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES. TRATAMENTOS E VELAS OXIGÉNIO. SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2. Telef 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

Consolidado 2 3/4%	—	—	525$00
Consolidado 3%	—	—	545$00
Consolidado 3 /2%	650$00	—	650$00
Centenários 4%	—	—	1.480$00
Obrigs. Tesouro 5%	1.005$00	1.005$00	1.006$00
Externo 1.ª Série	—	—	800$00
Externo 1.ª Série c.	—	845$00	855$00
Externo 3.ª Série	—	—	—
Externo 3.ª Série c.	—	840$00	890$00
Cautelas 3 Série	—	—	210$00

OBRIGAÇÕES

Águas Lisboa 5%	—	—	495$00
A. P. T. 5% 56	—	—	—
A. P. T. 5% 58	—	930$00	—
C. P. 4 1/2% 65	900$00	900$00	910$00
C. P. 5 1/2% 67	1.010$00	1.009$00	1.011$00
C. U. F. 6%	—	1.012$00	—
C. U. F. 6% 68	—	—	1.005$00
Gás Elect 4% 48	—	865$00	—
Gás Elect. 4 /2% 51	—	880$00	—
Gás Elect 5% 52	—	850$00	890$00
Gás Elect 5% 58	—	880$00	—
Gás Elect 5% 59	890$00	880$00	—
Gás Elect 5% 62	—	900$00	—
Gás Elect. 5% 63	915$00	915$00	920$00
Gás Elect 5% 65	—	900$00	930$00
Gás Elect 5% 67	1.015$00	1.014$00	1.016$00
H. E. A Alentejo 5%	—	820$00	—
H. E. Cávado 5%	—	835$00	—
H. E. Cávado 6%	994$00	992$00	994$00
H. E Douro 5%	840$00	835$00	845$00
H. E. Douro 6%	—	992$00	995$00
H. E Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S Estrela 6%	—	—	1.000$00
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	830$00	855$00
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	900$00	—	905$00
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	760$00	—
Nac. Electr. 5%	—	830$00	835$00
Nitratos 5%	—	—	840$00
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	850$00	840$00	860$00
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	925$00	920$00	925$00
Sacor 5% 60	—	855$00	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	800$00	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	825$00	850$00
Siderurgia 5% 4.ª	—	825$00	—
Sonefe 5%	—	800$00	—
T. A. P 4%	—	910$00	—
Termoelect Port 5%	830$00	825$00	830$00
U. E. P 3 3/4%	—	—	—
U. E. P 4%	—	82$00	—
U. E. P 4 /2%	—	83$00	—
U. E. P 5%	82$50	82$00	84$00
U. E. P 5% 60	—	—	860$00
U. E. P 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos

Agricultura	—	945$00	955$00
Alentejo	—	610$00	615$00
Angola	1.480$00	1.480$00	1.500$00
Burnay	—	—	—
Créd Predial	1.880$00	1.870$00	1.885$00
E. Santo	13.500$00	13.450$00	13.550$00
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	—	—	3.950$00
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	—	—
Portugal n	—	2.230$00	2.260$00
Portugal p	—	—	2.500$00
Totta Aliança	—	—	4.400$00
Ultramarino n.	1.318$00	1.315$00	1.318$00
Ultramarino p	1.540$00	1.539$00	1.545$00

Seguros

Alentejo	76$00	75$00	78$00
Douro	—	780$00	900$00
Mundial	350$00	350$00	360$00
Sagres	—	—	1.190$00
Tranquilidade	—	40.000$00	45.000$00
Ultramarina	—	8.500$00	—

Ultramarinas

Açúcar de Angola	690$00	690$00	700$00
Ag Cassequel	—	522$00	528$00
Ag Incomati	—	1.150$00	1.250$00
Ag Neves	—	115$00	—
Ag S Tomé e Príncipe	130$00	130$00	—
Boror	—	110$00	120$00
Buz	—	60$00	62$00
Cabinda	—	90$00	93$00
Diamantes Angola	1.140$00	1.140$00	1.143$00
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	500$00	—
Moçambique	50$00	50$00	55$00
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	265$00	262$00	270$00
Zambézia	43$00	42$50	43$50

C.ias Diversas

Cidla	—	6.900$00	7.000$00
Cim Leiria	—	1.700$00	1.800$00
Cim Tejo	—	2.400$00	—
Col Navegação	—	—	—
C U F	1.000$00	995$00	1.005$00
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	—	1.310$00	1.315$00
Port Celulose	—	3.050$00	3.150$00
Port Pesca	—	610$00	—
Port Tabacos	458$00	457$00	459$00
Sacor	—	4.710$00	4.800$00
Siderurgia Nac	—	1.070$00	1.100$00
Socel	2.110$00	2.110$00	2.120$00
Tabacos de Portugal	—	850$00	880$00
Tabaqueira	7.050$00	7.000$00	7.100$00
U F Azoto	—	705$00	720$00

Águas, Electricidade e Gás

Águas Lisboa p	—	—	395$00
Águas Lisboa 34	—	—	395$00
Águas Lisboa 36	—	390$00	395$00
Eléct Beiras	—	1.490$00	1.500$00
Gás Electr	382$00	382$00	382$50
H E Alto Alentejo	—	158$50	159$00
H E Cávado	1.255$00	1.250$00	1.260$00
H E Douro	1.212$00	1.210$00	1.212$00
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	1.750$00
H E Zêzere	—	1.310$00	—
Nac Electricidade	1.330$00	1.325$00	1.335$00
Termoeléctr Port.	1.360$00	1.335$00	1.365$00
U E P	185$00	184$50	185$00

F. DE INVESTIMENTOS

F. I Atlântico	—	146$80	151$20
F. I. D E S.	—	102$80	105$90

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	26-9-68	2-10-68	3-10-68
GERAL	102,3	103,4	103,4
METROPOLITANAS	102,1	102,8	102,8
ULTRAMARINAS	103,8	107,8	107,8

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$'0	7$30
Austria — Schilling	$08	'$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta	$40,3	$41,8
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,52	$04,7
Marrocos — Dirham	4$65	5$15
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	5$50	5$85
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — '/2 Libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$50

J BURNAY, L.DA RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

S. Jorge — NO CALOR DA NOITE
Estúdio — A NOITE É PERVERSA

SÃO JORGE Tel 54154
Às 21.30
ESTREIA
(M. 17 anos)
O melhor filme do ano
5 «Oscars»
NO CALOR DA NOITE
com Rod Steiger — Sidney Poitier
Às 15 horas — HAWAI (M. 17 anos)

TIVOLI Telef. 50595
(M 12 anos)
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
Volta a tela gigante dos 70 mm o gigantesco espectáculo de gargalhada
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MAQUINAS VOADORAS
com Stuart Whitman, Sarah Miles e Alberto Sordi

POLITEAMA Tel 32 63 05
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
A EXCEPCIONAL E ARREBATADORA SUPERPRODUÇÃO
Grandiosa odisseia de um homem que ninguém sabia se era patriota, rebelde ou bandido
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN
com Anthony Quinn numa sensacional criação realista
Panavision-Col. (Adultos)

MONUMENTAL Telef. 555131
Às 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Super Panavision 70 m/m
Ecran Gigante
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
Uma prodigiosa realização de Stanley Kubick

ALVALADE Tel 76 30 80
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de ontem e de sempre
(Adultos)
ATÉ A ETERNIDADE
com Burt Lancaster, Deborah Kerr, Montgomery Cliff e Frank Sinatra
Um filme de FRED ZINNEMANN

EUROPA Tel. 66 10 10
Às 15.15 e 21.30
(M. 6 anos)
Um festival de alegria para os meninos e meninas de Lisboa
OS PEQUENOS HOMENS DA FLORESTA
Um filme de WALT DISNEY com Walter Brennan, Tom Lowell, Karen Dotrice
ATENÇÃO: Todos os maiores de 6 anos podem assistir ás sessões da tarde e da noite.

RESTELO Tel. 61 03 75
Às 21.30
(M. 12 anos)
Todo o mistério da África selvagem desvendado num filme empolgante
DESAFIO AO MEDO
com Stewart Granger e Gabriella Liludi

CASINO ESTORIL Telefone 26 07 29
Às 17 e 21.30
(M. 17 anos)
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
(Some Like it Hot)
com Marilyn Monroe e Tony Curtis

CINE TEATRO LIDO Tel 93 75 93 AMADORA
Às 21.30
(M. 17 anos)
Um espectáculo fascinante em 70 m/m
Um poético hino de amor e aventura!
CAMELOT

CINEMA IDEAL Tel 32 41 94
(M. 17 anos)
OS INSACIÁVEIS
Em complementos:
JAMBOREE EM MARATONA e CASPER E O CASTOR

IMPERIAL
Às 15 e às 21 h.
(Adultos)
ÀS 8 NA CAMA
COPLAN, FX-18 ARRASA TUDO

Às 15 e 21 h.
(M. 12 anos)
A FERA AMANSADA
COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

TERRASSE Tel 32 09 17
Às 15 e 21
(M. 17 anos)
ESTE DIFICIL AMOR
ESCÂNDALO EM VILLA FIORITA

IMPERIO Tel 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Eastmancolor
(Adultos)
Um filme invulgar do MESTRE ANDRÉ CAYATTE
OS OSSOS DO OFICIO
A revelação de um grande actor: Jacques Brel
com Emmanuell Riva

estúdio Tel 55 51 24
Às 15.30 e 18.30
Ultimas exibições
(Adultos)
O PRISIONEIRO DO PASSADO
3 SEMANA
Às 21.45 — ESTREIA — Adultos
A NOITE É PERVERSA
Veja anuncio especial

SÃO LUIZ Tel 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de ontem e de sempre
(Adultos)
com Burt Lancaster, Deborah Kerr, Montgomery Clift e Frank Sinatra
ATÉ A ETERNIDADE
Um filme de FRED ZINNEMANN

CONDES Tel 32 25 2. e 32 67 1.
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Um grande filme de aventuras para a juventude...
PARIS-ISTAMBUL SEM REGRESSO
com Ken Clark — Margaret Lee — Michaela
SCOPECOLOR

ROMA Tel 727778
Às 15.30 e 21.45
(M 12 anos)
Um movimentado filme de aventuras
A MORTE ESPREITA
EASTMANCOLOR
com George Martin — Vivi Bach

AVIS Tel 47163
Às 15.30 e 21.30
(Adultos)
Uma sombra de mulher desliza sobre os telhados de Paris...
A LOBA SOLITARIA
com Daniele Gaubert e Michele Duchaussoy
EASTMANCOLOR

estúdio 444 Tel. 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
A excepcional realização de Valério Zurlini premiada no Festival de Cannes
A RAPARIGA DA MALA
com Claudia Cardinale · Jacques Perrin

ODEON Tel 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
Um emocionante filme português
A odisseia de duas mulheres vítimas de uma paixão proibida
ESTRADA DA VIDA
com Paulo Renato e Laura Soveral
No prog.: MARCHAS POPULARES 1968 (colorido) (Adultos)

EDEN Tel 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
Technicolor
Techniscope
UM INFERNO DE ACÇÃO
OS LONGOS DIAS DA VINGANÇA
com Montgomery Wood — Gabriella Giorgelli

MUNDIAL Tel. 53 87 43
Às 15, 18.30 e 21.30
(Adultos)
ÊXITO!
Anthony Quinn, Anjanette Comer e Charles Bronson
no vibrante e espectacular filme
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN
Portentosa realização de Henry Verneuil
TELA DE 70 m/m
METROCOLOR

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 16 e 21.30: Grande Companhia Internacional (6 anos).

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «A flor do cacto» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Grande poeta é o Zé» (17 anos)

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «O combolo» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Vão chamar pai a outro» (12 anos)
PARIS — Às 21: «O visconde não perdoa» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Tarzan e o grande rio» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Às 8 na cama» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21: «Os libertadores» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — «A hora da furia» (17 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «Blow-up — História de um fotógrafo» (17 anos).
CINE-UNIVERSAL — Às 21: «Hotel Paraíso» (17 anos).
CINE-CAMPOLIDE — Às 21: «O herói renegado» (12 anos).
SPORT L. BENFICA—Às 21 e 15: «Sangue de corsário» (12 anos)
BOMB. VOL. LOURES — Às 21 e 30: «Parabéns sr. Vicente» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «A ultima aventura de James Tont» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O solitário de Nevada» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Rita a filha americana» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Perigo de morte em Beirute» (17 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Os fugitivos de Sing-Sing» (17 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Um cacho de uvas ao Sol» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Winchester» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Quanto mais quente» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Matar para não morrer» e «3 raparigas em Paris» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O grande prémio» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O mundo das trevas» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «Cinco anos depois» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Roma invencível» e «Passaporte diplomático» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Aldeia em fuga» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Sol de vadios» (17 anos)

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 15: «O mistério dos 13» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Batalha sem regresso» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Duas garotas yé-yé» e «Mis. são secreta» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15 «A mulher desconhecida» e «O pombo que conquistou Roma» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «F. B. I. contra Costa Nostra» e «Adeus inocência» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Musica no coração» (12 anos).

MONUMENTAL
HOJE — 2 SESSOES 20.45 e 23 H.
T. 555133 (Adultos)
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA REVISTA
com
CAMILO - FLORBELA - NICOLAU
M.ª ADELINA ■ OCTAVIO DE MATOS ■ YOLA ■ LINDA SILVA
CELIA DE SOUSA
e as atracções
M.ª TERESA QUINTA
VUM-VUM ■ UM BALLET INTERNACIONAL
18. SEMANA
DOMINGO. A TARDE, ÁS 16 H.

Depois do espectáculo frequente «O CONVÉS» e o «PORÃO DA NAU»

NO TEATRO **VARIEDADES** T 32 60 37
Às 21.45 h. HOJE
(Adultos) ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ
64.ª SEMANA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

VASCO MORGADO apresenta ● HOJE, às 21 e às 23 horas ● ADULTOS
SÁBADO, «MATINÉE», às 16 horas e 2 SESSÕES NOCTURNAS às 21 e às 23 horas

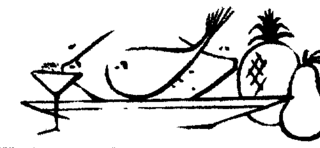
oh, que delícia de coisa

Disparate cómico de Gila, encenado por Carlos Avilez, com
RAUL SOLNADO
ANA PAULA ★ BARROSO ★ BORSATTI ★ HENRIQUETA ★ LUIZ TITO ★ CARLOS QUEIROZ e ainda FIALHO GOUVEIA

Carlos Queiroz

CURSOS TÉCNICOS DE
DECORAÇÃO • PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA • ESMALTAGEM
ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS
ESCOLA PAIXÃO
AV ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF. 5 27 26

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1 andar para Banquetes
Lanches de Casamento

Parreirinha do Rato
Restaurante snack-bar cervelaria mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel 685908
parque para automóveis

RESTAURANTE
XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T 57378
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA C/ ANANÁS
E FICARÁ CLIENTE

ESPECIALIDADE
COZINHA PORTUGUESA
MESA REDONDA — 50$00
AMANHÃ
Bacalhau recheado à transmontana
Iscas de porco na frigideira à portuguesa

TAGIDE
RESTAURANTE
LARGO DA BIBLIOTECA, 20
TELF 362123 LISBOA
ABERTO ATÉ AS 3.30 H.

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

tamborim
Restaurante Snack Bar Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana — Telef. 46247

GHU 1560
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ AS 3.30 H
Rua das Portas S. Antão, 83
Telf. 323059

PARA QUÊ?

Ontem falamos aqui da incompreensível demora (de sete meses!) na homologação dos novos corpos gerentes eleitos para a Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos. Homologação que ainda não foi feita — acrescente-se.

Hoje poderemos citar outro exemplo destas desesperantes demoras que contribuem, em grande medida, para o imobilismo desencorajador e estimulante de certa apatia nacional: a falta de homologação dos novos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa.

A eleição processou-se segundo as regras, interessou milhares de profissionais que trabalham nos estabelecimentos bancários do sul do País. Contados os votos, foi eleita uma das listas concorrentes.

Tudo normal, tudo segundo as leis e as regras em vigor. Mas...

Mas a eleição dos novos corpos gerentes do Sindicato dos Empregados Bancários de Lisboa efectuou-se em Abril, isto é, há seis meses. E há seis meses que os novos dirigentes aguardam a indispensável homologação para tomar posse dos seus cargos.

Entretanto... passou-se todo este tempo À espera de quê?

Se há eleições normais numa ordem ou num sindicato, os resultados devem ser respeitados.

M. DE A.

Grande nabo (2,5 quilos)

BEIRA, 3 — (L.) — Atingiu o peso de dois quilos e meio, uma gigantesca cabeça de nabo produzida numa propriedade da Vila de Manica.

Sendo o maior, este exemplar, apresentado por D. Luísa Santareno Silva, não é, contudo, único em proporções gigantescas, pois na mesma cultura foram recolhidas mais duas cabeças que, em conjunto, pesavam dois quilos e meio, aproximadamente.

Mário Wilson confiante:

A Académica pode prosseguir nesta prova

Após ter desembarcado esta tarde no aeroporto de Lisboa, a esquipa de futebol da Associação Académica, que ontem em Lyon perdeu por 1-0 com o clube local no primeiro jogo a contar para a primeira eliminatória da Taça das Cidades com Feira, seguiu para a Casa de Saúde da Cruz Vermelha, onde foi inteirar-se das melhoras do Presidente Salazar.

O treinador Wilson disse:

— A Académica pode continuar nesta prova internacional, pois demonstrámos que a nossa equipa foi superior.

SEGUIU PARA A GUINÉ UMA EQUIPA DA R. T. P.

Em missão profissional, seguiu esta manhã por via aérea, para a Guiné Portuguesa uma equipa da Rádio Televisão Portuguesa, constituída pelo operador Herlander Mendes, pelo realizador Pedro Martins e assistente Jorge Teófilo.

Esta equipa irá também a outras províncias do Ultramar.

NOVO GOVERNADOR MILITAR DA MADEIRA

FUNCHAL, 3 — (L.) — Foi nomeado governador militar da Madeira o brigadeiro Luís Mário Nascimento, que é esperado nesta ilha em fins do corrente mês. O novo governador é natural de Lisboa, onde nasceu em 1913.

VÍTOR ESPADINHA: ÀS VOLTAS AO MONUMENTAL

Notícias (frescas) de Vítor Espadinha: depois de uma ausência de meses no estrangeiro (ele afirmou), Espadinha volta para retomar o seu «diálogo» com Vasco Morgado.

Espadinha em marcha...

Activo, nervoso, o discutido locutor-produtor do programa «Europa» (que foi interrompido pelo R. C. P. porque Espadinha não pagava), traz novos projectos na bagagem. E desta vez a coisa é séria: ou vai, ou racha. Eis como ele contou, esta tarde, na redacção do «Diário de Lisboa», onde, uma vez mais se deslocou, o que tenciona fazer:

A partir desta tarde, ás 3 horas, vou dar voltas ao quarteirão do teatro Monumental, até que Vasco Morgado se resolva a atender o pedido que lhe fiz de trabalhar numa das suas companhias. Desta vez é o fim: ou ele me dá emprego ou morro ali mesmo, perto do seu teatro. Não comerei, não beberei e não dormirei enquanto a minha pretensão não for atendida.

«A nostalgia do ambiente português»

Queixou-se, Espadinha contra os antecedentes desta nova atitude:

— *Estive em Inglaterra quatro meses. Trabalhei aí para um filme de John Mills, como figurante especial. Quer dizer: no estrangeiro trabalho, em Portugal é que não. Depois de Inglaterra fui para a Suécia. Nesse país, porém, senti-me mal. Tive nostalgia do ambiente português. Resolvi então escrever ao Vasco Morgado a dar-lhe parte destes sentimentos e a informá-lo de que ia voltar, para que ele me desse um lugar na sua vasta organização. Até agora não me deu resposta nenhuma. Camilo de Oliveira e Badaró querem trabalhar comigo, mas ele não diz nada e isto assim não pode ser...*

O herói e os detalhes

Espadinha estava exaltado, cheio daquela euforia que precede as suas costumadas grandes decisões. Tentámos fazer-lhe algumas perguntas para fixar melhor certos detalhes.

— *Como se chamava o filme em que participou com o John Mills?*

— *Não me lembro. Estou num momento dramático da minha vida, bem diferente desse. São águas passadas, compreende?!*

Era claro como água e devíamo-lo ter entendido logo, não fora esta nossa «ultrapassada» deformação profissional que nos leva a inquirir dos pequeninos elementos do concreto: um herói, nos momentos que precedem a acção, não pode prender-se com detalhes.

Também não conseguiu explicar-nos a causa da sua meridionalíssima inadaptação á latitude norte. Do mesmo passo, sublinhou com um sorriso óbvio a sua renovada declaração — *tive a nostalgia do ambiente português* — como se foda a gente devesse saber porquê.

Até à morte...

Eram duas horas e quarenta e cinco minutos quando Vítor Espadinha terminou a sua declaração. Faltava um quarto de hora para iniciar a sua marcha de «socorro».

— *Tenho de ir... Ainda nem sequer almocei.*

— *E não come primeiro, para se preparar?*

— *No estado em que eu estou já nada me interessa. Desta vez é definitivo: Vasco Morgado tem de dizer qualquer coisa.*

E lá partiu Vítor Espadinha. À tarde, lá estava ele a fazer concorrência pedestre ao Vítor Marques, mas sem peditório, sem comer, nem beber, até á morte... ás voltinhas ao quarteirão onde está situado o Teatro Monumental.

E digam lá que já não existem portugueses mariálvicamente valentes...

«Não quero meter-me nisso» — diz Vasco Morgado

Enquanto Espadinha se atarefava nas suas voltas ao Monumental demos com Vasco Morgado sentado numa das mesas do café que tem o mesmo nome do teatro a conversar com Laura Alves.

— *Não quero meter-me nisso* — declarou o empresário quando o pusemos ao corrente do novo «tour de force» de Vítor Espadinha. — *Aliás, creio que ele está indicado para trabalhar numa companhia...*

— *Sim* — interrompeu Laura Alves — *até porque ele não é destituído.* — E voltando-se para Vasco Morgado: — *Dá lá um papel ao rapaz...*

— *É verdade que Espadinha lhe escreveu da Suécia?* — perguntámos a Vasco Morgado.

— *Escreveu, de facto* — respondeu o empresário, *já sem poder esconder o riso.*

— *E respondeu-lhe?*

— *Como é que eu lhe podia responder? Qual era o endereço? Vítor Espadinha, Suécia?*

Entretanto, Espadinha não desiste. Às 16 e 30 tinha já dado 23 voltas ao quarteirão: casaco ao ombro, camisa desapertada, ar decidido.

— *Então já almoçou?*

— *Não senhor. Não tenho emprego, não posso almoçar.*

CARTEIRA PERDIDA

Nas imediações da Praça Duque de Saldanha foi hoje perdida uma carteira preta.

Dão-se alvissaras pela sua devolução ou agradece-se o envio dos documentos, que fazem muita falta ao respectivo titular.

A devolução da carteira ou dos documentos pode ser feita para a Avenida João Crisóstomo, 25.

CARROS USADOS

VÁRIAS MARCAS E MODELOS PROVENIENTES DE TROCAS

Fac. troca e pagamento

Stand Moderno
Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO

Ford

1 AUTOMÓVEL E MAIS 19 VALIOSOS PRÉMIOS

CONCURSO VIGORMALTE

UM RECONSTITUINTE PARA TODAS AS IDADES

ENTREGUE AS SUAS SENHAS ATÉ 10 DE OUTUBRO

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» está à venda na CASA PEDRO ALVES, SUC. RUA DO BATALHOZ.

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE ÀS 22 HORAS

LATINA

vá aos toiros e habilite-se a uma semana em MADRID

Um êxito que se repete PICADORES

No festival de homenagem ao grupo tauromáquico "SECTOR 1"

CAVALEIROS
MANUEL CONDE ● RIBEIRO TELLES
FERNANDO SALGUEIRO
ESPADAS
ARMANDO SOARES
AGUSTIN CASTILLANOS «EL PURI»
BECA BELMONTE
e o amador Gilberto Belchior
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por Rhodes Sérgio
7 Toiros de Cabral de Ascensão
SÃO VÁLIDOS OS BILHETES COM A DATA DE 12-9

PRÉMIO TURISMO ESPANHOL

O seu bilhete pode valer-lhe uma viagem a Madrid (2 pessoas). Sete dias em hotel de 1ª classe e bilhetes para as corridas da . Feira de Santo Isidro de 1969.

Telefs. 30769, 321712, 761539 e 771819

FÉRIAS DO NATAL E FIM DO ANO NA MADEIRA

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

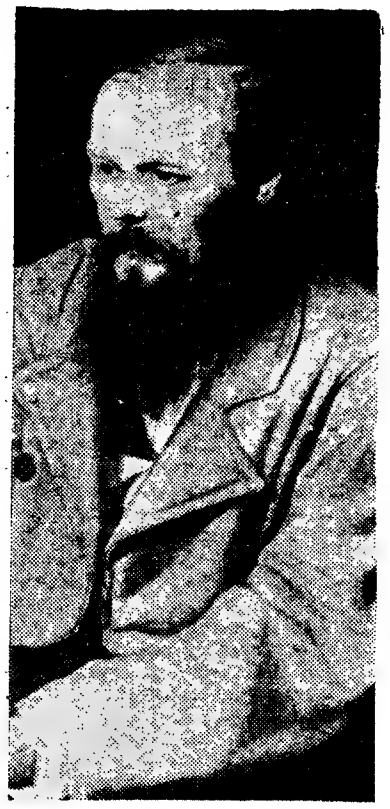
231, Av. da Liberdade, 235
Tel. 53 61 21
LISBOA-2

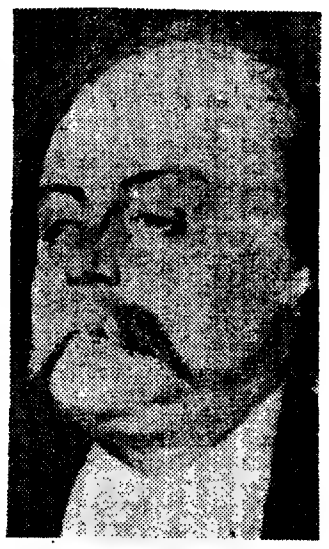
TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Álvaro Manuel Machado
António Monteiro Alves
João Gaspar Simões
José-Augusto França
José Vaz Pereira
Rocha de Sousa

N.º 531/3 DE OUTUBRO DE 1968





Os grandes criadores manifestaram na sua obra tendências filiadas no seu temperamento. Segundo alguns estudiosos Dostoievski e Flaubert seriam epilépticos...

Para onde irá a Literatura?

por João Gaspar Simões

Para onde irá a literatura? Esta interrogação a fazem hoje, consciente ou inconscientemente, todos os escritores dignos desse nome, sejam novos ou velhos, poetas ou romancistas, críticos ou dramaturgos. E não com o sossego de quem por desfastio se interroga acerca do futuro de uma actividade do espírito que desde que o mundo é mundo e o homem aprendeu a exprimir-se quer oralmente quer por escrito: há na apreensão daqueles que formulam tal pergunta qualquer coisa de angustioso. Dir-se-á que antevêem negros os anos que se aproximam para a forma mais generalizada e significativa das belas-artes. A literatura está não só em crise, crise de criação e de invenção, de espontaneidade e de vigor, mas à beira de um precipício.

Depois do terrorismo implantado por certas escolas literárias da primeira metade do século e algumas já da segunda, a melhor solução que se oferece à literatura é a do suicídio. Suicidam-se, geralmente, aqueles que se vêem no mundo sem futuro, ou seja, sem ideal, a única forma de manter no homem a confiança em si próprio e o desejo de prosseguir vivendo.

Mas não terá chegado já a literatura do nosso tempo ao suicídio? Não teríamos penetrado já na idade suicida das letras? Eis o que ainda torna mais angustiosa a interrogação do escritor: ele próprio ignora se estará ou não a colaborar nesse crime, ele próprio desconhece se é ou não é suicida. Pois não serão manifestações de desespero *in extremis* certas atitudes literárias a que assistimos, não poucas delas contraditórias, tão profundamente contraditórias que, ao mesmo tempo se proclamam formalistas e humanistas, gratuitas e alistadas, terroristas e construtivas? Nunca, que nos ocorra, se assistiu a um tão visível estado de pânico como aquele que presentemente assoberba a república das letras. Não que haja propriamente anarquia no campo literário. A anarquia não põe em risco o futuro da literatura, antes pelo contrário: de um estado anárquico nas letras pode resultar a sua ressurreição. O que tolhe o futuro da literatura e cria o desespero em que ela hoje se debate é a demasiada lucidez com que se encaram as suas possibilidades e o rigor crítico com que se lhe ventilam os recursos. E isto não apenas no campo da especulação intelectual ou da doutrina: no campo da própria criação. Faz-se depender hoje em dia o romance, o teatro, a poesia de um sem número de preconceitos todos eles estritamente relacionados com a legitimidade que assiste ao escritor — seja dramaturgo, seja romancista, seja poeta — de se exprimir independentemente daquilo que ele considera a sua posição filosófica, crítica ou doutrinária, as mais das vezes sem relação directa com o instinto orgânico da sua natureza humana.

Todos os grandes criadores literários, com raras excepções ao longo da história das letras, manifestaram na sua obra, antes de quaisquer preconceitos de ordem filosófica ou doutrinária, crítica ou ideológica, tendências directamente filiadas no temperamento ou na maneira profunda que a cada um deles assitia de se comportarem no mundo. Isto levou, inclusivamente, alguns estudiosos a analisar a obra desses mestres à luz de concepções psicológicas de que se não excluem os diagnósticos clínicos. Dostoievski e Flaubert seriam epilépticos. Epiléptico foi Machado de Assis. Proust sofria de asma e de outros complexos psíquicos. Antero de Quental passou horrores com os seus males gástricos, Nobre morria tuberculoso. Balzac era um megalómano. Byron foi coxo. Camilo, uma tragédia viva desde a infância. Ora tudo isto, hoje em dia, para os analistas do fenómeno literário e para os próprios criadores encartados nada mais que anomalias pouco significativas ao lado das determinantes ideológicas, dos prejuízos de classe, das estruturas económicas, dos mandamentos de ordem política, dos imperativos inovadores, representou, em todos os tempos e em todas as idades, desde a cegueira de Homero à paralisia geral de Nietszche, o factor básico da gestação das grandes obras do espírito. Inquiriam esses escritores, antes de se lançarem na aventura da criação, quais os princípios ideológicos ou as características doutrinárias a que a sua obra teria de obedecer para se imporem na república das letras? Parece que não. Poucos deles tiveram tempo de se dar conta de que se propunha fazer isto ou aquilo, cumprir esta ou aquela missão. Quando muito tomavam consciência crítica da sua obra depois de a terem em parte realizado. De maneira geral, os doutrinários ficavam pelo caminho, ainda mesmo que se mostrassem mais lúcidos e coerentes do que os criadores. Assim aconteceu em França com os primeiros legisladores do realismo — um Durandy, um Champfeury — os quais nada puderam contra Flaubert, que enquanto eles peroravam sobre o que devia ser ou não devia ser o romance realista, escrevia a **Madame Bovary**, obra-prima do realismo. (O que não quer dizer que Flaubert nos não tivesse deixado na sua **Correspondência** elementos críticos só por si muito mais valiosos para a compreensão do «realismo» que

(Continua na 7.ª página)

Salvaguardemos

por José-Augusto França

Salvaguardar
a paisagem e o lugar histórico
integrando-os na conjuntura
do mundo de hoje

REALIZOU-SE a semana passada em Lisboa um colóquio internacional cuja grande importância não foi suficientemente sublinhada pela imprensa. Dedicou-lhe porém o «Diário de Lisboa» especial atenção, com a publicação da tese inaugural — e essa atenção vou reforçar aqui. Trata-se do «Colóquio da Salvaguarda da Paisagem e dos Lugares Históricos», organizado pelo «Comité Permanent Sites Historiques Urbains, de la Fédération Internationale pour l'Habitation, l'Urbanisme et l'Aménagement des Territoires», em colaboração com o «Centro de Estudos de Urbanismo e Habitação Eng.º Duarte Pacheco», do Ministério das Obras Públicas.

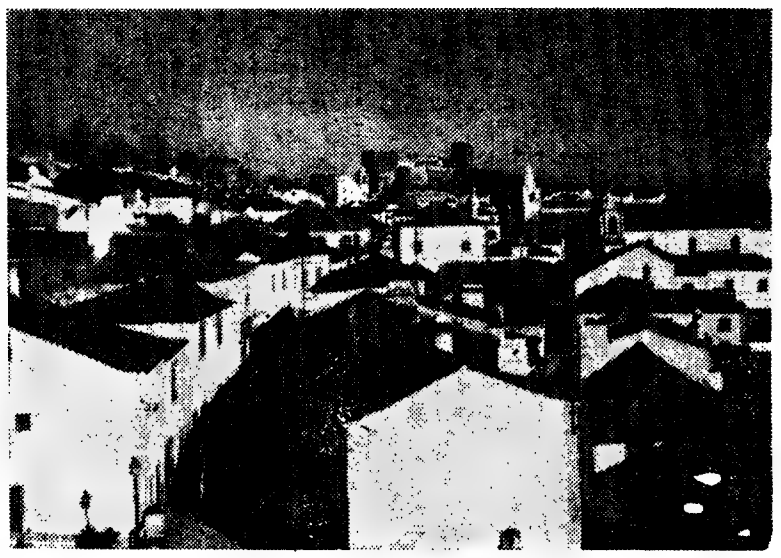
Grande importância sem dúvida teve o colóquio — aqui e agora.

As comunicações apresentadas deram útil imformação sobre trabalhos de salvaguarda empreendidos na Suiça (Prof. John Witmer), na Checoslováquia (Prof. E. Houska), em Sarlat, França (Arq. P. Prunet), em Óbidos, Monsaraz e Santa Comba Dão (Arq. Vaz Martins) — e, com muito especial interesse, em Avinhão (Arq. P. Badani).

Outras comunicações situaram-se num plano metodológico, como o da Arq. Tereza Zarebska (Polónia), que definiu muito bem as diligências de pesquisa histórica e documental a realizar; como a do Prof. P. M. Lugli (Roma) que discutiu com precisão problemas metodológicos e operacionais, ilustrando-os com o exemplo da área romana — e como o do Prof. G. Astengo (Veneza), com a colaboração do Arq. G. Abbate (Turim), que historiou a evolução dos trabalhos de salvaguarda em Itália, dentro das necessárias coordenadas socioculturais.

POR mim, a convite da Câmara Municipal de Lisboa, apresentei duas comunicações, teórica uma, tendente a definir um conceito de «imagem» urbana (o «Diário de Lisboa» publicou-a no dia 20), histórica outra, sobre a Lisboa Pombalina e a Lisboa Romântica, que importa agora salvaguardar, conforme é meritória intenção da municipalidade. Justamente a minha comunicação terminava pelo resumo das precauções propostas, nas várias zonas citadinas, de modo a se honrar a memória viva da capital — salvaguardando-a da cobiça e da estupidez materializada por tanto proprietário e tanto construtor incivil ...

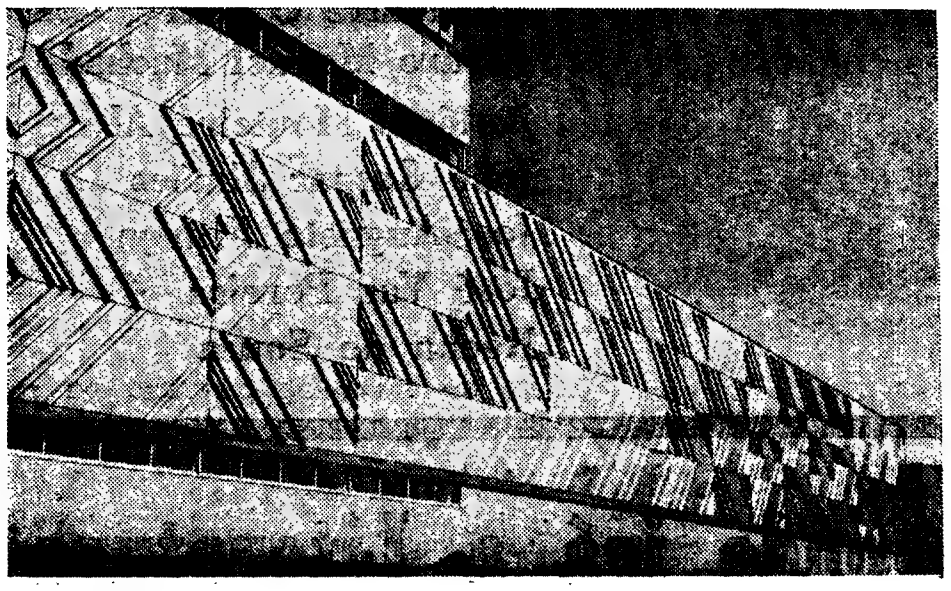
Aí reside, sem dúvida, a importância «aqui e agora» do Colóquio. Expor internacionalmente os problemas da capital portuguesa e as intenções culturais que animam a sua Municipalidade, definir as diligências que se pretende empreender e as várias soluções propostas, no quadro do Plano Director de Urbanização de Lisboa já aprovado pela edilidade (e que em breve o será



Uma vila-museu (Óbidos) é um capital a integrar...

presente, dia a dia roído por pelo Governo) — não pode deixar de ser importante para a vida da cidade. Para o seu demolições e reconstruções — e para o seu futuro de que,

(Continua na página seguinte)



Eduardo Nery: fachada de uma fábrica (Soc. Central Cervejas)

Arte, actualidade

por Rocha de Sousa

RECUPERANDO para uma assiduidade pretendida o assunto das artes visuais no âmbito deste suplemento, o problema das nossas opções tem importância indiscutível na responsabilidade assumida. Não sendo deste momento a nossa tentativa de estabelecer pùblicamente uma plataforma de comunicação sobre o assunto em referência, cabe nesta página, de qualquer modo, uma declaração de critério ou a palavra possível acerca de um convencimento ainda intacto. Aceitamos por isso um modo de colaborar em que é mais urgente a expansão dos factos artísticos na força plena do seu poder de impacto, quando alguns pensam para si e outros incòmodamente o fazem diante de todos, do que pretender operar antecipações históricas escolhendo um grupo ou uma tendência em privilégio. É importante encontrar o que diversamente se faz, no plano conjuntural da nossa cultura artística e do nosso aparelho de promoção, procurando dessa forma instituir uma escolha atenta às realidades em curso e decidindo a convergência dos pólos de afirmação do que vai sendo a vanguarda portuguesa neste domínio.

Um breve olhar ao contrário, de hoje para ontem, garante pelo menos a visão geral de um movimento expansivo e afirmativo das artes plásticas no quadro dessa actividade entre nós. Antes de sabermos o que isso significa, ou se efectivamente significa alguma coisa perante as urgências que mais de perto discutimos, temos de reconhecer o facto na sua extensão física e nos fenómenos consequentes que determina. Neste sentido, não é possível desmentir-se o papel assumido pela Sociedade Nacional de Belas-Artes com a programação de uma actividade exigente nestes últimos anos, seja qual for a natureza da crítica que se lhe possa dirigir. Começa fundamentalmente ao nível dessa Sociedade o esforço sistemático de substituição de uma estrutura de pensamento estético por outra mais viva, a funcionar de acordo com uma dimensão temporal já culturalmente definida no nosso país e aqui traída, nessa altura, por grupos que defendiam de modo irredutível a sua concepção tradicional da forma pictórica e um processo obsoleto de a sublinhar e de a propor às massas. Os esquemas de promoção e de expansão elaborados pelo Conselho Técnico da Sociedade Nacional de Belas-Artes, apesar de ambiciosos na sua linha de continuidade relativamente à produção existente, tiveram o mérito de sublinhar um conjunto de artistas significativos no lugar que se deve dizer histórico, por isso mesmo indispensável ao estudo da pintura portuguesa contemporânea.

Uma geração da vanguarda assim ficou definida, quase instituída, como que paralisada na sua proposta inicial perante a lenta ascensão das camadas mais jovens ao plano de confiança que poderia determinar claramente as opções recentes do organismo referido. Para além do papel da crítica, que começou entretanto a tornar-se mais incisivo e programado, a criação de galerias de arte teve importância capital na consolidação de um movimento artístico de vanguarda estabelecido por diferentes grupos de influência, descentralizado por diferentes padrões de escolha, escalonado por diferentes entidades organizadoras.

É neste ponto, e perante esta realidade cada vez mais poderosa na afirmação de artistas jovens, que a discussão se estabelece com maior força e se ramifica por caminhos divergentes. Não são tanto as razões de consumo que determinam o debate, pois o fenómeno da promoção artística, quando coisa pública, aparece sobretudo agitado por factores afectivos e ideológicos. Seja como for, a nossa produção de arte tem registado desde então um crescimento que não pode deixar de corresponder a forças de promoção diferenciadas, mas convergentes na sua finalidade cultural e no seu estatuto de actualidade.

ACTUALIDADE

Discute-se entretanto quais os termos legítimos dessa actualidade para o nosso meio, e em certos casos para qualquer outra latitude. Desconfia-se da última geração aparecida e critica-se o tipo de compromissos em que se vê irremediàvelmente envolvida. Põe-se a questão moral ao artista, de muitas formas para além da natureza específica do seu trabalho e da verdade indiscutível do seu temperamento criador. À qualidade vanguardista ou simplesmente moderna das obras propostas, produtos que testemunham uma inquietação e uma revolta espiritual singulares para o nosso agregado, opõe-se a acusação de impropriedade interventora, sugerindo-se que esse capital disponível resulta inócuo em face dos problemas que nos envolvem. Contra a especificidade da linguagem pictórica, contra os rumos que ela assumiu no nosso século e em desfavor da recuperação estrutural que está ainda em curso, aponta-se o caminho do artista romànticamente desintegrado, isolado e maldito, capaz de impor ao silêncio um destino trágico. A produção artística em crescimento, agora apoiada por um aparelho social também a desabrochar de iniciativas dispersas, não seria portanto reflexo de uma vitalidade surda em afirmação mas, pelo contrário, viveria um destino alienado dos nossos problemas, enraizado na promoção de organismos erradamente empenhados.

Estes argumentos, que podem ser ponderados em certos casos e apontar revalorizações aceitáveis, reflectem quase sempre o pudor ainda nosso em admitir que o artista opere integrado (ou reintegrado) num processo de desenvolvimento da sociedade, contribuindo a diferentes níveis para a reestruturação de uma cultura e para a reafirmação efectiva do homem. Não podemos deixar de reconhecer que o artista é um operador capaz de certa eficácia no sector que domina, sendo por isso elemento igualmente indispensável à produção de objectos de civilização e portanto de objectos propostos a um consumo sociològicamente válido. A utilidade de um objecto desta natureza não pode definir-se apenas ao nível da sua função quotidiana, no quadro das acções humanas mais caracterizadas. O objecto aí aparentemente inútil, num outro grau de coordenação dialéctica, vai agir com outra profundidade no comportamento dos indivíduos que o observam, estabelecendo-se portanto diferentes níveis de consumo e de comunicação. O produto artístico não tem necessàriamente que viver à margem da comunidade, ou contra ela, mas pelo contrário pode servi-la de forma superior, propondo de um modo constante e vivo a renovação das suas formas reais de apoio, portanto ajudando a revolucionar as estruturas que se desactualizam.

OPÇÃO

Os termos da nossa actualidade não podem medir-se pelo figurino apertado de um único modo de acção; e nega-se ao objecto artístico, cada vez mais firmemente, que deva conformar-se à permanência de certas regras ou princípios de formulação técnica e expressiva. A escolha dos materiais e o encontro com um determinado tipo de orientação estética são fac-

Salvaguardemos

folhetim artístico de José-Augusto França

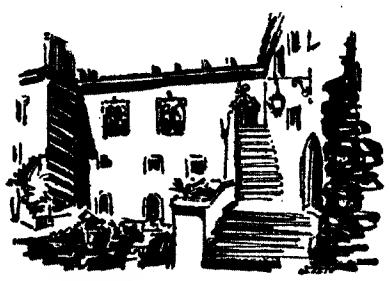
(Continuação da página anterior)

«aqui e agora», devemos ser dignos...

«A PARTICIPAÇÃO consciente das autoridades e o esclarecimento da opinião pública por todos os meios apropriados é uma necessidade para fazer seguir os princípios gerais e as ideias directrizes da planificação». Assim terminam as conclusões do Colóquio — e este apelo a uma colaboração cívica geral deve, «aqui e agora» também, ser devidamente pesado.

Se é indispensável que as autoridades sobreponham o interesse colectivo ao interesse particular, indispensável é também que a opinião colectiva entenda o que é o seu interesse — no quadro de uma problemática urbanística em que *a salvaguarda de valores do passado é tão importante como a criação de valores do presente — pois o futuro será constituído por uns e por outros, numa integração histórica.*

A reutilização, ou seja a reabilitação de edifícios ou conjuntos antigos (e a antiguidade pode ser de cem anos ou de menos, até), devidamente saneados, conservados e restaurados, é um dos aspectos desta ligação histórica. A política de aquisições praticada pela Câmara de Lisboa garante parcialmente tal diligência, que



Óbidos: Pousada

uma classificação metódica de «edifícios de interesse público ou municipal» deve completar sem tardança, com uma legislação apropriada.

«Aqui e agora» (e agora, sobretudo) se põem alguns dos mais agudos problemas que o Colóquio internacional tratou. Daí a sua importância nacional.

...MAS todas estas necessidades, todas estas consciências que se acordem, todas estas colaborações para que se apele, não irão longe se a salvaguarda das zonas históricas se definir como um fenómeno isolado, no complexo sociocultural das nações, da Europa, ou do mundo. Do mundo, da Europa ou das nações que vivem hoje *em situação de planificação.*

E eu tiro algum gosto do facto de ter feito aprovar, nos «princípios» das conclusões do colóquio, a seguinte recomendação à escala internacional: *recomendamos que toda a diligência teórica e prática que diga respeito à salvaguarda dos lugares históricos seja integrada no quadro duma planificação socio-política, económica e cultural — sem o que ela ficaria numa situação abstracta e ineficaz.*

Que assim seja, «aqui e agora» também.

Leia SETÚBAL NINFA DO SADO de SANTOS CRAVINA

SUPLEMENTO
Diario de Lisbòa
LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS:

Nobre 100, *por Alexandre O'Neill*

LETRAS ESTRANGEIRAS:

Para Onde Irá a Literatura?, *por João Gaspar Simões*
Do Outro Lado do Eden, *por Jorge Serra*
«Pot Rally»

CRÓNICA:

Paris 68, *por Álvaro Manuel Machado*

ARTES PLÁSTICAS:

Arte, Actualidade e Produção, *por Rocha de Sousa*
SNBA, Uma Tradição Dinamizada

URBANISMO:

Salvaguardemos, *por José Augusto França*
Estruturas do Povoamento de Portugal Continental, *por António Monteiro Alves*

CINEMA:

A Solidão do Movimento, *por José Vaz Pereira*

e produção

tores de primeira ordem para os resultados a obter, mas é dentro das regras próprias da obra que estes devem ser lidos. Tanto os materiais como a problemática estética encontram-se hoje de tal forma ligados à vida do homem, ao quotidiano da sua fome e do seu sonho, que não podem servir a ideia de uma arte maior, una, indivisível, denunciando exclusiva e superiormente as contradições da realidade social e roubando à Natureza o complemento da sua inspiração ou da sua representação. O que se escreve pode decorrer de uma gramática generalizada, mas o que se diz liga-se aos dados contraditórios do existir. A rebeldia do artista, como entidade criadora, não é sinónimo da escola: é essência do ser. Com ela, ou por ela, a sua aventura ramifica-se em escolhas diferentes, na opção de materiais diversos, em acções e finalidades múltiplas. Contra uma falsa hierárquia dos géneros, a estética moderna tende a reconhecer a equivalência das propostas de acordo com a sua natureza e a sua função social. O artista gráfico não é um artista menor: é também um operador qualificado. O que ele produz não é mais útil nem menos útil do que a máquina absurda realizada por um escultor dos nossos dias: ambos representam dois modos específicos de comunicação, ambos podem cumprir a mesma visão penetrante das coisas, a mesma aventura criadora, a mesma inserção sociológica. Aqui devemos salientar que as fontes informativas de que estes operadores se socorrem conduzem cada vez mais a uma unidade de «escrita», igualmente ao abrigo de uma rede de comunicações que dissolve em grande parte as fronteiras regionais com que o homem ainda se organiza e se afirma. No xadrez dessa divisão, os sectores culturalmente subdesenvolvidos dependem em geral das formas criadas nos centros onde são mais densas e qualificadas as fontes produtoras. Mas isso não exclui legitimidade dos grupos em desfavor tentarem o acesso ao modo de civilização dali derivado, elaborando a sua capacidade receptiva e tornando as artérias do seu sistema de comunicações permeáveis a uma liberal entrada de divisas.

PRODUÇÃO

Para que este programa possa cumprir-se é necessário que o artista não esteja apenas apoiado numa respiração artificial, no aplauso de grupos fechados, no subsídio frouxo e socialmente desanraizado, na contingência de uma crítica que não forma estruturas de acção e apenas teoriza o que já foi teorizado. Mas para isso não pode também recusar-se ao artista o direito de escolher as suas fontes de trabalho, conquistando o mercado disponível, propondo-se ao consumo, apoiando-se nas realidades tecnológicas que a sociedade lhe oferece. A integridade moral e estética de uma obra, salvo raras excepções, não se mede pela origem das técnicas utilizadas, pela contribuição que recebe das estruturas industriais, pelo facto de colaborar num projecto de planificação urbana, por depender economicamente de subsídios organizados. Em relação a extensos sectores da técnica, por outro lado, é cada vez maior o número de pessoas interessadas em relacionar a sua especialidade com o trabalho especulativo da arte actual. Neste caso, o artista tenta igualmente a desmistificação do seu modo de agir, procurando na contribuição da tecnologia os dados concretos para uma acção criadora mais vasta, verdadeiramente utilizável pela sociedade moderna. O arranjo necessário destes compromissos é tradicionalmente patente no cinema, que precisa de um aparelho socio-económico de produção e mercado. É por isso mais fácil reconhecer aí a inevitabilidade desse factor do que na ordem de inserções e dependências a que os operadores de outras artes podem estar sujeitos em regime adequado. Diz-se adequado porque os desvios são conhecidos; mas é da instituição moralmente capaz que se fala, do compromisso social em que o artista pode continuar a aventura das suas preferências e da sua acção. Inscreva-se, também, este conceito de acção num modo plural de ser, num conjunto diferenciado de proposições de cultura, numa constante renovação das formas e da sua penetração social.

ilustração do «Urban Atlas: 80 American cities»

S. N. B. A.
uma tradição dinamizada

EM CONFERÊNCIA de Imprensa, promovida pelos responsáveis do Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas-Artes, foram dados a conhecer os aspectos fundamentais da actividade que aquele sector tem vindo a realizar e as importantes inovações que foram introduzidas nos respectivos programas.

Dinamizada com autêntico sentido de actualidade, a prestigiosa Sociedade Nacional das Belas-Artes, sob a presidência do arquitecto Conceição Silva, veio, uma vez mais, fazer o balanço de uma iniciativa, que é, a todos os títulos, da maior importância cultural e cujos resultados, nos anos anteriores, são a prova feita do interesse que suscitou junto do público. Efectivamente, o curso de Formação Artística, que dentro de semanas vai reabrir, proporcionou uma preparação artística ao nível pré-universitário, que se caracteriza por programações actualizadas a cargo de especialistas de primeiro plano, como o prof. dr. Ferreira de Almeida, arquitectos Manuel Tainha e Sena da Silva, pintores Sá Nogueira e Daciano da Costa, escultor Fernando Conduto, drs. José Augusto França, Rui Mário Gonçalves, Adriano Gusmão e José Blanc de Portugal, o ensaista Ernesto de Sousa, etc.

UM PREFÁCIO DE SELECÇÃO

O Curso de Formação, que abre com um ano de estudos básicos — ou Curso Preliminar — em que se avaliam as aptidões do aluno no domínio da expressão artística, completa-se, depois, com dois anos de Cursos de Especialidade, que habilitam a diplomas em Artes Gráficas, Fotografia e «Design», todos eles organizados em aulas de «atelier», seminários e períodos de preparação teórica.

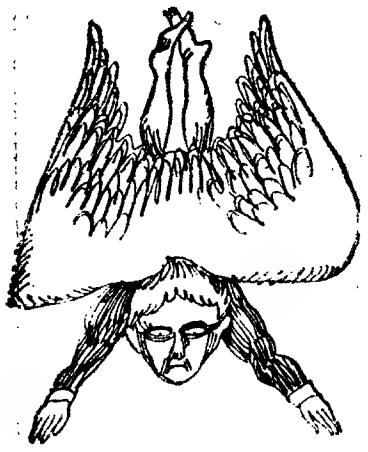
Ponto a salientar, dada a carência de formação que se verifica entre nós neste sector, é o programa apresentado em relação ao «Design». Daciano da Costa, com a sua reconhecida experiência na decoração e no desenho industrial, elaborou um plano de trabalhos em que tudo, desde a exploração dos espaços interiores do desenho dos objectos funcionais e sua integração nas estruturas de produção, se encontra devidamente objectivado. Nos outros aspectos, e em face das comunicações apresentadas na reunião e dos debates suscitados, ressalta a criação, à margem do curso, de ciclos de lições sobre Estética Aplicada, Sociologia da Arte e Música e «Ballet», disciplinas livres que representam um complemento importantíssimo para a interpretação global do fenómeno artístico.

A MARGEM DA ROTINA

Assim, a casa da Rua Barata Salgueiro prossegue, como primeiro centro artístico do País, integrada na hora europeia, distante dos academismos e das rotinas que retraem o público e desinteressam os visitantes. O fomento artístico que significam estes cursos é — tem sido, nos últimos anos — uma expressão de enorme importância a acompanhar o movimento das exposições e a restante acção cultural ali desenvolvida no interesse das Artes Plásticas. Sem formalidades, além da habilitação literária indispensável (5.º ano dos liceu ou equivalente), os concorrentes ao Curso de Formação tomarão, agora, contacto com métodos novos de trabalho. Em vez de provas de admissão, apenas entrevistas informais com um ou mais professores, destinadas a proporcionarem um primeiro conhecimento, humano e directo, das aptidões do inscrito; em vez de uma preparação convencional sob o ceptro do historicismo, um contacto prático com os problemas e as formas que se traduz numa vivência realmente nova do fenómeno artístico.

Eis, pois, o Curso de Formação com que a S. N. B. A. reforça o seu plano de trabalho. Do ponto de vista prático, ele vem preencher uma lacuna nas preparações oferecidas pela Escola de Artes e Ofícios e pela Escola Superior de Belas-Artes, criando quadros profissionais para os «ateliers» de empresas e para a Publicidade e organismos especializados na comunicação de massas, Turismo, etc. Além, evidentemente, de promover um mais profundo e mais largo interesse pelas Artes Plásticas em Portugal.

C. G. S.



NOBRE 100

por Alexandre O'Neill

PODE dizer-se que Nobre inaugura na poesia portuguesa certa «conversa» ainda muito actual. Pode dizer-se que, neste sentido, é mais moderno que Cesário.

Diminutiva a poesia do Nobre? Que havemos de fazer? Apouca-nos o autor-Só?

Cheia de *bons sentimentos*, claro, mas sabendo que também com eles se faz boa «arte», bom «conversar-te».

Os da sociologia tomam tudo demasiado à letra (nesta primeira fase...). Ora nenhum poeta pode ser tomado assim à letra. O acto de poesia é um acto de ironia. O viés irónico do Nobre tem de ser percebido, senão caímos numa grande maçada, que é gostarmos do Nobre *contra* nós mesmos. O barquinho com o «erro de ortografia» do Nobre, se tomado à letra, é «defesa» do obscurantismo» Não tomado à letra é «matière», como a dos *errados* bonecos de barro que ornam as nossas prateleiras...

Nobre é *sintomático*? Encantados da vida! Mas *sintomático* de quê?

Cesário tinha ferramentas na loja da Rua da Madalena e o pomar, que ele queria muito industrial, em Linda-a-Pastora. Nobre, a quinta dos pais no Entre-Douro-e-Minho, a Carlota, etc., etc. Os dois tiveram a phthísica (o que não era difícil na epocha). Provàvelmente, cada um é *sintomático* disso mesmo. E depois?

A gordura do Sá-Carneiro, que é um Nobre enxundioso, é um toucinho que pouco pesa se a tomarmos à letra. Já sabemos que é uma chatice ser goooordo! Ó menino-esfinge-gorda, papa a açorda, dá os golpes de asa que quiseres e cai na açorda outra vez enquanto almejas pelo azul e não tombas de vez na estricnina. O teu drama humano não faz «escalada» em nós. A tua ironia e o teu transmudares-te e objectivares-te nela, esses sim! Carneiro particular, não! Carneiro comum? Viva ele! Foste reaccionário? Se calhar foste... Mas acalma-te, rapaz, que nós, os puros, já te recuperámos do teu bater de asa...

O Nobre influenciou todos nós. Até o Boi da Paciência do Ramos Rosa é Nobre, só que lavra papel custaneiro em vez de terra friável. Até o Herberto Helder é Nobre, com a sua anarcolírica. Até a Sofia é Nobre, com quinta no mar e «charrette» puxada a gaivotas. Até Eugénio de Andrade é Nobre, assim tão só! E se calhar não será Nobre o Cesariny, tão Lusitânia no Bairro Latino? E o Melo e Castro? Que Nobre! E o Egito Gonçalves, tão neo-Nobre? E o Carlos de Oliveira?

Todos somos Nobre, menos um: Gomes Ferreira, que é Junqueiro (Pátria) — ou será Raúl Brandão, o remorso que sobrou do remorso de Raúl Brandão?

Fiz propositadamente «happening» para tentar mostrar que ser-se Nobre é ser-se a grande incoerência e a grande impotência que somos todos, hoje.

Em certo sentido, todos herdámos as qualidades e os defeitos do Nobre, todos visitamos o povo aos domingos, todos gostamos muito da nossa terrinha, todos sabemos evocar, entisicar, devanear, aluar, errar. Em certo sentido, todos somos falhados e «conseguidos» como o autor do Só.

Mas de quantos de nós ficará a *conversa* como ficou, por encanto, por enquanto, a dele?

Por favor não nos tomem à letra! Bem pode acontecer que, irònicamente, sobre algum de nós para o centenário...

E muito juizinho, que vem aí o super-Cesário!

José Régio

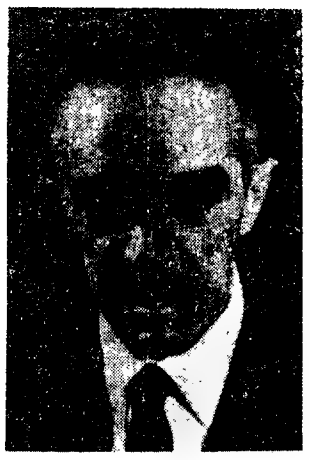
OBRAS COMPLETAS

A SALVAÇÃO DO MUNDO

(Tragicomédia em 3 actos)

« A sua obra teatral ocupa o mais alto lugar na dramaturgia portuguesa contemporânea. »

LUIZ FRANCISCO REBELLO
(História do Teatro Português)



PORTUGALIA EDITORA
AV. DA LIBERDADE, 13-3 • LISBOA

Paris 68 «Les gauloises bleus»

por Álvaro Manuel Machado

A *RENTRÉE* PARISIENSE, frenética e eficiente nas ruas e no metro, ameaçadora e ambígua nas universidades, é mais tardia e lenta em arte. Pelo menos este ano, em que Malraux não tem outras *Antimémoires* para manter o seu mandarinato literário nem Aragon outro *Blanche ou l'oubli* para alimentar a polémica um tanto sediça do neo-romantismo surrealista. Este ano, Malraux — obeso, solenemente calvo, um tanto grotesco, um tanto patriarcal, e no entanto sempre esotérico, grandiloquente no seu silêncio de estátua antiga — foi figura de proa na espectacular conferência de Imprensa dada por de Gaulle, estando sentado à direita de «Deus-pai-todo-poderoso» a limpar a fronte dionisiaca num salão superaquecido do Eliseu, conferência de Imprensa em que a *féerie* da *participation*, palavra-chave da *rentrée* política, foi fogo-de-artifício que deixou perplexo o jornalista mais precavido. Quanto a Aragon, passional e epopeico, comovido até ás lágrimas, insurge-se dramàticamente contra a invasão russa da Checoslováquia (*«J'entends des bruits lointains»*).

Portanto, sem monstros sagrados, a *rentrée* literária francesa deste ano é mais sóbria. (Nem parece francesa). Anuncia-se: na Gallimard, um romance de Raymond Queneau (*Le vol d'Icare*), um livro de memórias de Elsa Triolet (*Ecoutez-voir*); na Flammarion, a continuação do primeiro romance de Rezvani, *Les années-lumière*, Prémio dos Quatro Júris de 1968 (*Les années-Lula)*; na Grasset, um romance de Alain Bosquet (*Les tigres de papier*). E já se publicaram, durante o mês de Setembro, livros que foram verdadeiras revelações para a crítica: *Les rats*, romance de Albert Deza (Albin Michel), escritor espanhol exilado em França, herdeiro da tradição barroca e picaresca; *Un royaume de papier*, romance de Janine Aeply (Mercure de France), transposição para a literatura da magia infantil de um Max Ernst; *L'envahie*, romance de Dominique Proy, considerada desde já a maior descoberta depois de Le Clezio e que está de facto na mesma linha de alucinação lírica e dostoievskiana.

No entanto, a verdadeira *rentrée* só se imporá com os prémios de fim de ano, sobretudo o Femina e o Goncourt.

Entretanto, o cinema francês assinalou já a sua *rentrée* com uma obra-prima que é a estreia de um realizador, *Les gauloises bleues*, de Michel Cournot, ex-crítico cinematográfico iconoclasta do *Nouvel Observateur*, espírito irònicamente afectivo e cruelmente poético.

Um operário *out-sider* entre Gorki e Breton: Ivan.

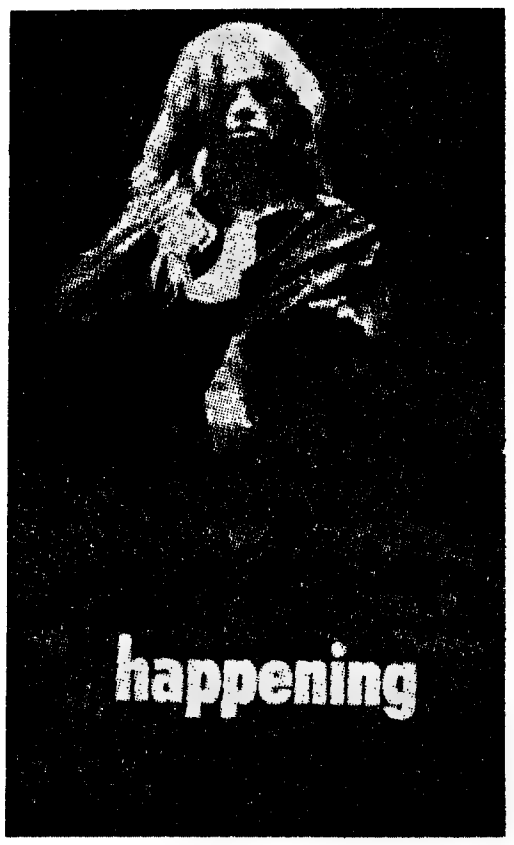
Uma cidade labiríntica, onírica e impiedosa: Paris.

Uma marca de cigarros popular, único luxo a que Ivan tem acesso: *Les Gauloises Bleues*, cigarros simultâneamente explosivos (anarquia social) e mágicos (símbolo do encontro de amor Ivan-Jeanne).

Com estes três elementos, Michel Cournot criou um mundo simultaneamente alucinante e lírico, elaborado e confessional, cavalgada musical e plástica de símbolos e associações mentais que, derivando de Godard, até pelo virtuosismo da montagem, sabe esquivar-se sòbriamente ao malabarismo sarcástico e intelectualista do autor de *Pierrot le fou:* Cournot encontra o seu equilíbrio num sentimentalismo que se ironiza a si próprio.

Só a cor é um mundo. Tal como no Antonioni de *O deserto vermelho* e sobretudo de *Blow up*, ela tem uma função de paisagem exterior (terrenos pardos, desolados, nas traseiras de escolas e de fábricas ou mantos de relva de um verde cantante) tornada paisagem interior revelada nos mais ínfimos tons.

A história é banal, aparentemente melodramática. No cenário de doença e anonimato de um bairro pobre de Paris uma mulher grávida (Jean-



Um ensaio

Cinco americanos e uma mitologia em estudo

O «HAPPENING» marca — e sobretudo marcará — uma viragem na concepção do teatro, como demonstram as experiências de Peter Brooks, de Gerhardt Wolfmann, do Living Theatre e outros. Além disso, porém, com todas as suas possibilidades de *atitude* artística e de desobediência aos padrões convencionais da comunicação, com toda a extraordinária gama de valores novos que propõe, o «happening» alarga-se a outras formas de arte, introduzindo nelas — melhor: introduzindo no acto da sua criação — um *quid* dinâmico de valores em renovação permanentemente. Em face disso, a obra artística enriquece-se com os valores do provisório e do circunstancial, a imaginação valoriza-se com solicitações de toda a ordem ao nível de inconsciente e dos determinantes quotidianos e, por fim, a espontaneidade (isto é, a liberdade individual) projecta-se num sentido colectivo de «espectáculo» pelo menos naquilo que as artes, mesmo as artes plásticas, têm de espectáculo.

UMA NOVA MANEIRA DE COMPREENDER...

Nos círculos intelectuais de Greenwich Village ou na *Rive Gauche* parisiense o «happening» tem o seu território de eleição.

Em Berlim Ocidental, em Varsóvia, em Tóquio e em Londres as manifestações «happening» vêm, de ano para ano, tornando-se mais frequentes e, por toda a parte, a palavra ganhou o prestígio de uma legenda mitológica. Na realidade, na grande maioria dos países os «happenings» são muito mais conhecidos por informação teórica do que por experiência directa.

Michael Kirby num volume precisamente intitulado *Happenings* coligiu as declarações

ne) é transportada para uma maternidade pública. O seu marido, um proletário aparentemente vulgar (Ivan), acompanha-a. Enquanto espera pelo nascimento do filho, Ivan é possuido pela visão gorkiana da sua infância: abandonada pelo amante e pai de Ivan, um *clochard*, sua mãe (Annie Girardot) é uma ladra redimida apenas pelo amor ao filho, que nasce marcado pelo mesmo vício. Dada a miséria material e moral da mãe, Ivan é entregue à assistência pública, mera engrenagem burocrática ao serviço da falsa moral da classe dominante. Rebelde, Ivan foge do orfanato, recusando-se mesmo a comer o pão deixado pelos seus falsos protectores (calca-o aos pés e põe-se a comer terra, ao som de Monteverdi).

Esta fuga prolonga-se na idade adulta. Ivan foge sobretudo da deformação política, ou antes, das várias e falaciosas deformações políticas do nosso tempo, neste mundo em que, segundo Cournot, já é preciso não só um bilhete de identidade mas também um *permis de vivre* (exigem-no a Ivan na maternidade, nas fábricas onde vai pedir emprego, no local de votação).

Apoteose do melodramatismo habilidosamente transformado pelo burlesco e a alucinação surrealista: o filho de Ivan nasce morto. E depois desta apoteose, Cournot, repetindo a primeira imagem do filme, faz-nos regressar à fuga de Ivan criança, pequeno animal acossado bem do nosso tempo.

2 — *Um poeta telurico: Norge*

Talvez desde Villon, a França nunca mais voltou a ter um poeta verdadeiramente telurico. Esclareço: um poeta para quem a natureza é uma força bruta posta em movimento pelo temperamento e não pelo

cosmopolitismo cultural (caso de Saint John Perse).

Tem-no agora, e no entanto não o reconhece, ou pelo menos reconhece-o mal. Esse poeta chama-se Norge.

Nascido em Bruxelas em 1898, de pais franceses, Norge cedo veio para França, onde se notabilizou antes de mais como homem de teatro: fundou com Tania Balachova e Raymond Rouleau o *Théâtre Libre*. Publicou: *Rapes* (Seghers, 1949), *Le gros gibier* (Seghers, 1953), *La langue verte* (Gallimard, 1954) e *Le vin profond* (Flammarion, 1968). Foi *Le vin profond*, publicado recentemente, que mo revelou.

Epopeia *exquise*, poesia da terra que conserva no entanto a subtileza musical do indizível. O indizível que é a própria vida, fluxo e refluxo para lá da contemplação bucólica do momento presente. Norge no-lo revela desde o prefácio:

... dans l'espace très peuplé qui s'étend du doute à la foi, de la ferveur à l'imprécation, de l'obéissance à la révolte, de l'ironie à la gravité, du renoncement à l'espérance, ou si l'on veut, du rire aux larmes, se dessine finalement la figure d'une poésie où n'est éludée aucune source d'inspiration.

Mas este indizível que se alimenta da contradição regressa sempre à terra, sagração da inquietude do corpo e do espírito.

Assim, Norge é telurico perante o desconhecido:

Ô ciel non vendangé, ô treilles du désir, vignobles gravitants, nous ne sommes plus séparés.

Car je réponds à ton infini de mystère par mon infini d'espérance.

Telúrico no amor:

... qu'en la nuit très close je sois tranquille à te goûter comme un vin profond.

Telúrico no quotidiano:

Voici le pain sur la table. On dirait qu'un secret bienfaisant se confie. N'es-tu pas étonné de tant de simple grandeur? Beaucoup de silence orne le pain.

Beaucoup de silence mûrit dans la table rugueuse. Il faut regarder la table et le pain tranquilles — et ce lieu purifié que l'espace leur propose.

Je me réjouis du monde visible et j'exalte les cortèges de planètes qui font route dans la nuit. Mais je regarde aujourd'hui ce pain dormant sur la table sans ruse.

Poesia telúrica mas também (ou por que) rigorosa na própria medida em que mantém uma ambiguidade trágica:

... j'ai sucé la haine comme un lait fortifiant, la haine a réjoui mon sang.

... Peut-il aimer, celui qui n'a point bu de ce lait noir, peut-il savourer les longues gorgées de l'amour?

Em suma: um exemplo raro na árida poesia francesa actual, perdida no ciclo vicioso de um intelectualismo que esqueceu Villon.

oportuno

pessoais e os «textos» — se assim se lhes pode chamar... — de cinco norte-americanos cuja actividade no «happening» é mais representativa e desse conjunto elaborou um extenso e bem documentado estudo de fenómeno, incidindo-o exclusivamente no dominio da criação cénica. «Os «happenings» uma nova forma de teatro (tal como as *collages* são uma nova forma de arte visual)» — diz Kirby — «e como as *collages* podem ser produzidos de modos diversos». Essa diversidade, com as infinitas variantes que possibilita, vai, na opinião do autor, mais longe: é *até* uma nova maneira de compreender o teatro.

Teatro? Mas que teatro? A resposta é simples e integra-se numa tendência renovadora dos conceitos de encenação que já não é de agora. As «adaptações» dos clássicos ao cenário dos nossos dias — essas actualizações dos grandes do passado, que tanto chocaram os conservantistas de há 20 anos — predispuseram o público a novas e mais profundas aventuras. De tal sorte que, ao contrário do que pensam os menos esclarecidos, o *happening* tanto pode ser força integrante de um texto de vanguarda como pode estar presente numa comédia de Cervantes ou num cenário de Shakespeare.

OS PRECURSORES

O ensaio de Michael Kirby, na investigação histórica que a determinado passo desenvolve, determina certas raízes antigas do «happening» nas antecipações proféticas de um texto de Stanislavski datado de 1905 e em certas experiências dadaistas e futuristas; mais recentemente, Antonin Arthaud é um dos precursores apontados.

Naturalmente, o trabalho de Kirby circunscreve-se em exclusivo ás experiências norte-americanas, se bem que se encontrem referências à actividade de noutros países — França e Japão, principalmente. Os autores seleccionados na antologia expõe com evidente precisão os pontos de vista respectivos, comentando as concepções com que puseram em prática a realização dos seus «happenings» e se, à primeira vista, o conjunto possa parecer demasiado «nacional» e restrito a uma experiência americana, não deve descurar-se que foi nos Estados Unidos que nasceu o «happening» e que a sua evolução está estreitamente identificada com um sector intelectual criteriosamente representado na antologia.

Num outro livro sobre a evolução do teatro — *The Inner World of Theatre*, de Collins Seth — o «happening» aperece muito mais longínquamente associado a certos rituais dos índios do Peru que, em datas festivas, organizavam espectáculos recitativos (sobre textos fixos e transmitidos de geração em geração) que seriam interrompidos por um ou mais elementos da assistência que, espontâneamente, contribuiam com a sua interpretação de circunstância sobre o tema que se festejava. Collins Seth salienta que tais intervenções se destinavam a «actualizar» um texto tradicional, com a introdução de frases e movimentos alusivos a acontecimentos recentes.

Não recuando tão longe. *Happenings*, de Michael Kirby, traça uma evolução teórica verdadeiramente apaixonante e segura do fenómeno. A perspectiva que nos oferece sobre o teatro de vanguarda é de tal modo promissora que, mesmo para uma imaginação mediana, lhe abre largas possibilidades de superação relativamente aos restantes espectáculos.

O ESTILO DOS HOMENS

COM admirável espírito de síntese e decidida objectividade, o Presidente do Conselho de Ministros, prof. Marcello Caetano, expôs a toda a Nação os princípios gerais de um programa que, para lá da doutrina que comporta, não pode deixar de interessar os homens de letras portuguesas pela clareza do estilo da comunicação.

Se por «estilo» se não entende acadèmicamente o simples traço formal mas a expressão de um clima mental, é toda uma atitude de espírito que ressalta com evidência do importante texto que o Senhor Presidente do Conselho dirigiu aos seus concidadãos num propósito de entendimento e de firmeza na acção. Sem distanciamentos paternalistas nem ornatos retóricos, o prof. Marcello Caetano situou-nos, em discurso, na hora europeia, enquadrando nela os problemas específicos que a vida portuguesa comporta. E é isso, afinal, o estilo de uma personalidade — a marca de um homem público que na governação, no ensino, no jornalismo e na investigação literária (leia-se Cartas de Eça de Queiroz aos Seus Editores) **adquiriu uma visão plurifacetada da vida nacional, preocupando-se, com notável propósito de actualidade, em considerar a Cultura e a Expressão como meios de base para o progresso da Comunidade.**

O Suplemento Literário DL

ANTÓNIO GEDEÃO

POESIAS COMPLETAS
1956-1967
(2.ª edição)

inclui as obras
MOVIMENTO PERPÉTUO
TEATRO DO MUNDO
MÁQUINA DE FOGO
LINHAS DE FORÇA

com prefácio, revisto e ampliado, de
JORGE DE SENA
(esboço de análise objectiva)

colecção POETAS DE HOJE

PORTUGÁLIA EDITORA
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

COLÓQUIO
REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

À VENDA O NÚMERO 49

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Distribuidora: E. N. P. — Av. da Liberdade, 266 — LISBOA 2

urbanismo:

Estrutura do Povoamento em Portugal Continental (2)

por António Monteiro Alves

1. De acordo com o Censo da população de 1960, dos 8 milhões e 300 mil habitantes de Portugal Continental cerca de 3 milhões e 700 mil — ou seja um pouco menos que metade — concentravam-se nos distritos de Lisboa, Porto, Braga e Aveiro. A outra metade repartia-se pelos restantes 14 distritos, entre os quais Santarém, Coimbra e Viseu, em conjunto com perto de 1 milhão e 400 mil habitantes, ocupavam ainda lugar de relevo, acentuando a assimetria existente na distribuição espacial da população em Portugal Continental.

Esta situação de facto, caracterizada por largas manchas populacionais implantadas junto ao litoral e em especial nos distritos de Lisboa e Porto com intensidade crescente de rarefacção na medida que se caminha para o interior e para o sul, tem raízes históricas associadas ao modo do aproveitamento da Natureza pelo homem, às lutas pela reconquista e é também fruto, nos nossos dias, dum desenvolvimento assente na industrialização, fortemente assimétrico e que tem dado origem á concentração das actividades industriais e de serviços em torno das cidades de Lisboa e Porto, os nossos dois pólos mais importantes como catalizadores de grandes massas humanas.

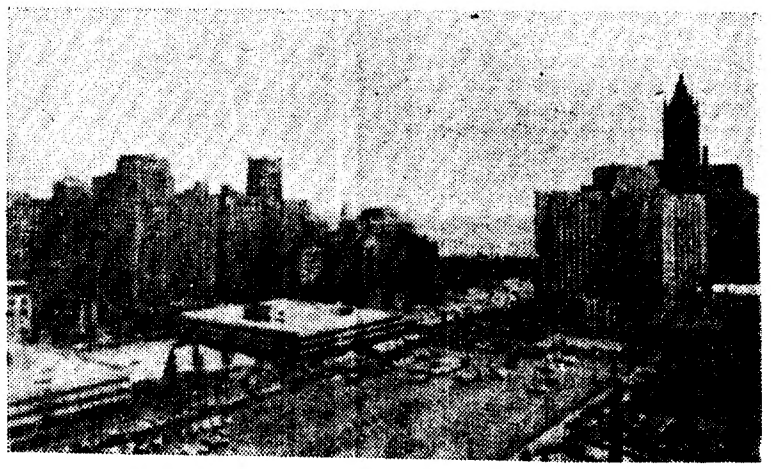
Só nos distritos de Lisboa e Porto — um com cerca de 1 milhão e 400 mil habitantes e outro com um milhão e 200 mil — concentrava-se em 1960 mais de 30% da população de Portugal Continental.

CONCENTRAÇÃO URBANA E DISPERSÃO RURAL

2. Se da análise à escala distrital, em que se escondem, por vezes, importantes situações de assimetria e com problemas muito diferenciados, passarmos a um ângulo de visão que coloque forte acento no modo como os aglomerados populacionais se distribuem pelo espaço, verificamos que a nossa estrutura de povoamento está longe de ser satisfatória e constitui forte entrave à promoção social da população portuguesa.

Considerando centro urbano todo o aglomerado populacional com mais de 10 mil habitantes, em 1960 dos 8 milhões e 300 mil habitantes de Portugal Continental só pouco mais de 2 milhões é que viviam em centros urbanos, para os quais Lisboa e Porto contribuiam por si só com mais de 50% da população. Daqui se pode concluir que a maior parte da população portuguesa vive ainda em comunidades de dimensão humana muito reduzida, em zonas não urbanas, embora o equilíbrio urbano-rural esteja constantemente a ser alterado através das migrações internas e externas. No intercenso de 1950 a 1960 o acréscimo de população dirigiu-se fundamentalmente para as zonas urbanas; do acréscimo de população residente entre 1950 e 1960 da ordem dos 375 mil, cerca de 250 mil vieram a concentrar-se nas zonas urbanas.

A elevada concentração populacional nas nossas duas maiores cidades corresponde por outro lado uma enorme dispersão no modo como se distribui no espaço o restante da população, ao mesmo tempo que, como vimos, os aglomerados são de dimensão muito reduzida. Em 1960 mais de 5 milhões de pessoas viviam em comunidades com menos de mil habitantes e um milhão em zonas rurais com menos de 100 habitantes; deste modo fàcilmente se compreendem as enormes dificuldades que é preciso superar em ordem a um conveniente ordenamento físico do espaço e seu aproveitamento humano, bem como a falência de certas medidas dirigidas à promoção humana e social da população que o ocupa.



A emigração para as cidades determina novas distribuições espaciais

No pólo oposto, as cidades de Lisboa e Porto levantam graves problemas de organização da sua estrutura urbana, em especial no que respeita à implantação de bairros residenciais, localização de indústrias, zonas de repouso e convívio, abastecimento, organização da circulação e combate à poluição atmosférica.

Como salienta SILVA PEREIRA (1) «os problemas postos pelas muito grande e muito pequena dimensões urbanas diferem naturalmente entre si, mas em *ambos os casos traduzem graves dificuldades de actuação*. Se, por um lado, as grandes metrópoles constituem autêntico pesadelo para urbanistas, economistas e sociólogos, por outro, a extrema dispersão do povoamento conduz à quase impossibilidade de atender convenientemente às necessidades das populações, porquanto os equipamentos a instalar exigem uma dimensão mínima para poderem trabalhar com eficiência, ou até para poderem existir».

ESCALONAMENTO URBANO DEFICIENTE

3. Acresce que no conjunto dos centros urbanos, como já deixámos transparecer anteriormente, o escalonamento entre eles não se processa de forma conveniente. Em 1960 entre as cidades de Lisboa e Porto — uma com 802 mil habitantes e outra com 303 mil — e as cidades que se lhes seguem em escala de importância populacional e que são, Coimbra, Setúbal e Braga — todas elas com população entre 40 e 46 mil — notava-se um vazio de núcleos urbanos intermédios, que poderia ser preenchido com cidades com população compreendida entre 50 e 200 mil habitantes.

Segundo Barbosa de Abreu (2), em 1960 «outro aspecto que continua a ser evidenciado é a ausência de centros compreendidos entre 200 000 e 50 000 habitantes. Se estas cidades que acabamos de citar (Coimbra, Setúbal e Braga) estão ainda, de algum modo, destacadas das restantes cidades mais pequenas do país, a verdade é que estão muito afastadas da posição que a lei de ZIPF lhes atribuiria. O diagrama seria muito mais regular se, por exemplo, Coimbra e Setúbal tivessem respectivamente 140 000 e 70 000 habitantes em vez dos 46 000 e 44 000 que apresentam».

EMPOLAMENTO SUBURBANO

4. De referir ainda que no último intercenso (1950-1960) se

Outros artigos desta série

— «As Cidades em que Vivemos», *pelo arquitecto Keil do Amaral (Suplemento «D. L.» 25/7/68).*

— «A Evolução da Cidade», *pelo arquitecto Carlos S. Duarte (Suplemento «D. L.» 1/8/68)*

— «As Casas que se Constroem», *pela arquitecta Luz Valente Pereira (Suplemento «D. L.» 8/8/68).*

— «O Valor da Paisagem», *pelo engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (Suplemento «D. L.» 15/8/68).*

— «Paisagem do Futuro», *por Gonçalo Ribeiro Telles (Suplemento «D. L.» 22/8/68).*

— «O Bairro de Habitação — Factor de Progresso», *pelo arquitecto João Reis Machado (Suplemento «D. L.» 29/8/68 e 5/9/68).*

— «A Estrutura do Povoamento», *pelo arquitecto Leopoldo de Almeida (Suplemento «D. L.» 12/9/68 e 19/9/68).*

— «Estrutura do Povoamento em Portugal continental», *por António Monteiro Alves (Suplemento «D. L.» 26/9/68)*

Um poeta português finalmente numa revista de renome internacional

O ÚLTIMO NÚMERO (57) de «La Quinzaine Literaire» inclui um extenso artigo de Claude Michel Cluny, intitulado *Une démesure magnifique* e dedicado a Fernando Pessoa.

Suscitada pela publicação das «Poesias de Alvaro Campos» pela Gallimard, a colaboração referida é notàvelmente rigorosa na exposição bibliográfica, salientando, além disso, com entusiástico rigor, a importância deste poeta, de quem, «parafraseando Cocteau, se poderia escrever que é uma mentira que exprime a verdade, isto é, a eterna realidade do homem situado num mundo em mudança...»

Lançado em edição bilingue, na prestigiosa colecção *Poesia du Monde Entier*, o volume de Alvaro de Campos possibilita ao público francês, segundo Claude Michel Cluny, o conhecimento de «um dos maiores poetas dos tempos modernos, no qual a escrita se envolve da força do grito». Referindo-se a «Passagem das Horas», o crítico de *La Quinzaine Littéraire* refere que neste poema «a escrita se absorve da realidade física do grito, e nele, pela força verbal, pela abertura total às percepções, quer do corpo, quer do sonho, e pela revolta que contém, não será exagerado descobrir o antecedente dos poemas de Alben Ginsberg.

Deste mesmo número do prestigioso quinzenário destaca-se uma colaboração sobre a literatura estrangeira, onde, com vistas à Feira de Francfort deste ano, que está prestes a encerrar-se, se faz o ponto sobre o estado actual das obras traduzidas em francês. Quais são os autores estrangeiros favorecidos e quais são os grandes ignorados — eis o objectivo da série de artigos que, sob a rubrica «Francfort», dão um balanço crítico do incontestável valor para se estabelecerem as necessárias correcções às cotações da grande bolsa do livro onde todos os anos se reúnem centenas de editores de mais de trinta países.

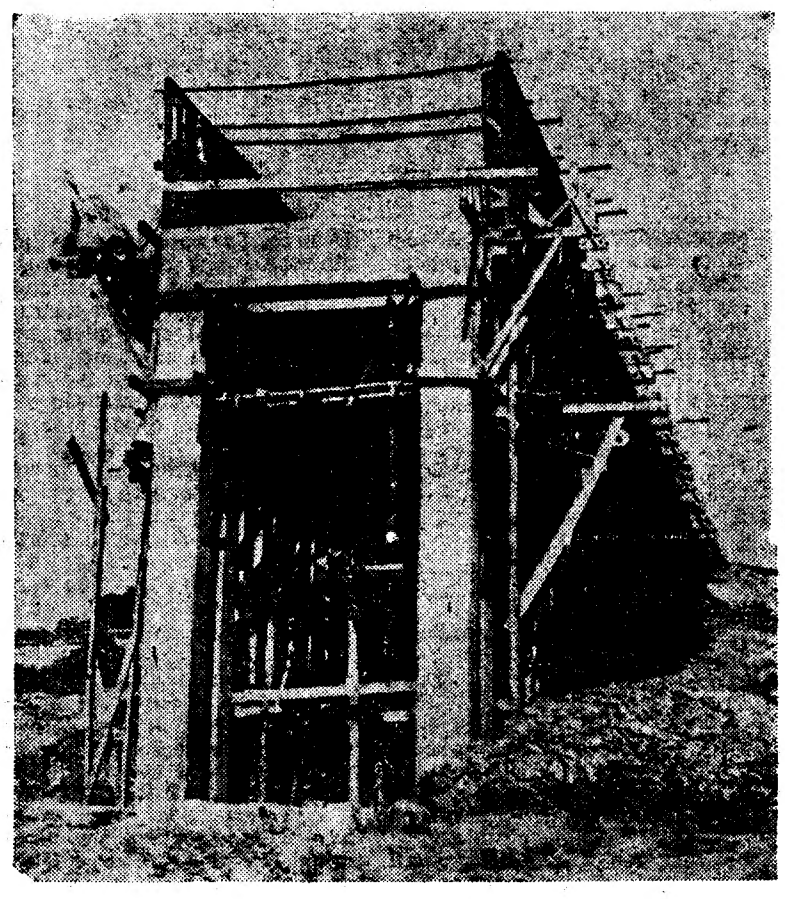
Completam este número apreciações sobre o escritor (renegado) soviético André Siniavski, sobre o romancista africano Yambo Onologuem (*Le Devoir de Violence*, ed. Le Seuil), Jules Roy (*Les Chevaux du Soleil*, ed. Grasset), George Painter (*Gide*, ed. Mercure de France), Jean Pommier (*Dialogues avec le Passé*, ed. Nizet), Pavel Tigrid (*Le Primptemps de Prague* (ed. du Seuil) e Jean Kuntzman (*Où vont les Mathématiques?*, ed Hermann). Marguerite Yourcenar, que o público português conhece através de *Memórias de Adriano*, concede uma notável entrevista a propósito do romance histórico; Predag Matvejevitch, em correspondência de Belgrado, analisa «A Jugoslávia na Hora do *Nouveau Roman*».

Um esclarecimento necessário

Com pedido de publicação, recebemos de Julio Conrado o seguinte:

«Numa nota crítica publicada no n.º 526 do Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» sobre o livro *A Francesa*, de Nita Climaco, faz-se alusão a uma hipotética referência minha a propósito de uma outra obra da mesma autora: *A Salto*. Para esclarecimento dos leitores e de R. S. (cuja citação, em todo o caso, agradeço) informo que não fui eu quem escreveu a opinião reproduzida na badana do novo livro de Nita Climaco — com excepção do último período, publicado, efectivamente, no jornal «O Século» (Balanço Literário de 1967).

Sobre o assunto troquei correspondência um pouco áspera com aquela escritora, que me apresentou desculpas por escrito, alegando que uma junção de recortes terá gerado o lamentável equívoco. Como considerei a justificação de Nita Climaco aceitável, pus uma pedra sobre o assunto. O comentário de R. S. obrigou-me a repor publicamente as coisas no seu lugar, lamentando eu que, entretanto, Nita Climaco não tenha feito, como lhe competia, a devida rectificação.»



A modificação da paisagem agrária, envolve novas distribuições de povoamento. (ponte-canal de Associro)

começou a notar uma forte tendência para a concentração humana nas zonas suburbanas das cidades de Lisboa e Porto, autênticos dormitórios de população que exerce actividade na grande cidade mas que não disoõe de poder de compra necessário para nela viver em condições condignas e prefere tal situação flutuante à vida em barracas e partes de casa nos bairros citadinos.

Em 1960 segundo uma estimativa recente (1) a população activa flutuante do aglomerado suburbano de Lisboa era de 211 585 em confronto com as 314 079 pessoas activas no mesmo periodo em Lisboa-cidade. Em termos de número de famílias, estimavam-se em cerca de 150 mil famílias vivendo no aglomerado suburbano, uma parte dos quais trabalha em Lisboa.

Nos últimos anos, embora não existam dados estatísticos fàcilmente disponíveis, tudo indica que a situação se agravou.

Ainda em 1960 os centros urbanos de Vila Nova de Gaia (45 mil habitantes), Matosinhos (37 mil), Amadora (36 mil), Almada (30 mil) e Barreiro (30 mil) concentravam em si população em número superior a quase todas as cidades do Continente, com excepção de Coimbra, Setúbal e Braga.

O empolamento das zonas suburbanas levanta importantes problemas no dominio do planeamento urbanistico, obrigando não só a estruturar as áreas suburbanas de acordo com uma vivência própria, como também em função dos pólos para que se dirigem e em torno dos quais se distribuem; em especial os problemas ligados à circulação assumem aqui um lugar importante, evigindo-se soluções adequadas no dominio dos transportes e dos canais de escoamento das massas humanas que diàriamente demandam as cidades.

PERSISTÊNCIA DO FENÓMENO

5. A assimetria no modo como se distribui o povoamento em Portugal tenderá a acentuar-se se se continuarem a manifestar os movimentos desencadeados com intensidade crescente há cerca de 2 décadas e não forem tomadas medidas convenientes, em especial no que se refere ao desenvolvimento económico de algumas das regiões do Continente através da implantação de indústrias motrizes capazes de virem a dar origem à formação de complexos industriais e de geral efeitos de propagação de rendimento e produção.

A maior parte da população activa concentra-se nos distritos de Lisboa e Porto e anda associada ao fenómeno da industrialização que se tem dirigido em especial para estas duas cidades, fruto das economias externas proporcionadas até certo ponto pela concentração industrial e da ausência de medidas tomadas pelas entidades governamentais capazes de darem lugar a um diferente tipo de implantação industrial.

Tem-se assistido a uma progressiva desertificação dos campos estimando Alberto de Alarcão (3) a soma das repulsões liquidas dos diferentes concelhos do continente de 1921 a 1960 em cerca de 1,5 milhões de pessoas, com uma taxa de intensificação de partidas cada vez mais elevada e que culminou com 780 mil trabalhadores a abandonar os meios rurais só no decénio de 1950-1960.

A repulsão das populações é particularmente expressiva nos distritos do Nordeste do País e em especial nos distritos de Viseu (77 mil entre 1950 e 1960), Guarda, Braga, Castelo Branco, Vila Real, Viana do Castelo e Beja (todos os valores superiores a 36 mil no mesmo período), contrapondo-se à dispersão geográfica das repulsões uma certa concentração de chegadas e destinos, em especial no que se refere aos polos de Lisboa e Porto.

NECESSIDADE DE UMA POLÍTICA DE REDISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO

6. A progressiva reconversão da agricultura e o fenómeno da industrialização em curso entre nós, alterará ainda mais as coordenadas da distribuição espacial da população sendo necessário tomar medidas enérgicas no sentido de reestruturar o modo como se implantam no espaço as actividades económicas, em especial a indústria, para que não se continuem a acumular em torno dos polos industriais de Lisboa e Porto dando origem a importantes problemas de planeamento urbano.

Para além de um rearranjo conveniente das massas que demandam as cidades — que é o que se tem vindo a fazer na maior parte dos países — é necessário também, e mais acentuadamente a partir de certa altura, estabelecer uma *política de redistribuição do espaço*, criando em novas zonas prèviamente escolhidas com condições favoráveis de desenvolvimento, um conjunto de empreendimentos que facilite o desencadear das forças de atracção que libertem outros pólos do anquilosamento provocado pela concentração humana para além de certo limite.

A tendência para o urbanismo é irreversível entre nós, e irá acentuar-se cada vez mais. Importa que sejam tomadas medidas convenientes e eficazes não se perdendo a oportunidade de orientar no melhor sentido a nova distribuição espacial que se vai gerar da população, procurando pôr à sua disposição um conjunto de meios que lhes possa proporcionar um estilo de vida equilibrado.

Como salienta de modo genérico Silva Pereira (1): «uma agricultura com explorações melhor dimensionadas e equipadas, cuja população bastante reduzida, passe a viver em menor número de aglomerados, onde disponha do equipamento urbano indispensável; uma indústria que não limite a irradiação da sua força de progresso a duas ou três regiões privilegiadas, mas contribua para o desenvolvimento equilibrado do País, com mais alguns polos de atracção; uma estruturação urbana racional, à medida do homem (e não só do homem válido, mas também da criança e do ancião) e não mais na dependência exclusiva dos critérios de usura — eis alguns traços exemplificativos de um possível programa para o futuro, tanto quanto o futuro pode ser previsto no presente em que vivemos».

(1) SILVA PEREIRA, Raul — «Habitação e Urbanismo em Portugal — alguns aspectos actuais» — Análise Social n.º 14 — Vol. IV — 2.º Trimestre 1966.

(2) BARBOSA DE ABREU, A. — «Escalonamento urbano do Continente Português» Análise Social n.os 7 e 8 — Vol. II — 2.º Semestre de 1964.

(3) ALBERTO DE ALARCÃO — «Êxodo Rural e Atracção Urbana no Continente» — Análise Social n.os 7 e 8 — Vol. II — 2.º Semestre de 1964.

Para onde irá a Literatura?

(Continuação da 1.ª página)

toda a doutrinação dos mestres realistas). E se um Zola concebe o naturalismo antes de o pôr em prática nos seus *Rougon-Macquart*, a castanha rebenta-lhe na boca, que o melhor da sua obra é exactamente aquilo que nela supera a doutrinação naturalista.

Quando nos interrogamos sobre o futuro da literatura dos nossos dias estamos a lembrar-nos de tudo que aconteceu no passado. Eis quanto basta para que aqueles que admitem havermos chegado a uma idade nova das letras condenem em bloco a nossa argumentação. «A literatura de hoje não tem nada que ver com a do passado», afirmam. «Entramos numa fase inédita na articulação da obra literária ao seu criador e na sua significação no quadro dos valores sociais. Pois não está tudo esclarecido pelo estruturalismo, pelo marxismo, pela filosofia da história?»

E os que assim crêem não admitem que se recorra ao exemplo dos escritores de ontem para fundamentar reservas quanto aos escritores de hoje. Tudo mudou. A práxis supera o homem. Há que admitir, portanto, a existência de uma literatura assente em bases novas. Eis a literatura que eles estão realizando.

Querem prova mais cabal do desvairamento que se apossou das letras dos nossos dias? Desvairamente fecundo, à maneira do de Rimbaud ou de Kafka? Não. Desvairamento suicida, à maneira de todos os desvairamentos que mais não são que a consequência da soberba do homem, Demiurgo intelectual convencido de que em cinquenta ou cem anos é capaz de destruir a obra de séculos. Em verdade será essa a única coisa que ele saberá fazer. Eis porque, consciente ou inconscientemente, todos os verdadeiros escritores dos nossos dias se perguntam, no fundo da sua consciência, para onde irá a literatura?

JOÃO GASPAR SIMÕES

A REVISTA «PREUVES» (número 209-210, de Agosto - Setembro) inicia a colaboração com um estudo de André Philip sobre os *Quatro Problemas da França*, que, na síntese do conhecido político, são a Universidade, a Questão Operária, a Atitude Geral (face à estrutura da sociedade) e o Estilo de Civilização. Pierre Uri, por sua vez, estudo, pelo ângulo da formação eleitoral, a conjuntura actual dos partidos políticos franceses, enquanto que Danièle Lochak e Gilles Lapouge fazem o balanço dos acontecimentos universitários.

No sector das Artes e Letras, evidenciam-se o artigo de Maurice Cranston sobre Foucault, a contribuição de Anette Vaillant sobre a exposição de Edouard Vuillard e um extenso comentário de Roger Dadouin a «Bonnie e Clyde», em que se põem em foco a dimensão sociológica e as repercussões de «estilo de vida» que a obra de Arthur Penn suscitou.

ACABA DE VIR A PÚBLICO A QUINTA EDIÇÃO DE

NEVE SOBRE O MAR

LIVRO DE NOVELAS DE JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

1.ª — Eudora. 2.ª — Ao longe os arranha-céus.
3.ª — O Mundo perdido. 4.ª — Evangeline.
5.ª — De Surabaya ao Broadway. 6.ª — Marcelle ou a carta para o prisioneiro.

Da crítica à primeira edição:

«Uma mestria, uma facilidade de exteriorização e uma observação de pormenores, que, por si, apenas, seriam o bastante para imporem o sr. Joaquim Paço d'Arcos como um grande escritor.»

Dr. Campos Lima, em «Sol»

«Paço d'Arcos, pela sua cultura e dons de observação, quer psicológica, quer dos ambientes, escreve novelas que não são vulgares em originais portugueses; e, contudo, escreve-as com a sensibilidade dum português. Seis novelas, seis grandes romances condensados.»

Armando Ferreira, em «Jornal do Comércio»

GUIMARÃES EDITORES

cinema:

A solidão do movimento

por José Vaz Pereira

A ULTRAPASSAGEM
Realizador: Dino Risi
Intérpretes principais: Vittrio Gassman, Jean-Louis Trintignant, Catherine Spaak
Distribuição: Filmes Castelo Lopes

Uma Roma deserta, um «Aurelia» sport a pedir reforma e o extravertido Bruno (interpretado com magnificência por Vittorio Gassman) bastam para sacudir um domingo sonolento e iniciar um grande êxito: *A Ultrapassagem*. Depois é o convite a um estudante de direito para uma escapada e o estabelecimento imediato dum poder de comunicabilidade que nem sempre surge no cinema.

De qualquer maneira não se pode confundir essa comunicabilidade com um tom superficial e epidérmico que povoa os Dinos Risis da época das comédias populistas estilo «pobres, mas belas...» O que ficou, sem dúvida alguma, dessa fase revela-se numa maneira ágil de trazer a câmara para a rua e colocá-la em movimento e num pendor quase instintivo para uma exteriorização enfática e espectaculosa, para uma vitalidade comunicativa que não exclui momentos de lúcida amargura *A Ultrapassagem*, ao longo da auto-estrada, devora quilómetros e vai descobrindo consciências.

Contra este aspecto, contra este olhar interior é forçoso reconhecer que algumas das qualidades de Risi funcionam como travão: há nele um epicurismo e uma carnalidade excessivamente fortes para confundirem o espectador incauto e para lançarem uma autêntica cortina de fumo diante dos olhos, capaz de ocultar a inquietação profunda que o filme possa ter.

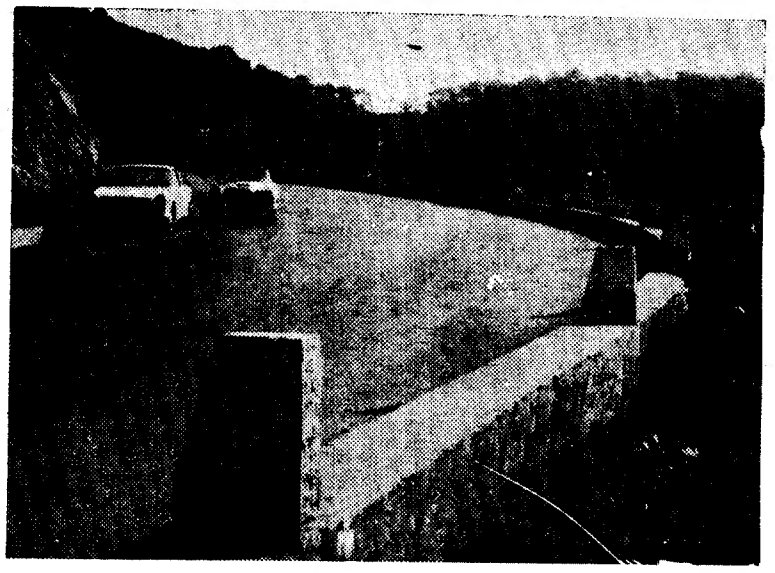
Seremos levados, assim, a prestar atenção ao palco quando é nos bastidores (casa dos tios de Roberto, apartamento da mulher de Bruno, restaurante de Civittavechia) que as coisas verdadeiramente importantes e desencantadas se passam. Se bem que todos tenham reparado que o Bruno que quase monologa ao volante sobre a vida passada conta mais do que o Bruno que insulta os outros automobilistas.

E essa exploração dum indivíduo aparentemente cheio de à-vontade mas que acaba por reconhecer-se um simples zé-ninguém num mundo povoado pela arrogância do dinheiro e pelo desmantelamento progressivo dos lacos afectivos e de solidariedade sobrepõe-se também a uma crítica social em que Risi nunca encontra a dimensão justa nem o sentido dos verdadeiros valores em jogo.

Claro que com *A Ultrapassagem* se abriu caminho a uma série de reflexões mais ou menos cómicas, mais ou menos azedas sobre o «milagre» italiano e em que heróis como Gassman, Sordi ou Tognazzi, por entre a nostalgia da juventude, caprichos de esposas bonapartismo dos superiores e a ambição secreta de transformar o «Fiat 600» num «Lancia Zagato», descobriam as realidades quotidianas da era da «abertura à esquerda». Comédias que, possivelmente, amanhã (sem entrar em linha de conta com a contingência do seu valor artístico) poderão documentar com fidelidade as certezas e as incertezas dum «boom» que modificou a fisionomia da sociedade transalpina e em que os tecnocratas, tal como os marcianos de H. G. Wells, chegaram sem avisar.

E seria curioso ver como a análise da conjuntura expansionista provocou uma pura inflação cinematográfica: tivemos centenas de vezes os mesmos comendadores, os mesmos empregaditos esforçando-se por subir, as mesmas bonecas desmioladas, a mesma indulgência pelo peixe miudo que sobrevive à custa de golpes, a mesma preocupação obsessiva com os símbolos exteriores da prosperidade. Rever agora o filme de Risi leva-nos a pensar que vale todos os outros e explica todos os que lhe vieram na peugada: o que havia a dizer ficou dito e concluido nele.

Fora disso, existe a eterna simpatia pelo pobre diabo descontraído e simpático, no fundo infeliz e atroando as estradas com o «klaxom» impertinente duma caranguejola em 2.ª mão. Bruno é já outra humanidade que nem sempre a tela regista: a humanidade que podemos encontrar na rua, o homem real com quem nos cruzamos, com quem nos identificamos. Com a sua inconsequência e a sua percepção que algo o atraiçoa, desde a rapariga de água mineral que lhe resiste até à filha que faz um casamento calculista e que as suas ultrapassagens frenéticas não são mais do que o esbracejar inútil e grotesco dum homem espantalho que não ousa pronunciar e atribuir-se a palavra falhado.



«A ultrapassagem» (na meia abstracta...)

Mas a ambiguidade de Risi reside no facto do Bruno semidestruído iluminar um Roberto que descobre algo de diferente da monotonia infindável dos seus dias. É um «sprinter» já sem fôlego que transmite o testemunho a um atleta que só tardiamente entrou na pista. E que, talvez por isso mesmo, se embriaga com uma liberdade que ainda não tivera tempo de comprar com uma verdadeira independência humana.

O carro dá duas reviravoltas, cinco cabriolas, despenha-se por penhascos. Bruno saíu a tempo, o seu companheiro não escapa duma amálgama de ferros torcidos e carroçarias despedaçadas. Quase teria a mesma frase-epitáfio que Bruno pronunciou a propósito de ter feito cair a prateleira da casa de banho do amigo recém-adquirido e logo perdido para sempre: *sono veramente sorry*.

«POT RALLY»

Do outro lado do Eden

Numa confissão que foi «best seller» no ano passado — *J'étais Un Drogué*, Éditions du Seuil — o jornalista Guy Champagne veio pôr a nu os bastidores da droga e todo o esquema de alienação a que ela conduz. Sem o carácter sistematizado e sem o nível científico de outros documentos análogos, entre os quais se destacam os extraordinários depoimentos de Henri Michaux, o autor deste livro — o jornalista Guy Champagne descreveu, no entanto, alguns estados de comportamento sob a égide dos estupefacientes e concluí da sua própria experiência que «a droga é mais terrível do que uma crença cega: é a esperança a três dimensões. De cada vez nos julgamos prestes a atingir o limite, de conhecer, enfim, a chave do mistério.»

Aviso aos iniciados na viagem dos alucinogéneos, o livro de Guy Champagne é um libelo violento ilustrado por um contacto directo, longamente experimentado, que se vem opor com oportunidade a uma imensa avalhanche de literatura publicada sobre o tema nos últimos anos.

Do outro lado do Eden não faltam vozes discordantes nem campanhas de legalização como aquelas que constantemente noticia a imprensa e que, sob argumentos de toda a ordem visam á libertação das sociedades de consumo com toda a repressão que elas comportam no plano económico e da mentalização. Sabe-se que O'Lehary e Ginsberg encaminharam por aí o seu apostolado lírico e sabe-se também que a cruzada intelectual que propagavam se enervoou com os fumos paradisíacos dessa «religião».

Enquanto isso as reivindicações não cessam. O jornal britânico «International Times», com a sua paginação protopsicadélica e a sua rede de distribuidores voluntários, tornou-se um dos porta-vozes do *Pot rally* (*pot* como *mach*, como *Cunch*, como uma infinidade de expressões é designativo de droga), um tipo de campanha publica destinada a levar á câmara dos legisladores o protesto contra a maldição que pesa sobre os paraísos artificiais. E assim por diante.

Recentemente, Charles Duits em *Le Pays de l'Éclairement*, (ed Denoël) vem alinhar nas brigadas dos defensores. Num memorial de tom lírico-místico-filosófico — palavras do crítico Paolo Caruso — descreve o seu convívio pessoal com o *peyotl*, a famosa planta sacramental de que já falaram Huxley, Arthaud e Michaux e cujos efeitos se assemelham aos do ácido lisérgico, (LSD), à mescalina e outros alucinogéneos químicos. Relatando as modificações psíquicas e sensoriais por ele experimentadas e desenvolvendo toda uma teoria sobre as implicações ideológicas e culturais que o fenómeno engloba, Charles Duits insere-se no movimento científico da parapsicologia, exalta a corrente literária do neo-surrealismo e alia-se à chamada revolução psicadélica, que será, em seu entender, a desmistificação dos usurpadores da consciência e dos beneficiários do comércio proibido.

Uma rebelião destes moldes e com tão especiosos objectivos pode todavia levar a consequências extremamente graves e até contraditórias. Agir contra o *statu quo* isolando-se dele, como renúncia, é um tipo de resistência passiva ao costume e à lei que, por esta via e cada vez mais, redunda em demissão isotérica. E por mais que tabu seja um secreto aliciante e se torne vantajoso desmitificá-lo, tirando-lhe os prestígios de paraíso inacessível, não se segue que a sua divulgação em termos de base de existência seja um meio de terapêutica adequada ou que os adeptos do *pot* representem no mundo de hoje e de sempre a vanguarda dos homens conscientes.

JORGE SERRÃO